

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

Algir Facco da Silva

**A INSERÇÃO DOS PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE
IMIGRAÇÃO ITALIANA**

Santa Maria, RS

2020

Algir Facco da Silva

**A INSERÇÃO DOS PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE
IMIGRAÇÃO ITALIANA**

**Texto de dissertação apresentado
ao curso de Pós-Graduação em
Ciências Sociais, da Universidade
Federal de Santa Maria (UFSM,
RS), como requisito parcial para
obtenção do título de Mestre em
Ciências Sociais.**

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Catarina Chitolina Zanini

Co-orientador: Luis Fernando Beneduzi

Santa Maria, RS

2020

da Silva, Algir Facco
A inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração
Italiana / Algir Facco da Silva.- 2020.
118 p.; 30 cm

Orientadora: Maria Catarina Chitolina Zanini
Coorientador: Luis Fernando Benuduzi
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Ciências Sociais, RS, 2020

1. Padres Palotinos 2. Religiosidade 3. Imigrantes
Italianos 4. Catolicismo 5. Anticlericalismo I. Zanini,
Maria Catarina Chitolina II. Benuduzi, Luis Fernando
III. Título.

Algir Facco da Silva

A INSERÇÃO DOS PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE
IMIGRAÇÃO ITALIANA

Texto de dissertação apresentado ao curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Aprovado em 18 de março de 2020:



Maria Catarina Chitolina Zanini, Dr^a. (UFSM)

(Presidente /Orientadora)



Ceres Karam Brum, Dr^a. (UFSM)



Vitor Otávio Fernandes Biasoli, Dr. (UFSM)

Vitor Otávio Fernandes Biasoli, Dr. (UFSM)

Santa Maria, RS

2020

AGRADECIMENTOS

Ao final deste trabalho tenho muito a agradecer, especialmente a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de construir conhecimento durante a realização desta pesquisa, desenvolvida em uma Universidade pública, gratuita e de qualidade.

Além disso, muitas pessoas contribuíram na concretização deste sonho, em especial:

À professora Dr^a Maria Catarina Chitolina Zanini pelas palavras de incentivo, pelo empenho e dedicação na orientação da pesquisa sendo fundamental para o êxito deste trabalho;

Ao professor Dr Luis Fernando Beneduzi pela sua contribuição e co-orientação desta pesquisa;

À professora Dr^a. Ceres Brum pela oportunidade de pensar minha temática através dos atores trabalhados no decorrer de suas disciplinas;

Ao professor Dr. Vitor Otávio Fernandes Biasoli pelas contribuições e pela disponibilidade de avaliar este trabalho;

Aos padres palotinos Clésio Facco, Juliano Dutra, Ladio Girardi e Casemiro Facco pelos depoimentos que enriqueceram este trabalho;

Aos Padres e Irmãos Palotinos que através da convivência próxima de alguns anos, auxiliaram no meu crescimento pessoal. Esta pesquisa representa uma pequena retribuição pelo muito que recebi durante o período que convivi no seminário palotino.

A Iara minha esposa, pelo companheirismo, dedicação, incentivo e por estar ao meu lado e me apoiar em todos os momentos, especialmente os mais turbulentos;

Ao Leonardo e Otávio por sua existência, sua presença no decorrer deste percurso, sendo em muitos momentos apoio, esperança e incentivo para não desanimar.

Quem confia em Deus não se perturba. Se você está perturbado, é sinal de que você não confia o suficiente.

(São Vicente Pallotti)

RESUMO

A INSERÇÃO DOS PADRES PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

AUTOR: Algir Facco da Silva

ORIENTADORA: Prof^ª. Dr^ª. Maria Catarina Chitolina Zanini

CO-ORIENTADOR: Luis Fernando Beneduzi

A presente dissertação tem por objetivo investigar a inserção dos padres palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana, no Rio Grande do Sul, Brasil. A Quarta Colônia foi um importante destino de imigrantes italianos que no final do século XIX e início do século XX, rumaram para o Brasil em busca de melhores condições de vida para suas famílias. Um grupo de imigrantes da localidade de Vale Vêneto enviaram um representante para Europa com objetivo de conseguir sacerdotes, nessa ação chegam até a Pia Sociedade das Missões, que aceita o convite e envia sacerdotes para acompanhar os imigrantes. Por meio de uma pesquisa bibliográfica e documental, este trabalho investigou a expansão da missão evangelizadora dos sacerdotes da Pia Sociedade das Missões nos núcleos coloniais da Quarta Colônia. Ao se inserir nos núcleos coloniais, os palotinos implementaram seu projeto missionário alinhados com a doutrina da Cúria Romana, o que fez os mesmos enfrentarem resistências por parte de algumas lideranças, grupos anticlericais e de padres diocesanos de cunho liberal, que não viam com bons olhos o avanço de sua missão. Mesmo enfrentando algumas resistências ao seu modelo de igreja, os palotinos, em poucos anos de missão, foram expandindo seu trabalho, contando com o apoio de colonos fiéis ao seu trabalho e as determinações da Igreja Católica. Em 1896 foram convidados pelo bispo diocesano para assumir a paróquia de Santa Maria, enfrentando forças contrárias, que não queriam a Igreja Católica com ação atuante nos assuntos políticos e sociais da cidade. A ação dos sacerdotes na administração da paróquia conseguiu reunir forças e apoio para ampliar seus projetos. A construção da Catedral e a vinda de Congregações de Cunho Educacional foi decisiva para a consolidação da missão palotina na cidade. Em um momento social tenso, com diversas construções sociais em movimento, os palotinos souberam se inserir no jogo político de forma decisiva e consolidar a Igreja Católica enquanto uma Instituição atuante, presente politicamente e socialmente na Cidade.

Palavras chave: Padres Palotinos. Religiosidade. Imigrantes Italianos. Catolicismo. Anticlericalismo.

ABSTRACT

THE INSERTION OF PALOTTINIAN PRIESTS IN THE FOURTH COLONY OF ITALIAN IMMIGRATION

AUTHOR: Algir Facco da Silva

ADVISOR: Prof. Dr. Maria Catarina Chitolina Zanini

CO-ADVISOR: Luis Fernando Beneduzi

The present dissertation aims to investigate the insertion of Pallottine priests in The Fourth Colony of Italian Immigration - *Quarta Colônia* - in Rio Grande do Sul State, Brazil. *Quarta Colônia* was an important destination for Italian immigrants who, in the late 19th and early 20th centuries, headed for Brazil in search of better living conditions for their families. A group of Italian immigrants from Vale Veneto, a district of São João do Polêsine sent a representative to Europe with the objective of bringing priests to Brazil to accompany the life of the immigrants. In that occasion, they reached the *Pia Sociedade das Missões*, which accepted the invitation and sent priests to Brazil. Through bibliographical and documentary research, this study investigated the expansion of the evangelizing mission of the priests of the Pia Sociedade das Missões in the colonial nuclei of *Quarta Colônia*. When inserting themselves into the colonial nuclei, the Pallottines implemented their missionary project in line with the doctrine of the Roman Curia, which caused them to face resistance from some leaders, anticlerical groups, and liberal diocesan priests who did not approve of such mission. Despite facing resistance to their model of church, the Pallottines expanded their work in just a few years of mission, counting on the support of settlers faithful to their endeavor and the determinations of the Catholic Church. In 1896, they were invited by the diocesan bishop to take over the Santa Maria parish while facing opponents that did not want the Catholic Church to act in the political and social affairs of the city. The action of the priests in the administration of the parish managed to gather strength and support in order to expand their projects. The construction of the cathedral and the coming of educational congregations were decisive for the consolidation of the Pallottine mission in the city. In a tense social moment with several social constructions in motion, the Pallottines knew how to insert themselves into the political game in a decisive way and consolidate the Catholic Church as an active institution present politically and socially in the city.

Keywords: Pallottine Priests. Religion. Italian immigrants. Catholicism. Anti-clericalism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	Mapa da Itália.....	25
Figura 2 -	Mapa do Brasil.....	29
Figura 3 -	Navio de imigrantes rumo ao Brasil.....	33
Figura 4 -	Deslocamento de imigrantes italianos em direção aos núcleos coloniais.....	34
Figura 5 -	Imagem de São Vicente Pallotti.....	51
Figura 6 -	Vale Vêneto em 1932.....	71
Figura 7 -	Inauguração do seminário de Vale Vêneto, em 1922.....	76
Figura 8 -	Seminaristas no Vale Vêneto, na década de 1940.....	78
Figura 9 -	Padre João Iop.....	80
Figura 10 -	Mapa de Santa Maria, RS.....	94
Figura 11 -	Padre Caetano Pagliuca.....	100
Figura 12 -	Alunos do Colégio São Luiz junto do padre Caetano Pagliuca.....	102
Figura 13 -	Trecho da Avenida Progresso (atual Rio Branco), com a Igreja Matriz, inaugurada em 1909.....	105
Figura 14 -	Clero católico em Santa Maria.....	108
Figura 15 -	Sacerdotes Palotinos.....	113

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: IMIGRAÇÃO ITALIANA NO RIO GRANDE DO SUL.....	24
1.1 O SONHO DA TERRA PROMETIDA.....	24
1.2 A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO E O LONGO CAMINHO ATÉ OS LOTES COLONIAIS.....	32
CAPÍTULO 2: A RELIGIOSIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS E A INSERÇÃO DOS PADRES PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA.....	39
2.1 A VINDA DOS PADRES PALOTINOS PARA O BRASIL.....	45
2.2 DESAFIO DE EXPANDIR O ULTRAMONTANISMO PELOS NÚCLEOS COLONIAIS.....	52
CAPÍTULO 3: OS SACERDOTES PALOTINOS ENCONTRAM RESISTÊNCIA AO SEU TRABALHO NA SEDE DA COLÔNIA.....	69
3.1 INSERÇÃO NA SEDE DA QUARTA COLÔNIA.....	72
3.2 O TRABALHO EDUCACIONAL DOS PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA.....	75
CAPÍTULO 4: A INSERÇÃO DOS PADRES PALOTINOS SE SOLIDIFICA NA PARÓQUIA DE SANTA MARIA.....	94
4.1 A DIFÍCIL TAREFA DE EVANGELIZAR NA PARÓQUIA DE SANTA MARIA.....	97
4.2 OS BISPOS ULTRAMONTANOS: APOIO E PARCERIA COM PADRES PALOTINOS PARA INSERIR NA QUARTA COLÔNIA UMA IGREJA ROMANIZADA.....	108
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	114
REFERÊNCIAS.....	118

INTRODUÇÃO

Esta dissertação tem por objetivo investigar como se deu a inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana¹, no estado do Rio Grande do Sul (RS), Brasil, especialmente quanto aos processos educacionais por eles desempenhados. Por educação se entende o processo do homem estar no mundo, sentir-se no mundo, em que as experiências educativas vão acontecendo ao longo de sua vida, permitindo que se adquiram conhecimentos e habilidades indispensáveis. Os Palotinos utilizaram todas as oportunidades possíveis para educar seus fiéis dentro da sua visão de mundo, sendo assim, os processos educacionais se deram por meio dos seminários e colégios, atividades pastorais, retiros, celebrações religiosas, visitas as famílias e convivência junto dos imigrantes. E, também, em atividades e práticas cotidianas nos locais em que se instalavam.

A grande pergunta que se quer responder nesta dissertação é como, em poucos anos de trabalho, a Pia Sociedade das Missões conseguiu ampliar sua atuação por vários núcleos coloniais e chegar ao município de Santa Maria (RS). A Pia Sociedade das Missões é uma importante congregação de padres e irmãos religiosos fundada por São Vicente Pallotti (pelo seu carisma)², que se fixou em Vale Vêneto, no interior do Rio Grande do Sul. Nossa pesquisa analisa a inserção dos Palotinos desde sua chegada a Vale Vêneto, em 1886, até 1930, com a consolidação da missão Palotina³ em Santa Maria.

¹ Em 1876, foi criado o Núcleo Colonial de Santa Maria da Boca do Monte, sendo os imigrantes russo-alemães (poloneses) os primeiros a chegar à região, em 1877. Insatisfeitos com as condições que lhes foram apresentadas, abandonaram o local pouco antes da chegada dos imigrantes italianos, em dezembro de 1877. O local passou a ser denominado de Quarto Núcleo Imperial de Colonização Italiana no Rio Grande do Sul, e, em 21 de setembro de 1878, teve seu nome alterado para Colônia Silveira Martins, em homenagem ao senador Gaspar Silveira Martins. Posteriormente, em 1882, deixou de ser colônia imperial e passou a ser administrada pela província, quando novamente, teve sua nomenclatura modificada, agora para Ex-Colônia Silveira Martins (Vendrame, 2007, p. 26).

² O “carisma”, segundo a doutrina da Igreja, é um dom do Espírito Santo que a pessoa recebe e, com este, contribui para que a missão da Igreja se cumpra. Conforme Lucas, Bonelli e Casarin: “Pallotti trabalhou sobretudo na renovação da Igreja. Percebia nela uma grande necessidade de reavivar a fé e reascender a caridade. Notava nela também um esfriamento do espírito missionário (...) O carisma, pois, de São Vicente Pallotti é o apostolado católico, isto é, a ação evangelizadora de todos os cristãos na Igreja para salvação do mundo. Despertar nos cristãos a consciência de uma vocação apostólica, missionária, evangelizadora” (LUCAS; BONELLI; CASARIN, 2002, p.25).

³ Missão Palotina: atividade missionária realizada no Brasil, pelos padres palotinos, a partir de 1886. Seus trabalhos tiveram início em Vale Vêneto (RS). A Pia Sociedade das Missões chegou ao Brasil a convite de um grupo de imigrantes italianos, que buscaram na Europa padres para prestar-lhes serviços religiosos (QUAINI, 2016, p. 9).

Ao se fixarem em Vale Vêneto, no ano de 1886, os Palotinos encontraram uma comunidade em construção, com necessidades que iam além do aspecto religioso. Os imigrantes italianos, quando lá chegaram, depararam-se com uma realidade muito diferente da anunciada pelos agentes de imigração, precisando abrir clareiras no meio da mata, construir suas casas, preparar a terra para ser cultivada com poucos recursos financeiros e materiais, além do sentimento de falta de sua terra natal. Além disso, precisaram se ambientar ao mundo brasileiro que a eles se apresentava e aprender coisas novas para sobreviver nesse novo contexto. Nesse cenário, a religiosidade desempenhou um papel fundamental e ainda não estudado em sua amplitude⁴.

Diante desse cenário, os imigrantes se sustentaram na sua religiosidade para superar as dificuldades e viram na vinda dos Palotinos a possibilidade de ter, além de auxílio religioso, apoio para o desenvolvimento da sua comunidade (VENDRAME, p.64). Nesse sentido, nossa pesquisa tem como objetivo estudar de que forma a inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana se processou junto dos imigrantes recém-chegados da Itália, no final do século XIX.

Os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões, ao chegarem à Quarta Colônia de Imigração Italiana, trouxeram consigo suas crenças, suas doutrinas e dogmas que orientavam seu mundo e o mundo de seus assistidos. A visão de sociedade e de cristão que os sacerdotes palotinos vão implementar nas colônias é fruto da sua visão ultramontana⁵ de mundo, na qual toda vivência religiosa é subordinada à figura do sacerdote. De acordo com Biasoli:

Começa, dessa maneira, uma ação sistemática da Igreja Católica ultramontana na área colonial italiana. A Pia Sociedade das Missões foi a primeira congregação religiosa orientada pelo ideário romanizador a instalar-se na região colonial italiana do Rio Grande do Sul. Além de atender a expectativa de “padre santo” dos colonos, ela se entendia financeiramente com as comunidades (BIASOLI, 2010, p. 96).

⁴ De acordo com Righi e Torri: “As necessidades comuns fizeram com que as famílias se unissem ainda mais na amizade e no auxílio mútuo. Pessoas que vieram da mesma Pátria, a Itália, mas possuidores de costumes, hábitos e dialetos diferentes, passaram a conviver e a lutar pelos mesmos objetivos e ideais” (RIGHI; TORRI, 2001, p.89).

⁵ O ultramontanismo foi uma “operação de cunho francamente bélico-espiritual e hierarquicamente verticalizada” (CÂMARA NETO, 2000, p.24). Segundo Biasoli, foi uma doutrina esgrimada pela hierarquia católica e que procurava, essencialmente, verticalizar o poder da Igreja [...] (BIASOLI, 2010, p. 22).

Geertz (1989) apresenta a cultura como uma estrutura de significados socialmente estabelecidos em um universo coletivo, a cultura como uma teia de significados entre os indivíduos que fazem parte do grupo, possibilitando sua comunicação e interação. Os símbolos religiosos unem a vida particular do indivíduo (GEERTZ, 1989). A religião, dessa forma, contribui para que o indivíduo organize sua visão de mundo, dê sentido a sua existência e organize a vida social (DURKHEIM, 2000). Os símbolos são usados para dar sentido às crenças que as pessoas vão construindo ao longo de suas vidas, “são formulações tangíveis de noções, abstrações da experiência fixada em formas perceptíveis, incorporações concretas de ideias, atitudes, julgamentos, saudades ou crenças” (GEERTZ, p. 105).

Geertz (1989) apresenta a religião como uma instituição que, por meio de seus “recursos simbólicos”, orienta as pessoas a acomodar e buscar respostas a problemas e situações difíceis que se apresentam em suas vidas.

Segundo Geertz:

Os símbolos religiosos oferecem uma garantia cósmica não apenas para sua capacidade de compreender o mundo, mas também para que, compreendendo-o dêem precisão ao seu sentimento, uma definição às suas emoções que lhes permita suportá-lo soturna ou alegremente, implacável ou cavalheiramente (GEERTZ, 1989, p. 120).

Para Geertz (1989), é mediante o ritual que a religião vai formar no indivíduo a convicção que as concepções religiosas são verídicas e que orientam de forma correta a vida das pessoas. O ritual religioso vai dar sentido à visão de mundo que cerca a vida do indivíduo e da sociedade em que ele está inserido, de modo que são “os rituais mais elaborados e principalmente os mais públicos que moldam a consciência espiritual de um povo” (GEERTZ, p. 129).

Dessa forma objetiva, nesta pesquisa, queremos conhecer quais elementos de significado culturais que estavam presentes nas vivências dos imigrantes italianos com os palotinos e suas trajetórias. A religiosidade dos sacerdotes palotinos vai conduzir suas ações nas colônias de imigrantes, incluindo sua crença na infalibilidade papal e numa Igreja hierarquizada. Na colônia, o padre, assim como a Igreja, são inquestionáveis, e essa visão de mundo e de sociedade será imposta pelos padres, mesmo enfrentando algumas resistências (BIASOLI, 2010).

De acordo com Santin:

A ordem social do imigrante italiano era teocêntrica. Os valores espirituais e religiosos, mesmo quando escamoteados, figuravam em primeiro plano. A figura do sacerdote pontificava soberana e absoluta. A igreja ou a capela eram o centro de atração, seja do trabalho, seja do lazer, pois a vida religiosa se confundia com trabalho e lazer (SANTIN, 1986, p.82).

Durkheim (2000) apresenta a religião como algo coletivo, com ritos, crenças, dogmas e cerimônias nas quais os indivíduos participam acreditando que essas atividades são determinantes para que suas vidas sejam “abençoadas”. Nesse sentido, a religião é apresentada como uma construção social que atua sobre os homens, um sistema de crenças e de práticas relativas a coisas sagradas que lhes fornece uma ordem de mundo. A religião produz uma comunidade moral, por meio da qual os indivíduos agem em uma mesma visão de mundo. A religião divide o mundo em duas esferas, o sagrado e o profano.

Segundo Durkheim: “Uma religião é um sistema solidário de crenças e práticas relativas a coisas sagradas, isto é, separadas, proibidas, crenças e práticas que reúnem numa mesma comunidade moral chamada Igreja, todos aqueles que a elas aderem” (DURKHEIM 2000, p. 32). A religião apresenta uma visão de mundo, que atende à forma como o indivíduo vai atuar na sociedade, ou seja, conduz a ação dos indivíduos dentro das sociedades em que estão inseridos.

Os imigrantes italianos, ao se fixarem nas colônias, unem-se em torno de sua fé: sua religiosidade é um elemento de união e confiança para vencer as adversidades que se apresentam em sua vida cotidiana. Os colonos, já nos primeiros anos, constroem capiteis, oratórios e pequenas capelas para expressar sua religiosidade. A capela passa a ser ponto de encontro, local onde se reúnem para rezar, para fazer reuniões e conviver.

Costa (in De Boni, 1996), aborda a questão das capelas serem locais de encontros, reuniões, celebrações e atividades sociais dentro das colônias. No início a capela surge com objetivo religioso, sendo um local para fazerem junto suas orações, para a rezar o terço e as ladainhas, entretanto, a capela com passar do tempo torna-se um local de encontro e convivência dentro da comunidade, local de se reunir, conversar, cantar e conviver, fonte de sociabilidade. Para Costa “o associativismo com que se formaram as comunidades das capelas e pela qual os primeiros imigrantes se organizaram em suas casas, fazia parte da vivência do dia- a – dia” (COSTA IN DE BONI, 1996, p.520).

Conforme Bonfada:

Ali erigiram um altar tosco. Ao seu redor se concentravam aos domingos para recitar o terço, cantar as ladainhas e ler trechos da Bíblia. A seguir, catequese aos jovens. Assim, lentamente, a vida foi mudando e voltando a alegria. Ah, como se sentiam felizes agora e podiam reunir-se na sua capela. Ouvindo aqueles cânticos sagrados, lhes parecia menos monótona a vida e sentiam saudades da pátria (BONFADA 1991, p.24).

Max Weber (1999), de uma forma interessante, aborda o tema da religiosidade trazendo a racionalidade pelas ações como elemento que orienta a ação do indivíduo na sociedade. Sendo assim, por meio do trabalho, se busca o ganho sistemático e racional, que está vinculado a uma racionalização social. Para que se tenha o máximo de rendimento, o trabalho deve ser executado como uma vocação (WEBER, 1999, p. 57).

Weber (2010) apresenta alguns conceitos fundamentais para que se possa entender a sociedade como um todo. Parece interessante destacar a definição que o autor dá à Igreja, que é uma instituição que exerce influência sobre os indivíduos que creem em seus dogmas de fé e orientam suas vidas de acordo com essas doutrinas. De acordo com Weber:

O conceito de “Igreja”, segundo o uso linguístico corrente (e adequado) é característico o seu carácter de instituição e de empresa (relativamente) racionais e a dominação monopolística pretendida, que se exteriorizam no modo de ordenações e do seu pessoal administrativo. À tendência normal da instituição eclesiástica corresponde a sua dominação territorial hierocrática e a sua articulação territorial (paroquial) embora, segundo os casos concretos, se tenha de responder de modo diverso à questão sobre quais os meios que reforçam semelhante pretensão monopolista (WEBER, 2010, p.109).

O imigrante italiano observava na Igreja um norte para guiar sua vida, uma instituição na qual depositava sua confiança. Na solidão dos núcleos coloniais, sentia a necessidade de ter junto de si sacerdotes que lhe prestassem auxílio religioso. O sacerdote era recebido com alegria, e a comunidade não mede esforços para atender suas solicitações. Por sua vez, o sacerdote utiliza sua autoridade para exigir da comunidade que se cumpram as orientações da Cúria Romana.

Em nossa pesquisa, vamos analisar como a Pia Sociedade das Missões foi se inserindo nos núcleos coloniais e impondo seu modelo de Igreja aos colonos que aceitavam seu auxílio religioso. O sacerdote passa a exercer um poder junto à comunidade em que está inserido. O fato de ser ele o representante da Igreja na comunidade, ser o mais instruído e, em alguns casos, ser ponto de disputa entre os núcleos coloniais, faz do sacerdote um indivíduo que exerce autoridade nos núcleos coloniais nos quais atua.

Foucault (1979) não apresenta o poder como algo que está inserido nas instituições ou nos contratos políticos e jurídicos, mas como uma rede de poder articulada ao Estado que, por sua vez, atravessa toda a estrutura da sociedade, horizontalmente. Sendo assim, o poder vai se dar mediante a relação com outras estruturas de poder que existem na sociedade (FOUCAULT, 1979, p. 182)⁶. Poderia a religiosidade gerar e ser uma forma de poder? Como? De quem e sobre quem? E como se reproduzia?

No processo de inserção dos sacerdotes palotinos nos núcleos coloniais, o poder é um elemento que está presente nas relações entre os sacerdotes e o povo, entre os palotinos e outros sacerdotes que trabalhavam na região e, em alguns casos, o poder aparece nas disputas e intrigas ocorridas entre os próprios padres palotinos.

A inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana é um tema muito caro para mim, pois minha vida foi marcada pela experiência de viver por sete anos dentro da comunidade palotina como seminarista, sendo cinco anos no seminário Rainha dos Apóstolos, em Vale Vêneto e dois anos no colégio Máximo Palotino, em Santa Maria. Aos poucos, fui conhecendo a história da vinda e da entrada dos padres pelos núcleos coloniais.

A inserção dos sacerdotes palotinos na Quarta Colônia é algo que sempre me impressionou: como poucos padres em poucos anos foram ampliando sua área de atuação junto aos imigrantes que vinham da Itália? As dificuldades que enfrentaram para se deslocar por estradas rudimentares, a pé, a cavalo ou de carroça, para atender os imigrantes pelos núcleos coloniais, faziam-me pensar na coragem, dedicação e empenho dos padres, a fim de realizar sua missão evangelizadora.

A vida dentro do seminário foi me dando a noção de estar habitando um lugar carregado de história, de vivência e superação, um lugar que foi marcante para tantos jovens que, mais tarde, se tornariam sacerdotes ou irmãos palotinos e continuariam a missão dos primeiros padres que chegaram da Europa para prestar auxílio religioso aos imigrantes italianos.

⁶ Segundo Foucault: “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas, os indivíduos não só circulam, mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles” (FOUCAULT, 1979, p. 183).

Cheguei ao seminário de Vale Vêneto no dia 24 de fevereiro de 1992, um dia chuvoso. No início da tarde, o ônibus foi se aproximando e o seminário, a igreja matriz, as casas em volta da praça, foram ganhando forma. Algum tempo depois, descobri que o seminário tinha sido inaugurado em 1922 e 70 anos após sua inauguração, estava eu vivendo em um local pelo qual tantos jovens tinham passado. Fui me dando conta de que, por seus corredores, salas de aula e pátios, passaram milhares de jovens que, assim como eu, buscavam um sentido para suas vidas por meio de uma experiência religiosa. A vida dentro do seminário era intensa, com uma rotina de oração, estudo, convivência, missas, esporte, trabalho, na qual ainda sobrava tempo para tocar violão e ler um pouco antes de dormir.

Em Vale Vêneto, a cultura italiana é muito viva, por meio de festas, do sotaque carregado das pessoas, dos nonos cantando no bar da Sociedade músicas do folclore italiano. Isso me remeteu às histórias que, quando criança, ouvia de minha mãe, que contava que seus avós vieram crianças da Itália junto de seus pais. A viagem de navio, as dificuldades em alto mar, a vida na colônia ainda em formação e a conquista de um pedaço de terra para plantar e sustentar a família eram memórias que eu carregava e que foram fazendo eco nas tantas outras histórias que ouvi durante conversas com os moradores de Vale Vêneto.

No seminário, conheci o padre Genésio Bonfada, que ali permaneceu alguns meses. Um ano antes, em 1991, ele havia lançado o livro *A história dos Palotinos no Rio Grande do Sul*. Recebemos, eu e outros seminaristas, um livro cada um e, várias vezes, revisei aquelas histórias por ele contadas em seu livro. Muitos anos depois, em 2016, pensando em definir um tema para o meu projeto de mestrado, fui a Vale Vêneto para o lançamento do livro do padre João Quaini, intitulado *A origem histórica da Província Nossa Senhora Conquistadora*. Nesse livro, padre João Quaini faz uma reflexão na qual sustenta que a vinda dos Palotinos ao Rio Grande do Sul se dá “devido a duas razões fundamentais: o espírito missionário da Pia Sociedade das Missões / hoje Sociedade do Apostolado Católico, e ao insistente pedido de imigrantes católicos italianos” (QUAINI, 2016, p.9). Comecei a pensar, então, em pesquisar a inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana. O processo reflexivo e de estranhamento também esteve comigo durante todo o processo de pesquisa e de escrita desta dissertação. Afinal, eu necessitava tratar academicamente de um processo no qual, em parte, eu também estive inserido.

A presente dissertação realiza uma pesquisa bibliográfica e documental sobre a vinda e inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana, procurando conhecer a contribuição dos mesmos na formação das comunidades, na religiosidade dos imigrantes e seus descendentes. Por meio da pesquisa, buscamos conhecer os fatos que marcaram a vinda dos sacerdotes palotinos e sua inserção pela Quarta Colônia de Imigração Italiana. Verificamos a religiosidade dos imigrantes como algo determinante para a vinda dos padres palotinos, pois aqueles não mediram esforços e recursos para que a vinda dos sacerdotes fosse possível. Trabalhamos também com depoimentos de padres palotinos que narraram a vinda da Pia Sociedade das Missões junto aos imigrantes italianos.

Destacamos os atritos, as confusões e dificuldades que os padres palotinos encontraram em alguns núcleos coloniais, configurando, em alguns casos, uma resistência ao seu projeto ultramontano de Igreja. Por fim, pesquisamos a inserção dos palotinos na paróquia de Santa Maria, a superação das dificuldades encontradas, o embate com movimentos anticlericais e a solidificação de seu projeto de Igreja na cidade.

Nosso trabalho está em consonância com demais pesquisas que destacam a presença dos Palotinos no Brasil. Tomaz e Ziliani (2015), abordam a inserção dos Palotinos no estado de Mato Grosso do Sul a partir de 1946. Naquele local a missão palotina é retratada pelos autores como um fator determinante para o desenvolvimento de várias vilas que posteriormente se tornaram municípios. O trabalho dos palotinos se deu além do auxílio religioso, empenharam-se para construção de igrejas, escolas e serviços de assistência social para população.

Freitag (2011) trabalhou a presença dos Palotinos na região oeste do Estado do Paraná. Os palotinos a partir de 1930 passaram a atuar na região pregando missões populares, e através destas, realizavam batizados, casamentos, catequese para adultos e jovens. O autor destaca a chegada do padre Rafael Piveta à comunidade de Palotina no ano de 1954, quando o sacerdote, além de prestar auxílio religioso, torna-se uma liderança junto aos moradores. Freitag aborda também o fato dos Palotinos buscarem auxílio de Congregações religiosas de ensino. Silva (2018), aborda a presença dos Palotinos na Região Oeste do Estado do Paraná, onde os sacerdotes incentivaram a vinda de colonos do Estado do Rio Grande do Sul e Santa Catarina para colonizar o oeste paranaense. Segundo Silva, os Palotinos tinham interesse de evangelizar esses novos núcleos coloniais que estavam se desenvolvendo, oferecendo a população auxílio religioso e com isso expandir sua missão

evangelizadora. Observa-se, desta forma, que o processo que será analisado na região central do Rio Grande do Sul, pode ser vislumbrado em outros cenários também.

No **primeiro capítulo**, será abordado como os imigrantes italianos que, no final do século XIX, migraram para o Brasil na perspectiva de construir uma vida melhor com seus familiares. Os colonos que residiam no norte da Itália sofriam com a falta de trabalho e de oportunidades, em um país que passou por um período conflituoso de unificação. Os emigrados, em sua maior parte, não eram donos de suas terras em seu local de origem, onde trabalhavam como agregados e viam seus senhores ficarem com quase tudo que produziam, de modo que suas condições de vida na Itália eram precárias.

Os colonos italianos, em meio às dificuldades que viviam, passaram a ser alvo dos agentes de imigração contratados pelo governo brasileiro, os quais divulgavam a intenção do Brasil de receber imigrantes italianos. A possibilidade de vir para o Brasil, ganhar um pedaço de terra e dar uma melhor qualidade de vida para sua família, fez com que milhares de colonos deixassem a Itália e migrassem para o Brasil.

No **segundo capítulo**, será abordada a religiosidade dos imigrantes italianos e a vinda dos padres palotinos para a Quarta Colônia de Imigração Italiana. Os colonos italianos, lentamente, vão se instalando nos lotes coloniais, abrindo a mata, construindo suas casas e fazendo surgir os primeiros núcleos coloniais. Assim, a vida na terra nova começa a se estruturar e a se reproduzir.

Os imigrantes italianos trouxeram consigo sua religiosidade, sua crença e sua fé, mas, ao se instalarem em uma região ainda não habitada, não encontraram auxílio religioso da forma que recebiam na Itália. A falta de um sacerdote para presidir as celebrações, batizar as crianças, abençoar os casamentos, dar a unção dos enfermos para os doentes, consistia em um vazio na vida dos imigrantes, como relata Lorenzoni (1975) em suas memórias. A paróquia de Santa Maria, nesse momento, não conseguia prestar auxílio religioso aos núcleos coloniais que estavam em formação e expansão (QUAINI, 2016).

Um grupo de colonos de Vale Vêneto reuniu recursos e enviou para a Itália um procurador com o objetivo de encontrar sacerdotes dispostos a vir para o Brasil e prestar auxílio religioso aos imigrantes. Algumas lideranças entre os colonos perceberam que a presença de um sacerdote residindo no núcleo colonial faria com que o núcleo passasse a ter certa superioridade em relação aos demais núcleos. A presença do padre fazia com que as demais capelas ficassem atreladas à capela onde o padre residia e, mais tarde, com a

designação de paróquia, os demais núcleos coloniais ficavam subordinados à paróquia (COSTA in DREHER, 1998, p. 167).

Dessa forma, os colonos, por meio de seu representante, batem à porta da Pia Sociedade das Missões e pedem que à ela que envie sacerdotes para atender os imigrantes italianos instalados na Quarta Colônia de Imigração Italiana, no Brasil. A iniciativa dos colonos de Vale Vêneto de buscar padres na Europa para prestar-lhes auxílio religioso e a vocação missionária dos padres palotinos foi determinante para que estes iniciassem, no interior do Rio Grande do Sul, em um pequeno núcleo colonial, um ambicioso projeto missionário, que, ao longo dos anos, se expandiu por várias regiões do Rio Grande do Sul e por vários estados brasileiros (ZARO, 2016).

Beneduzi (2008) aborda o fato da vinda de imigrantes italianos para outros núcleos coloniais na Serra Gaúcha, onde os padres os acompanharam prestando auxílio religioso. Os camponeses que vieram para o Rio Grande do Sul eram na maioria da região de Vêneto, traziam de sua terra natal uma forte vivência religiosa, sendo o padre visto como uma benção para a comunidade, sinal da presença da igreja e sinal de prosperidade do núcleo colonial. Os imigrantes italianos contribuíram para que a igreja implementasse seu modelo ultramontano, uma vez que os imigrantes já estavam familiarizados com a visão de mundo que a Igreja católica estava implantando por meio das congregações religiosas vindas da Europa. Para Beneduzi: “A observância dos sacramentos, a participação masculina no mundo religioso, o lugar primeiro da capela são algumas formas de expressão da que os imigrantes trouxeram consigo, as quais estarão em sintonia com a igreja que se está produzindo” (BENEDUZI, 2008, p.53).

No terceiro capítulo, será analisada a inserção dos padres palotinos e os desafios que enfrentaram para que seu projeto missionário se desenvolvesse. Os sacerdotes palotinos eram adeptos do ultramontanismo, uma corrente teológica que tinha o papa como uma autoridade infalível, um modelo de Igreja centrado na hierarquia, em cujo topo estavam o papa, os bispos, os sacerdotes e, por último, o povo. Em alguns núcleos coloniais, os padres palotinos vão encontrar focos de resistência ao seu projeto de evangelização.

Nessas comunidades, o padre exercia uma forte liderança junto aos colonos, sua autoridade não era questionada, suas determinações iam além dos aspectos religiosos e influenciavam as decisões, as atividades e rumos que o pequeno núcleo colonial devia seguir. Entretanto, em alguns núcleos coloniais e principalmente em Silveira Martins, sede

da colônia, havia disputas, intrigas e a autoridade do sacerdote era questionada por pessoas que não viam com bons olhos o projeto missionário dos palotinos. Segundo Vésicio “se há em Silveira quem apoie os padres, há aqueles que os criticam. Existem colonos católicos, mas também anglicanos e protestantes. A vida pulsa orientada por ideias conflitantes, resultando no confronto de ideias que leva a ações de enfrentamento” (VÉSCIO, 2001, p.77).

O projeto evangelizador dos sacerdotes da Pia Sociedade das Missões, centrado na hierarquia eclesial, em alguns núcleos coloniais, irá enfrentar resistências. Alguns colonos com ideais liberais e outros defensores do processo de unificação da Itália, veem os padres palotinos como autoritários e centralizadores, ao exigirem dos colonos obediência às determinações da Cúria Romana.

Os sacerdotes palotinos, ao expandir seu trabalho pela Quarta Colônia de Imigração Italiana, enfrentam resistência de sacerdotes liberais, que não aceitavam a doutrina ultramontana determinada pela Cúria Romana. Em Silveira Martins, sede da colonização, o Padre Sório via com preocupação o avanço dos palotinos pelas suas freguesias (BIASOLI, 2010). Em Arroio Grande, o Imigrante Andrea Pozzobon exercia sua liderança na comunidade para solicitar ao bispo que ela fosse atendida por outros sacerdotes que não os palotinos (POZZOBON, 1997).

Há também alguns casos de atritos e confusões provocados por padres palotinos, que contribuíram para que seu projeto enfrentasse descrédito e dificuldades de instalação nos núcleos coloniais. Um fator determinante para o êxito do trabalho missionário dos palotinos foi o apoio que receberam dos bispos de Porto Alegre, que, por serem eles também adeptos ao ultramontanismo, não mediram esforços para dar aos sacerdotes da Pia Sociedade das Missões todas as condições de realizar seu trabalho missionário na Quarta Colônia de Imigração Italiana.

No quarto e último capítulo, será analisada a chegada dos palotinos ao município de Santa Maria, cidade na qual a Igreja Católica enfrentava muitas dificuldades. A paróquia de Santa Maria tinha uma capela em ruínas, com poucos fieis participando das celebrações e com sacerdotes desacreditados.

O ambiente em Santa Maria era hostil em relação aos representantes da Igreja Católica. O padre Marcelino Bittencourt havia sido agredido em plena luz do dia na praça Saldanha Marinho por um grupo de cavaleiros. Alguns anos depois, o padre Carlos Becker

foi ameaçado de morte e precisou se retirar, às pressas, da cidade. O bispo dom Cláudio, em visita à cidade, também foi ameaçado de morte (BIASOLI, 2010).

Diante dessa situação, o bispo oferece aos padres palotinos a paróquia de Santa Maria, os quais, por sua vez, escalaram o padre Pedro Wimmer para assumir a missão de evangelizar em meio a esse contexto de hostilidade em relação aos membros da Igreja. Padre Wimmer enfrentou resistência em seu trabalho, sendo ameaçado de expulsão da cidade, por não aceitar as determinações de forças contrárias ao modelo de Igreja que a Pia Sociedade das Missões implantava.

Após esse período inicial de inserção na paróquia de Santa Maria, padre Wimmer foi substituído pelo padre Caetano Pagliuca que, em pouco tempo, mobilizou seus paroquianos a participar mais ativamente dos rituais cristãos católicos. Ele também promoveu a construção da igreja matriz; convidou instituições religiosas educacionais que, em poucos anos, receberam em suas escolas os filhos das elites de Santa Maria e região; buscou apoio de pessoas influentes da cidade para a realização de seus projetos, mesmo que estes não fossem cristãos católicos.

Segundo Karsburg:

Em Santa Maria, os Palotinos aproximaram-se da sociedade – principalmente do grupo mais abastado – e, juntos, alteraram rapidamente a situação precária em termos de estrutura eclesiástica, tanto que, em 1910, a cidade se tornou uma diocese (KARSBURG 2007, p. 264).

Os Palotinos, em poucos anos de missão, conseguiram expandir sua inserção por uma grande região do estado do Rio Grande do Sul. O ponto de partida foi o núcleo colonial de Vale Vêneto, passando, na sequência, aos demais núcleos coloniais e, com a morte do padre Sório, chegando a Silveira Martins, sede da colonização. Ao assumirem a paróquia de Santa Maria e com as ações ali promovidas pelo padre Caetano Pagliuca, os padres da Pia Sociedade das Missões passaram a exercer influência, também, na formação da elite santa-mariense.

Os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões, ao aceitarem o convite dos imigrantes italianos, dão início a uma nova fase na sua atividade evangelizadora, trazendo para o Brasil seu modelo de Igreja, uma instituição hierárquica, em que as figuras do papa, do bispo e do padre são inquestionáveis por parte do povo. Modelo de Igreja que encontra resistência por parte de uns, mas apoio de outros, como os colonos, certas pessoas influentes e lideranças

da comunidade, assim como do Bispo, interessado em expandir o ultramontanismo em sua diocese.

Compreendemos que estudar esse período e esse processo histórico é importante para conhecer e entender como se deu a expansão do projeto evangelizador dos padres palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana e também como era a vivência da religiosidade por parte dos imigrantes italianos e seus descendentes. Além disso, a vinda dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul, com objetivo de construir uma nova vida na América, se traduz em uma parte importante de nossa história. Assim, ao observar os vínculos entre migração e religiosidade, se pode melhor compreender como determinadas dinâmicas sociais acontecem e de que forma.

Em suma, compreende-se que este estudo é somente um ponto de vista acerca da religiosidade dos imigrantes italianos e seus descendentes na região, bem como uma visão da inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana.

CAPÍTULO 1 – IMIGRAÇÃO ITALINA NO RIO GRANDE DO SUL

1.1 O SONHO DE FORTUNA (E FARTURA) NA TERRA PROMETIDA

Os imigrantes italianos almejavam encontrar no Brasil uma vida melhor, sonhavam em ter um pedaço de terra que fosse seu e dali tirar o sustento para sua família. A vida de dificuldades que levavam na Itália fez com que camponeses e outros trabalhadores viessem para o Brasil. Uma leva de imigrantes teve como destino o Rio Grande do Sul. Vamos abordar, em nosso trabalho, os imigrantes que vieram para a colônia de Silveira Martins, formando a Quarta Colônia de Imigração Italiana.

A imigração italiana no Rio Grande do Sul teve início em 1875 com a chegada dos primeiros colonos italianos à região da Serra Gaúcha (DE BONI, 1987). A colônia de Silveira Martins recebeu a primeira leva de imigrantes italianos em 1877. Essa colônia ficou afastada das três anteriores, situada na região central do estado, próxima ao município de Santa Maria (GIRON, 2007). Iniciou-se, assim, uma progressiva e constante mobilidade de imigrantes italianos para o sul do Brasil que, nas décadas seguintes, traria milhares de famílias para o Rio Grande do Sul.

O governo brasileiro tinha interesse de receber imigrantes europeus e, com isso, “branquear” a nação brasileira e habitar a Região Sul, na qual existia uma grande área de terra considerada desabitada (BONFADA, 1991, p.10). A vinda de imigrantes italianos para a região modificou o cenário social, econômico e religioso, pois, junto com imigrantes, vieram seus costumes, suas tradições e, principalmente, sua religiosidade. E essas características a influenciaram toda a região, com o passar dos anos.

A política imigratória do governo brasileiro no final do século XIX deixava explícita a preferência por imigrantes brancos. O Decreto nº 528 de junho de 1890, em seu art. 1º dizia que era livre a entrada de homens aptos ao trabalho no Brasil, com exceção aos que possuíam uma ação criminal, aos indígenas da Ásia e da África, sendo que esses só poderiam entrar no Brasil com uma autorização. O governo brasileiro queria que migrassem para o Brasil cidadãos europeus, que poderiam contribuir para o chamado progresso civilizatório da nação brasileira (ZANINI, 2006).

Conforme Righi e Bisognin (2001), a Itália tinha passado por um período conflituoso de unificação e estava enfrentando um momento de miséria econômica. Naquele momento, a maioria da população era obrigada a trabalhar como empregada ou em terras arrendadas dos senhores que, com o passar dos anos, ficavam cada vez mais ricos enquanto seus empregados e arrendatários ficavam ainda mais pobres, gerando um sentimento popular de revolta contra as classes dominantes e contra a situação triste em que se encontravam.

Para Giron, “a Itália era um país agrário, que condenava suas classes populares à miséria e à fome. A miséria, a ausência de terras, a falta de capital e de matéria-prima foram os principais fatores que estimularam a emigração italiana” (GIRON, 2007, p. 31).

Figura 1 - Mapa da Itália.



Fonte: www.escolaeducacao.com.br

A situação de uma grande parcela da população italiana era de pobreza; com as terras na mão dos senhores, os camponeses não tinham como sustentar suas famílias. O consumo de carne pelos colonos italianos era algo muito raro, não passando de algumas vezes ao ano. Fontes da época citam 400 mil mortes anuais, em decorrência das péssimas condições de higiene, da existência de poucos médicos e, principalmente, da fome (MACHADO, 2005, p.26).

Em meio ao processo de unificação da Itália, a vida dos camponeses e trabalhadores da terra era extremamente difícil, segundo De Boni:

Os habitantes do campo ficavam sempre mais entregues à produção agrícola, contra a qual, além de vários anos de péssimas colheitas, erguiam-se os mais diversos obstáculos, tais como o aumento excessivo dos impostos, a concorrência com produtos estrangeiros – quando do liberalismo alfandegário -, e o boicote alfandegário de outros países – no período do protecionismo (DE BONI, 1997, p.51).

Nesse cenário, o Estado brasileiro, em consonância com o Estado italiano, passou a divulgar e organizar, por meio da Companhia de Imigração, a vinda de imigrantes italianos para o Brasil. Migrar para o Brasil passa a ser a possibilidade de libertação da vida miserável que levavam os camponeses italianos, significava um gesto de revolta contra os patrões que os exploravam, ficando com a maior parte do fruto de seu trabalho (VENDRAME, 2007, p. 25).

De Boni (1977) aborda essa questão ao trazer para o diálogo uma correspondência de Paulo Rossato, imigrante italiano, que se comunica com seu pai. Na carta, Rossato demonstra sentimento de rancor em relação aos antigos patrões que lhes cobravam altos impostos sobre a terra arrendada, sobrando, assim, pouco para o sustento dos colonos. Rossato sugere que os familiares que ficaram na Itália deveriam vir para o Brasil “alegres, cantando, pois, não convém que vocês partam chorando: não tenham medo de deixar amigos que são inimigos” (DE BONI, 1977, p. 50).

De acordo com Saquet:

A emigração italiana verificada no último quartel do século XIX foi uma manifestação da luta de classes, agindo como uma *válvula de segurança*. Tanto a intensificação na mobilidade espacial como a luta de classes foram resultantes dos processos sociais vigentes, da subordinação, da expropriação e exploração de operários e camponeses, que tinham, na emigração, uma alternativa para a busca de melhores condições de vida (SAQUET, 2005, p.6).

A possibilidade de deixar para trás a vida de escassez, as privações e a falta de perspectiva de que a situação pudesse melhorar foi alimentando o “sonho” dos imigrantes de que, no Brasil, a vida poderia ser melhor. Começa a nascer a esperança de possuir sua própria terra e de tirar dela seu o sustento. É sonhando com essa vida nova que tomam a decisão de deixar tudo para trás, a família, os amigos, a pátria, e partir para o Brasil atrás de seu sonho.

Segundo Cenni:

O sonho de todo modesto agricultor italiano que, atravessando o oceano, enfrentava o desconhecido, depois de ter visto pais e avós trabalhando toda vida na terra de outrem, era certamente o de possuir seu campo, sua casa, de fazer sua colheita e depois poupar o fruto de seu trabalho, garantindo assim um futuro melhor para os seus descendentes (CENNI, 2003, p.155).

Migrar é um acontecimento que marca profundamente a pessoa. Conforme Magro: “Emigrar não é só sair do lugar ou da própria terra natal. É separar-se de entes queridos, dos membros da própria família e da própria comunidade é desenraizar-se do ambiente sócio cultural que a gente nasceu” (MAGRO, 2001, p.47). Ao buscar fugir da vida que viviam na Itália, os imigrantes precisaram tomar uma decisão muito difícil, sair de sua terra natal e deixar os familiares, com a certeza de que estavam deixando-os por um longo período ou para sempre, uma vez que o retorno era algo que não estava em seus planos, devido à distância e à certeza de que, mesmo com esforço e trabalho, não conseguiriam melhorar as condições de vida se retornassem a sua terra natal.

Segundo Grosselli:

Quem partia sempre deixava algum familiar na pátria. O caso mais comum era de quem se despedia, para nunca mais revê-los, de irmãos ou irmãs ou de quem, casado e com família, deixava os velhos pais. Alguma vez, porém, os casais camponeses deixavam com tios e com avós também alguns de seus filhos. Isto ocorria quando, tendo o núcleo familiar de empreender a viagem, um ou mais filhos se encontravam em condições de saúde precárias e, portanto, impossibilitados de viajar. Em alguns casos os pais deixavam prudentemente na Itália os menores para explorar na América as condições da vida a que deveriam sujeitar-se e, eventualmente num segundo tempo, chamar junto a si o filho (GROSSELLI, 1987, p. 225).

O trabalho foi um elemento fundamental para a questão da imigração italiana daquela época e ainda é um fator determinante para outras migrações, inclusive, nos dias atuais. A busca pelo trabalho e, com ele, da condição de uma vida melhor para si e para seus familiares é o elemento motivador para que o indivíduo deixe sua terra natal e sua família e vá migrar para uma terra estrangeira, desconhecida e, muitas vezes, distante.

De acordo com Sayad:

O trabalho é a razão de ser do imigrante, ele dá conta de sua presença que, na falta desse motivo, estaria confinado ao absurdo aos olhos da razão racional, da razão do Estado Nacional. O trabalho contém em si, a partir dessa nossa representação atual do mundo, toda a inteligência do fenômeno migratório, da emigração que, sem ele, seriam incompreensíveis e intoleráveis sob todos os pontos de vista, intelectual, ética, econômica cultural e, não apenas, politicamente (SAYAD, 2001, p.21).

Os italianos do norte da Itália, antes de se deslocarem para o Brasil, tinham o costume de migrar para outros países da Europa em busca de trabalho, nos quais ficavam trabalhando por vários meses e enviando dinheiro para os familiares que permaneciam na Itália. A possibilidade de trabalho fora da Itália, mesmo sendo por um curto período, geralmente no plantio e na colheita, era uma alternativa para muitos italianos. Segundo De Boni, “entre 1876 e 1885 há uma média anual de 135 mil emigrantes, destinados em grande parte aos países europeus e à bacia do Mediterrâneo” (DE BONI, 1987, p. 53).

Conforme Zanini (2006), o imigrante italiano tinha uma relação positiva com o trabalho, uma vez que via nele a possibilidade de mudar de vida, de ascender socialmente, de garantir o sustento de sua família por meio de seu esforço. A sociedade brasileira do final do século XIX não via o trabalho de maneira positiva, ao contrário, este era um sacrifício para quem não era senhor de terras, para quem não tivesse posses, riquezas.

Segundo Santos:

A Itália era um país dos mais pobres e populosos da Europa, com enorme oferta de mão-de-obra. As guerras de Unificação, a ocupação por sucessivos exércitos e o serviço militar por três anos consecutivos foram fatores que contribuíram para a desorganização da unidade familiar de trabalho e para a pauperização do pequeno agricultor. Por outro lado, a industrialização na Itália Setentrional não era capaz de absorver a mão de obra disponível, o que explica a opção pela migração (SANTOS, IN: ZANINI-TEDESCO, 2010, p.154).

Lorenzoni (1975), em suas memórias, relata o entusiasmo com que ficaram seus conterrâneos com a possibilidade de migrar para terras além mar, deixando para trás a vida de dificuldades em que se encontravam: “deixo aos leitores imaginar como arregalaram os olhos essas pobres criaturas, pensando nas maravilhas que lhe seria dado ter, a eles que nunca haviam possuído a mais insignificante horta para cultivar, que fosse de sua exclusiva propriedade” (LORENZONI, 1975, p. 11).

Lorenzoni (1975) descreve com clareza essa façanha dos imigrantes, que ouvem um padre da comunidade lhes contar que, no Brasil, colonos italianos estavam ganhando terra

e todo o necessário para começar uma nova vida. Diz ele que, aos poucos, as famílias foram se organizando, vendendo os bens que possuíam e se preparando para a viagem, criando um “clima de euforia”, de esperança de uma nova vida em terras brasileiras. Lorenzoni relata com detalhes o dia que os imigrantes, em comboio, deixam a vila para iniciar sua longa viagem até a Quarta Colônia. Diz o autor:

Chegou finalmente o dia 15 de novembro de 1877, data marcada para a partida das famílias, todas do nosso núcleo. Eram vinte e duas famílias, sendo de cento e tantas o número das pessoas que as compunham. Desde os albos do dia, embora naquele final de outono a temperatura estivesse bastante fria, a pequena praça defronte à igreja achava-se repleta de pessoas de todas as idades. Haviam se despedidos na véspera, mas não satisfeitos e já saudosas, faziam então questão de dar o último adeus aos parentes e amigos que lhes eram caros (LORENZONI, 1975, p.18).

O governo brasileiro, em consonância com o governo italiano, passa a fazer uma maciça campanha para que colonos italianos migrem para o Brasil. Por meio da Companhia de Imigração chega até os colonos italianos a notícia que, no Brasil, colonos iriam ganhar lotes de terra, seriam “os donos de suas vidas”. Cria-se, dessa forma, uma “febre” pela migração, como ressalta Grosselli (1987).

Figura 2 – Mapa do Brasil.



Fonte: www.guiageografico.com

Se os colonos viam a imigração como uma possibilidade de vida melhor, por outro lado, os proprietários das terras tinham medo de que, com a saída em massa de pessoas da Itália, iriam ficar sem mão de obra para as suas lavouras. Dessa forma, o receio era perder certos privilégios que possuíam, pois os colonos que trabalhavam em suas terras garantiam a reprodução do sistema de exploração (DE BONI, 1997).

O governo brasileiro tinha interesse que, para o Rio Grande do Sul, viessem agricultores para povoar e trabalhar nas colônias que seriam implantadas no estado. Os imigrantes precisavam se declarar agricultores para serem aceitos. Entretanto, muitos que assim se declaravam tinham interesse de exercer outra atividade, em geral, a que tinham em sua terra natal. O fato de haver pessoas que possuíam outras profissões foi determinante para que as colônias, gradativamente, se tornassem autossuficientes (DE BONI, 1997).

Para Zanini (2006, p. 43), o processo imigratório que ocorreu no Brasil apresentava características próprias, uma vez que, para o país, ocorreu uma imigração familiar. As famílias vinham com todos os seus membros para construir uma nova vida juntos, diferente dos processos migratórios para outros países, como, por exemplo, os EUA, para onde imigravam homens solteiros que iriam tentar a sorte em solo americano, ou a Argentina, para onde iam com o objetivo de trabalhar na colheita do trigo e depois retornar para sua terra natal. Havia, por parte do governo brasileiro, uma clara preferência por colonos italianos do norte da Itália, especialmente por serem considerados pessoas dóceis e de boa moral.

Os imigrantes italianos viam o Brasil como a terra capaz de realizar suas ambições, uma terra na qual seriam proprietários, na qual poderiam plantar para seu próprio sustento, em que não mais ficariam atrelados aos patrões que ficavam com a maior parte do que eles produziam na Itália. O sonho de uma vida melhor, junto de seus familiares, era algo muito importante na lógica do mundo camponês de onde provinha a maior parte dos imigrantes italianos.

Segundo Zanini:

Os italianos que vieram para o Brasil, de um modo geral, possuíam a utopia da América como um mundo no qual abundavam liberdade, alimento, trabalho e terras. Aqui, em verdade, aqueles que conseguiram se tornar pequenos proprietários, seja de terra ou de negócios, viam-se longe da opressão dos patrões e das rígidas regras e impostos sobre as terras existentes na Itália (ZANINI, 2006, p. 45).

Com essa perspectiva de construir um futuro melhor para si e seus familiares, os colonos começam a se preparar para deixar sua terra natal e migrar para o Brasil. Após tomada a decisão de migrar, eram necessários passaporte e autorização para o embarque, para cuja obtenção se fazia necessário documento de identidade, certificado de militar e um atestado de idoneidade fornecido pelo padre (MACHADO, 2005). Os colonos vendiam os poucos bens que possuíam e compravam mantimentos para a viagem; a preparação para enfrentar a longa travessia era marcada por fortes emoções, pois, sabiam eles que as despedidas da terra natal, dos amigos ou familiares que ficavam poderiam ser para sempre (GROSSELLI, 1987).

De acordo com Machado:

Nas saídas das localidades de origem, ocorriam pungentes cenas de despedidas. A seguir, vivendo o drama da ruptura, os emigrantes se chocavam com o belicoso e agressivo ambiente portuário, no qual não poderiam se descuidar das bagagens, de crianças e idosos que os acompanhavam (MACHADO, 2005, p. 49).

De acordo com Grosselli (1987), a decisão de deixar a vida de escassez que levavam na Itália fez com que uma multidão de colonos se movimentasse em direção aos grandes centros urbanos da época para, junto a outros imigrantes, iniciar a viagem para o Brasil:

A partida da localidade costumeiramente era feita em grandes grupos, especialmente nos anos 1874 a 1877. O encontro das comitivas que chegavam dos vales com os mais diversos meios eram as estações ferroviárias, especialmente de Trento e de Rovereto. Os jornais da época transmitiam as notícias destas cidades invadidas por centenas de camponeses carregando até o inacreditável de bagagens, que, com tristeza ou alegria, se dirigiam para a 'Mérica' (GROSSELLI, 1987, p. 223).

A imigração foi compreendida pelo Estado italiano como um bom negócio, uma vez que tinha lucro com todos os preparativos. As companhias de imigração geravam lucros para os bancos, havendo a venda de passagens e de alimentação. De certa forma, a migração causou um movimento na economia italiana e, nas décadas seguintes à migração, ocorreram remessas de dinheiro para os parentes que ficaram na Itália, movimentando novamente a economia do país e garantindo melhorias sociais (GIRON, 2007).

De Boni (1982) aborda essa questão demonstrando que ocorreram remessas de dinheiro dos imigrantes aos familiares que ficavam na Itália, nas quais, principalmente, o Banco de Nápoles atuava como intermediário, garantindo que as remessas de dinheiro vindas do estrangeiro chegassem até seus destinatários.

Pode-se observar que o fato de os colonos migrarem para outros países modificou de forma significativa suas vidas e a vida de seus familiares que ficaram na Itália, além do próprio Estado italiano, que teve sua economia movimentada por toda a mobilização e imigração de milhares de italianos no final do século XIX e início do século XX. Migrar para o Brasil, ser dono do seu próprio pedaço de terra, construir uma vida nova, longe da fome, da miséria, dos patrões, passou a ser o sonho para milhares de italianos que enfrentavam em sua terra natal uma situação de extrema pobreza.

1.2 A TRAVESSIA DO ATLÂNTICO E O LONGO CAMINHO ATÉ OS LOTES COLONIAIS

A travessia do Oceano Atlântico para chegar à terra sonhada foi um momento marcante na vida dos imigrantes italianos. A viagem durava mais de 30 dias, em navios com um número grande de passageiros, tão cheios que era difícil a locomoção dentro deles. Outro fator marcante para os imigrantes eram as mortes durante a travessia, principalmente de crianças e idosos, casos em que os corpos eram jogados no mar (MACHADO, 2005).

A travessia deixava marcas profundas no imigrante, seja pela escassez de alimentos, pelas más acomodações, pelas doenças e, principalmente, pela morte de familiares antes de chegarem ao Brasil. Segundo Quaini:

Em consequência da má acomodação, falta de higiene e assistência médica, muitas mães viram, com o coração despedaçado, seus filhos mortos serem jogados no mar. Experimentaram na própria pele aquilo que mais tarde aprenderam a cantar: *La mia carne bianca e pura, la balena mangerà* (A minha carne branca e pura, a baleia comerá). E quantos destes heróis anônimos tiveram de repente seu sonho de far *la Mérica* trocado pela inglória sorte de virar comida de peixes (QUAINI, 2005, p. 24).

Zanini (2006) aborda o tema da travessia efetuada pelos imigrantes como um marco da identidade do imigrante. Conforme a autora, a história da travessia contribuiu para a construção mitológica do colonizador que, passou a ser visto como um desbravador, um herói que enfrentou dificuldades a fim de trazer desenvolvimento e riquezas para o Brasil. O imigrante italiano é representado como um homem forte, cheio de determinação e coragem.

A saga dos imigrantes italianos não acaba com a travessia do Oceano Atlântico, pois, depois da longa viagem, surgem outros momentos, não menos marcantes, até a chegada a sua tão sonhada terra prometida. Ao chegarem ao Rio de Janeiro, os colonos eram instalados em barracões do governo por 40 dias, devido ao receio de que pudessem ter contraído alguma doença durante a viagem. Os imigrantes que vieram para o Rio Grande do Sul, depois da quarentena, enfrentaram mais 12 dias de barco até a cidade de Rio Grande; em seguida, navegaram pela Lagoa dos Patos até Porto Alegre e, de lá, foram encaminhados para as colônias (QUAINI, 2005).

Figura 3 – Navio de imigrantes rumo ao Brasil.



Fonte: www.pesquisaitaliana.com.br

No Brasil, os imigrantes vão percebendo quão penoso é o percurso para chegar até a Quarta Colônia. Havia a viagem de navio até Porto Alegre e, depois dela, uma longa caminhada que dura vários dias, cortando campos, atravessando córregos e dormindo ao relento até chegar ao barracão no qual aguardam a divisão dos lotes. Depois disso, podiam começar a construir suas casas, derrubar a mata e plantar as primeiras sementes que vão garantir o seu sustento: “A floresta virgem, com tudo o que ela espira de solidão e de medo, o estado impraticável da estrada, faziam, dessa viagem uma epopeia que os italianos não estavam preparados para enfrentar” (DE BONI, 1982, p.182). Os imigrantes vão percebendo que o sonho de ter sua terra, garantir o seu sustento e de serem os proprietários e senhores de suas vidas vai exigir de todos muito sacrifício, trabalho duro e, muitas vezes, sofrimento por estarem isolados nas colônias.

Ao chegarem às colônias, os imigrantes eram distribuídos em lotes designados pelo diretor da colônia. Essa chegada marcava o fim da longa jornada, entretanto, era também o início de uma nova vida junto de outros imigrantes. A vida nova era cheia de desafios e aflições, sentimentos de solidão e angústia, devido a essa nova situação a que estavam submetidos: no meio da mata, os perigos, a preocupação com a sobrevivência, a preparação da terra para o plantio, a construção das casas, tudo era algo repleto de sofrimento e provação (DE BONI, 1982).

Os imigrantes italianos que se dirigiram para a colônia de Silveira Martins foram conduzidos de barco até Rio Pardo e, de lá, seguiram em carretas até o barracão de Val de Búia. Assim chegaram as primeiras 70 famílias, em 1877 (GIRON, 2007).

Figura 4 – Deslocamento de imigrantes italianos em direção aos núcleos coloniais.



Fonte: <http://mozzini.com.br/RumoRS.html>

A última etapa da viagem de carretas até chegar ao barracão era também uma provação para os imigrantes que, já cansados da longa viagem, precisaram enfrentar alguns dias de caminhada por caminhos que ainda não existiam. Segundo Lorenzoni (1975), cada família pôde colocar, em uma carreta puxada por juntas de bois, seus pertences; as crianças, mulheres e velhos vinham em cima das carretas, os homens acompanhavam a pé. Em certos momentos do percurso, precisavam procurar um caminho que lhes permitisse a passagem, impondo-lhes muito esforço para enfrentar os obstáculos que encontravam e chegar até o

barracão. Lorenzoni descreve a marcha dos imigrantes até chegar a sua sonhada terra prometida:

Os homens marchavam com os filhinhos no colo, calças arregaçadas até acima dos joelhos e as mulheres também não podiam evitar mostrar as pernas enlameadas, procurando salvar das sujeiras as saias que vestiam. Uns caminhavam de cabeça baixa, taciturnos e tristes, outros gritavam, blasfemavam e maldiziam a hora de ter vindo ao Brasil (LORENZONI, 1975, p. 48).

No barracão, os colonos vão passar vários meses esperando que os lotes sejam mapeados e, posteriormente, destinados a cada família. A vida no barracão passa a ser algo penoso para os colonos. Com a falta de comida e de assistência médica, aos poucos, um número grande de pessoas fica doente, de modo que alguns colonos acabam morrendo antes mesmo de conhecer seu lote de destino (De Boni, 1982). De acordo com De Boni:

E no final da viagem, lá estava o barracão dos imigrantes, onde a demora dependia dos lotes já demarcados. Muitos, que haviam resistido até então, sucumbiam nos umbrais do que lhes haviam descrito como a terra prometida. Grassava a morte no barracão. Fracos, com poucos cuidados higiênicos, sem assistência médica – a maioria dos dottori existentes eram charlatões -, mal alimentados, sucumbiam (DE BONI, 1982, p. 105).

Lorenzoni (1975) relata, em suas memórias, as dificuldades e sofrimentos que os imigrantes passaram no barracão à espera da distribuição dos lotes. A morte era algo que estava presente no cotidiano dos imigrantes; famílias perdiam seus membros praticamente todos os dias, sem medicamentos e, muitas vezes, sem ter como construir caixões para enterrar seus mortos (LORENZONI, 1975, p.45).

Após a distribuição dos lotes, os colonos começavam a preparar o espaço para iniciar a vida nova, em um pedaço de terra de que, agora, eram eles senhores. No lote, os colonos abriam uma clareira para, de imediato, construir uma cabana que, mesmo rústica, iria ser seu abrigo e proteção nos primeiros tempos. O fogo era um elemento importante: aceso próximo ao abrigo, era essencial para preparar alimentos, aquecer do frio e afugentar animais ferozes. Pouco a pouco, iam abrindo clareiras na mata, preparando a terra e plantando as primeiras sementes. Até chegar a primeira colheita, o governo oferecia trabalho para os colonos, o que permitia que ganhassem algum dinheiro para garantir seu sustento (DE BONI, 1982, p.106).

A abertura de estradas ligando os lotes coloniais foi uma forma de muitos imigrantes trabalharem e ganhar um dinheiro a mais, para, com ele, comprar suprimentos e se manter

até as primeiras colheitas. Em relação aos valores que recebiam os imigrantes pelo trabalho de abertura de estradas (com o auxílio de pás e picaretas), Torri e Righi comentam:

Os adultos ganhavam 1\$500 por dia, as mulheres 1\$000 e os rapazes 700 reis. Entretanto, muitos colonos preferiam empregar peões para as plantações de milho, feijão e arroz, pois o trabalho nas estradas lhes era mais rendoso. Aos peões pagavam a soma de 2\$000 réis por quarta (TORRI; RIGHI, 2001, p. 64).

Paulatinamente, os núcleos coloniais foram adquirindo forma, as lavouras começaram a produzir as primeiras colheitas, garantindo o sustento dos imigrantes, enfim, a vida em terra brasileira passa ser motivo de alegria para os colonos.

De acordo com Lorenzoni:

Todos os colonos sentiam-se muito bem em suas casinhas, onde, além de abundância enorme de tudo o que precisavam, encontravam-se também uma, duas ou três vacas, das quais extraíam o leite, dele fazendo o queijo, o requeijão, a manteiga, etc. (LORENZONI, 1975, p.100).

O imigrante italiano foi modificando o cenário da Quarta Colônia. No meio da mata, começam a surgir casas, estradas, plantações, pequenos povoados. O trabalho dos colonos foi produzindo frutos e a miséria, a fome, a vida sofrida trabalhando para os patrões vai ficando para trás: agora são eles senhores das suas lavouras e delas colhem seu sustento, garantindo uma vida melhor para sua família.

Segundo Zanini:

Os colonos haviam se transformado em *signori*, ou seja, proprietários e esse era um anseio de muitas gerações que fora possibilitado pela emigração para a América. Se na Itália os emigrantes eram considerados pelos patrões como indivíduos que procuravam riqueza fácil (Gandini, 2000), no Brasil construirão acerca de si mesmos e para si mesmos a imagem do homem que se faz e que enriquece com o suor de seu corpo (ZANINI, 2007, p.163).

Os imigrantes italianos, ao chegarem à Quarta Colônia de Imigração Italiana, precisaram unir todas as forças que lhes restavam, depois de um longo trajeto, desde a saída da Itália até o seu lote. A construção de uma nova vida no Brasil, onde eles seriam os senhores não ocorreu sem dificuldades. A vida digna que buscaram em terras brasileiras, longe dos antigos patrões, foi conquistada com trabalho e sempre amparada pela sua religiosidade.

Conforme Magro:

A maioria dos imigrantes italianos que vieram para o Rio Grande do Sul, trouxeram na mente um sonho, possuir um pedaço de terra para sustentar as famílias, coisa impossível na pátria de origem. O sonho tornou-se realidade com a implantação do grande projeto de colonização idealizado pelo imperador Dom Pedro II. Foi assim que nasceram as quatro 'colônias' de Caxias, Garibaldi, Bento Gonçalves e Silveira Martins (MAGRO, 1991, p. 73).

O sonho de conquistar uma vida digna fez com que milhares de italianos deixassem sua terra natal, familiares, amigos, recordações e vivências. A saída do local onde moravam, as despedidas, a longa viagem, a espera nos barracões e, por fim, o tão sonhado lote de terra, não foi o ponto final na vida dos imigrantes, mas, sim, um recomeço, onde as dificuldades que vão enfrentar vão pôr à prova sua resistência, sua força e sua fé. Em meio a tantas dificuldades, os imigrantes italianos vão se agarrar a sua religiosidade para superar as adversidades que encontram em solo brasileiro. A fé do imigrante vai ser um elemento significativo na sua adaptação nos núcleos coloniais.

Segundo Iop:

Onde existiam florestas e o solo estava juncado de espinhos, hoje vemos povoações, em cujo o centro a igreja com sua majestosa torre sobressai a todas as construções existentes. Quando lá chegaram dormiam sobre o frio e úmido chão e em suas enfermidades não tinham quem na extrema hora lhes trouxesse conforto, preparando-os para o grande passo. Quem vê o progresso hoje existente e vai de tudo isto procurar as causas, entre várias uma há de achar que sobre todas há de sobressair e esta é: a profunda fé e religião firme do colono italiano (IOP, 1936, p. 155).

Nesse sentido, a falta de padres que pudessem prestar-lhes auxílio religioso, como eram acostumados em sua terra natal, faz com que os imigrantes reúnam recursos para empreender uma ousada e cara empreitada: encontrar na Europa sacerdotes que aceitassem o convite de vir residir junto aos imigrantes em seus núcleos coloniais.

A busca por encontrar padres que viessem para o Brasil dar auxílio religioso fez com que os imigrantes italianos que moravam em Vale Vêneto, por meio de seus representantes, chegassem até a Pia Sociedade das Missões e lhe pedissem um padre para atendê-los.

Padre Casemiro Facco, sacerdote palotino, em seu depoimento, realizado em outubro de 2019, aborda a vinda dos imigrantes italianos para Quarta Colônia de Imigração Italiana e o pioneirismo dos palotinos. Também destaca o avanço com o passar do tempo

para demais estados brasileiros e posteriormente ao continente africano. Segundo Padre Casemiro:

Meu caro primo Algir Facco: o turbilhão de imagens e ideias que teu escrito, Algir, despertou em mim, me remeteu ao pioneirismo de nossos antepassados, em todos os aspectos da vida humana, sobremaneira o religioso. Andando pela Quarta Colônia Italiana do Rio Grande do Sul, onde eu próprio sou nascido, em quase todos os recantos e encruzilhadas, há sinais e símbolos da religiosidade do povo. Vindos do norte da Itália, carregados de sonhos de um mundo melhor, impelidos e pressionados pela pobreza, aqui chegaram. Num primeiro momento poderão até ter esquecido Deus e a Religião; havia inclusive os blasfemos contra Deus e a “Madonna” por terem sido enganados pelos governos, italiano e brasileiro, inclusive por empresários estrangeiros ávidos de terras e de riquezas, atrelados ao governo brasileiro, que precisavam da mão de obra acostumada ao trabalho. A experiência com os índios não deu resultado, pois, índio não é transformador da natureza, não é sedentário, não é afeito ao trabalho manual: é um usufruidor dos bens que a natureza gratuitamente oferece. Daí se entende a dizimação do índio (de 3.000.000 para 300.000 no século XVIII). Para os Imigrantes Italianos Deus e a Religião ficaram para depois, depois que tinham feito “la cucagna”, isto é, “a fortuna”, eis que a consciência de alguns mais idosos começou a despertar, dizendo: ‘assim não podemos mais continuar; sem a presença da Religião, da Igreja, do padre, da escola católica e do encontro semanal’, pois, não havia mais domingo para eles reanimarem-se na fé e na esperança: “precisamos que venham morar conosco”. Eis então, que se reuniram e enviaram a Itália um representante, que, depois de passar por muitas negativas e peripécias, chegaram aos Palotinos, que tempos depois enviaram dois padres, que se fixaram em Vale Vêneto, o Centro dessa Colônia. Assim cessou o grito do povo: “queremos padres, precisamos de padres”. No início da saga missionária, os Palotinos atendiam com dois padres o equivalente a cinco dioceses: Santa Maria, Cachoeira do Sul, Cruz Alta, Frederico Westphalen e algumas paróquias de Santa Cruz e de Passo Fundo. Posteriormente saíram do Rio Grande e foram prestar serviço missionário no Paraná, Mato Grosso do Sul, Manaus, Acre e, desde 1999, em Moçambique no Continente africano. Os bispos que lá pedem nossa disponibilidade insistem que precisam de padres para a evangelização, voltada mais para a formação do leigo, razão porque nós Palotinos não temos grandes colégios, hospitais, etc... mas Centros de Formação e formação acadêmica tradicional. Sentimos que há sempre mais procura, de formação porque o leigo cristão, mais consciente de sua formação missionária na sociedade e no mundo, reclama por mais

Os imigrantes italianos passaram por muitas dificuldades até chegar aos seus lotes, a viagem de navio, o deslocamento a pé por estradas rudimentares, a vida no barracão e o processo de assentamento nos lotes. Aos poucos foram reconstruindo suas vidas, superando as dificuldades dos primeiros anos, vieram as primeiras colheitas, a construção das casas, a vida nova com a sua própria terra era a realização do sonho que tanto esperaram. Entretanto, sentem a necessidade de ter junto de si a presença da igreja, um sacerdote, uma vida comunitária. Sua religiosidade faz com que busquem na Europa padres para viver nas colônias e prestar-lhes auxílio religioso, pois a religiosidade era algo extremamente importante para aquelas populações.

Capítulo 2 – A RELIGIOSIDADE DOS IMIGRANTES ITALIANOS E A INSERÇÃO DOS PADRES PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

Os imigrantes italianos trouxeram junto consigo, de sua terra natal, sua religiosidade, suas crenças e, a elas, se apegaram para enfrentar as dificuldades que encontraram nas colônias em formação. A necessidade de cultivo de sua religiosidade fez com que um pequeno grupo de imigrantes enviasse até a Itália um representante para conseguir trazer para as colônias sacerdotes para lhes prestarem auxílio religioso. Os imigrantes italianos, amparados por sua religiosidade, sentindo a necessidade de ter junto de si um padre, tomam uma atitude audaciosa, não medem esforços para trazer da Europa sacerdotes (SANTIN; ISAIA, 1990).

Segundo Bonfada:

A história de Vale Vêneto foi sobretudo uma história de religiosidade e fé. Uma religiosidade e uma fé tão pujantes que não lhes deu trégua até não conseguirem um pastor para suas almas. Antes de fundar o ano de 1884, uma nova assembleia foi convocada (“com la fabriceria a parlamento”), reunindo mais de 200 homens. [...] Para a missão foram escolhidos Luiz Rosso, Antonio Doto e Bortolo Zago, capitaneados por Paulo Bortoluzzi. Queriam solicitar da autoridade civil segurança para o povo, e da autoridade eclesiástica, um padre para a capela (BONFADA, 1991, p.34).

Um sacerdote que ficasse residindo no núcleo colonial em formação passou a ser uma necessidade, pois os imigrantes desejavam ter auxílio religioso e a vivência dos sacramentos, algo valioso para os imigrantes italianos. Sua religiosidade os levou, através de seu representante, a bater à porta de algumas congregações religiosas, dentre delas, a Pia Sociedade das Missões, que aceitou o convite e decidiu enviar sacerdotes para prestar auxílio religiosos aos imigrantes.

Os sacerdotes palotinos, em poucos anos, vão atendendo imigrantes espalhados por vários núcleos coloniais, percorrendo grandes distâncias para prestar serviço aos imigrantes que desejavam auxílio religioso. Em alguns casos, houve atritos e dificuldades provocadas pelo modelo de Igreja que os padres pregavam ou, ainda, problemas e confusões provocadas por alguns sacerdotes palotinos.

A religiosidade foi algo marcante na vida dos imigrantes italianos. Fora de sua pátria, longe dos demais familiares e enfrentando adversidades e sofrimento, os colonos buscaram na sua fé a coragem, a força e a esperança para suportar e continuar a caminhada para construir uma vida melhor para suas famílias. A falta de serviços religiosos, não contar com o auxílio de um sacerdote para batizar os filhos e para realizar os demais sacramentos era algo penoso para os colonos (ZANINI, 2006).

Beneduzi (2011) apresenta a região de Vêneto como um local de pessoas profundamente religiosas, no qual a igreja, a paróquia e o sacerdote são elementos que envolvem o cotidiano dessas das pessoas. A benção do padre é vista como um bálsamo para enfrentar as dificuldades da vida. De acordo com o autor, a paisagem do Vale Vêneto do século XIX era cheia de “igrejas, praças, sacerdotes com a presença forte na comunidade, catolicismo intransigente, grande devoção ao papa” (BENEDUZI, 2011, p. 71). O imigrante italiano estava inserido em um local em que a religiosidade era algo essencial para sua vida; era em torno da sua fé que as pessoas conduziam suas vidas. Ao tocar em solo brasileiro, os colonos encontram um mundo a ser construído: estradas, lavouras, casas, como também os espaços sagrados, que eram essenciais para suas vidas.

De acordo com Merlotti:

O colono italiano carregou consigo uma convicção religiosa forte, que o alimentou e o defendeu contra todos os obstáculos que veio a enfrentar. Pode-se questionar qual o principal motivo que conduziu estes italianos a essa convicção religiosa, produtora de sua integração social? Certamente, o que não se pode duvidar, é que a fé cristã sempre norteou toda a sua formação, principalmente em seu trabalho; nem se pode pôr em dúvida o espírito comunitário, presente nesse povo, e a solidariedade, ao enfrentarem as grandes dificuldades (MERLOTTI, 1979, p. 91).

A paróquia de Santa Maria não conseguia atender essa nova demanda, pois tinha poucos sacerdotes. Além disso, havia a distância e as precárias estradas. Em suas memórias, Lorenzoni (1975) comenta sobre a religiosidade dos imigrantes, que, aos domingos, se reuniam na igreja. Os colonos utilizavam cavalos e mulas para se locomover até o povoado, a fim de participar das atividades religiosas junto aos demais moradores da comunidade. A igreja passou ser um ponto de encontro para os imigrantes que, depois da missa, aproveitavam para passar “no armazém, para o fornecimento de gêneros e uma visitinha furtiva ao botequim, onde tomavam um bom copo de vinho, e em seguida todas as fileiras de cavaleiros se encaminhavam para casa” (LORENZONI, 1975, p.101).

Segundo Costa:

Para os imigrantes, a religião era também, uma manifestação social e o culto, uma ocasião de encontro. A liturgia tinha mais valor se fosse solene, com longas pregações, cantos polifônicos, procissões, homilias... A língua litúrgica era o latim, embora poucos entendessem. Aos poucos, a liturgia dominical das colônias adquiriu tal solenidade que foram esquecidos os domingos da Itália, mesmo que ainda não tivessem construído igreja no local (COSTA, 1986, p. 95).

A vida social dos imigrantes italianos recém-chegados aos núcleos coloniais vai se dar nas capelas e no seu entorno. Estes eram espaços de socialização, de convivência e de fortalecimento de sua fé, por meio da vivência coletiva de sua religiosidade. A capela passou a ser o local de encontro, onde os colonos trocam ideias, fazem acordos e buscam juntos soluções para enfrentarem as dificuldades do seu dia a dia.

De acordo com Vendrame:

Tanto a igreja quanto o espaço a sua volta devem ser entendidos como local de intensa sociabilidade. As festividades religiosas, as celebrações e as procissões eram ocasiões onde os colonos estabeleciam as mais variadas relações, indo além das ligadas ao sagrado (VENDRAME, 2007, p.106).

Sendo a religiosidade um elemento central na vida do imigrante italiano, a capela tornou-se um ponto de referência na comunidade, e a figura do padre passou a ser um elemento central na vida dos colonos. O padre, por ser representante da Igreja, por ser uma pessoa com instrução e considerada capaz de administrar os ofícios religiosos, transformou-se em um elemento desejado pelos núcleos coloniais. Os imigrantes perceberam que, ao redor da igreja, junto do sacerdote, seu núcleo colonial em construção poderia se tornar um ponto de referência em relação aos demais, pois um padre que vive junto da comunidade faz dela o centro da vida religiosa e social.

Segundo Beneduzi:

A religião, particularmente através a figura do padre, procurará manter o controle sobre os diversos grupos de imigrantes, constituindo-se imagneticamente enquanto única instituição efetiva e desinteressadamente preocupada com o bem-estar da comunidade, sempre na busca de defender cada um dos seus membros. O sacerdote procurará trazer para si essa função de eficaz indicador do caminho à comunidade, aquele que deseja, acima de tudo, o seu progresso humano e material (BENEDUZI, 2011, p. 141).

Era sempre motivo de festa quando chegava um padre nas colônias. Mesmo sabendo que era por poucos dias, a comunidade o recebia de braços abertos. Em Vale Vêneto, os

colonos liderados por Paulo Bortoluzzi não mediam esforços para conseguir padres que, ao menos, ficassem alguns dias na comunidade prestando-lhes auxílio religioso.

Nas palavras de Bonfada:

Quando finalmente o missionário apareceu, cercado de cavaleiros, espingardas e trabucos irromperam num cerrado tiroteio, de mistura com gritos de viva o padre Anselmo. A alegria foi indescritível. Depois de tantos dissabores, uma consolação destas reascendia a esperança de dias melhores (BONFADA, 1991, p.36).

Os imigrantes italianos, aos poucos, foram reconstruindo suas vidas longe de sua terra natal, construíram ergueram suas casas e abriram lavouras de onde tiraram sustento para suas famílias. Os núcleos coloniais foram se formando, entretanto, os colonos sentiam falta de auxílio religioso permanente em suas comunidades; Um padre que morasse junto ao núcleo colonial passou a ser seu mais novo sonho. O padre daria aos colonos a possibilidade de celebrar a eucaristia, batizar as crianças, prestar-lhes ajuda na vivência de sua religiosidade. Os colonos queriam um padre morando em sua comunidade, porque, assim, teriam destaque em relação às demais. Do ponto de vista do pertencimento ao mundo que traziam de suas localidades de origem na Itália, a figura do padre, nos espaços de sociabilidade cristãs, era muito importante.

Segundo Grosselli:

Em torno da religião os colonos, nas florestas, procuravam reconstruir uma própria identidade cultural: capelas e orações, bondade evangélica e ritos religiosos foram seus suportes. A figura do capelão serviu também para isso, mas serviu também para reconstruir uma ordem social. Com a chegada da Igreja também essa ordem foi completamente estabelecida. O padre era autoridade absoluta, o único literato em terras de semianalfabetos (GROSSELLI, 1987, p.455).

Um grupo de imigrantes italianos, liderados por Paulo Bortoluzzi e Luiz Rosso, recebeu seus lotes em um vale. Devido ao fato de o vale ser cercado por altas montanhas, ele recebeu o nome de “burraco”; depois, Vale dos Bortoluzzi; mais tarde esse vale passou a se chamar Vale Vêneto (RIGHI; TORRI, 2001). A família Bortoluzzi era numerosa e chegou da Itália com uma boa situação financeira, de modo que construíram um moinho e uma bodega. Paulo Bortoluzzi, naturalmente, passou a exercer liderança sobre os demais colonos. Mesmo que houvesse diversidade de ideias no núcleo colonial, Bortoluzzi conseguia uni-los para que trabalhassem juntos com o objetivo de conseguir melhorias para a comunidade (RIGHI; TORRI, 2001).

No final do ano de 1879, chegou a Vale Vêneto o italiano Antônio Vernier, amigo de Paulo Bortoluzzi, que, vendo as dificuldades dos imigrantes e ouvindo seu desejo de ter um padre morando na comunidade (que pudesse oferecer-lhes a possibilidade de ter missas, batizar seus filhos, abençoar os casamentos), diz conhecer padres que gostariam de migrar para a América. Essa possibilidade encheu de entusiasmo os moradores de Vale Vêneto que, mesmo vivendo com poucos recursos, juntaram forças para que Vernier pudesse voltar à Itália e buscar padres para morar na comunidade (BONFADA, 1991).

Os moradores de Vale Vêneto perceberam, também, que a presença de um padre junto deles faria com que seu povoado tivesse uma ascensão em relação às outras comunidades, até mesmo sobre a comunidade de Silveira Martins, que era a sede da colônia mas não tinha a presença de um sacerdote. Segundo Vendrame:

Comerciantes como Bortoluzzi estavam envolvidos na estruturação dos espaços para a celebração dos atos religiosos nas comunidades. Através das atitudes que tomou, percebe-se quanto o sagrado e o profano se encontravam relacionados. Ao se empenhar em construir a igreja em Vale Vêneto, bem como conseguir sacerdotes, fazia-o não por estar apenas preocupado com os aspectos religiosos, mas porque possibilitaria avanços no campo econômico (VENDRAME, 2007, p.96).

A presença de um sacerdote na comunidade era um desejo dos imigrantes, uma vez que se sentiam abandonados espiritualmente, desejavam ter junto da comunidade em construção um sacerdote que pudesse prestar-lhes auxílio espiritual, assim como recebiam em sua terra natal. Paralelamente à necessidade espiritual, havia também o interesse, por parte dos imigrantes, de que seu núcleo colonial tivesse êxito, crescesse, progredisse e se tornasse referência em relação aos demais. E um sacerdote que morasse no núcleo colonial lhe traria destaque em relação aos outros.

Conforme Costa:

Os padres se tornam líderes acreditados de todos, capazes de diluir distâncias e provincialismos peculiares aos italianos, e de agregar comunidades e grupos em torno de uma estrada a abrir, de uma ponte a construir, de uma capela ou de uma escola a edificar. [...] as capelas eram vistas, também, como possíveis núcleos de futuro progresso, seja pelos artesões, como pelos comerciantes que seguiam o caminho das organizações religiosas para realizar seus intentos, misturando, muitas vezes, objetivos religiosos com interesses próprios (COSTA in DREHER 1998, p. 167).

Em Vale Vêneto, os colonos esperavam a vinda dos padres, entretanto, não tinham muitas notícias de Antonio Vernier, de modo que começaram a ficar desconfiados de que

teriam sido enganados. Porém, no mês de outubro de 1880, os colonos do Vale receberam uma carta de Vernier avisando que os tão esperados padres para atender a comunidade estavam a caminho. Os padres seculares Vitor Arnoffi e Antônio Sório, chegaram a Porto Alegre em novembro de 1881. Alguns moradores de Silveira Martins ficaram sabendo dessa chegada, foram a Porto Alegre e, em audiência com o bispo dom Sebastião Laranjeira, solicitaram que um dos padres ficasse em Silveira Martins, sede da colonização. Na conversa com o bispo, os ânimos teriam se elevado, pois os moradores de Vale Vêneto sentiram-se prejudicados por terem pago a vinda dos padres, enquanto os colonos de Silveira Martins não queriam ficar sem padres morando na sede da colonização. O bispo, então, para acalmar a situação, determinou que um padre ficaria em Vale Vêneto e o outro em Silveira Martins (BONFADA, 1991).

Os colonos de Vale Vêneto estavam felizes, pois o tão sonhado sacerdote para prestar-lhes auxílio religioso estava residindo na comunidade. Tudo parecia estar andando bem, quando a morte repentina de padre Arnoffi, em 1884, modificou o cenário novamente. Padre Sório passou a atender as duas comunidades, entretanto, tornou-se vigário de Silveira Martins. Não demorou muito para que padre Sório e os colonos de Valeses desentendessem, ficando insuportável a convivência. Após várias acusações de ambas as partes, ficou acertado que Sório não mais atenderia Vale Vêneto, deixando novamente a comunidade sem um sacerdote (BONFADA, 1991).

Segundo Vécio:

Posições antagônicas levaram à construção de discursos acusatórios, que partindo do disse-que-disse circunscritos à oralidade cotidiana, toma a configuração de um texto escrito que se quer oficializar, legitimando direitos que objetivam mais poder para cada lado. Os colonos do Vale não desistiram de lutar por um padre que digna e piamente viesse atendê-los. Rejeitavam Sório e iniciaram uma nova busca, ora pedindo ao bispo, ora solicitando a um representante na Itália, que lhes remetesse outro vigário (VÉSCIO, 2001, p.60).

Os colonos de Vale Vêneto não queriam ser atendidos por um padre que residisse em outro núcleo colonial. A presença do sacerdote residindo na comunidade era algo muito importante para os colonos, era garantia de que receberiam dignamente os serviços religiosos e de que os interesses de desenvolvimento do núcleo em relação aos demais se concretizasse. Observa-se, dessa forma, o quanto o mundo do sagrado e da vida cotidiana se mesclam nesse processo colonizador.

2.1 A VINDA DOS PADRES PALOTINOS PARA O BRASIL

Diante da situação de estarem novamente sem a presença de um sacerdote que residisse junto ao núcleo colonial, os colonos de Vale Vêneto recorreram outra vez a Vernier para que, na Itália, procurasse “outros padres, desta vez mais identificados com a religiosidade dos colonos. Antônio Vernier, procurou a Pia Sociedade das Missões” (BIASOLI, 2010). O superior dos padres palotinos, Guilherme Whitmee, aceitou a proposta e, após visita a Vale Vêneto, deixou acertada a vinda de dois padres para atender os colonos do local. Padre Whitmee ficou quase um mês junto aos colonos e visitou outros núcleos coloniais da Quarta Colônia que também tinham interesse em receber sacerdotes palotinos (QUAINI, 2016).

A chegada dos padres palotinos Jacó Pfandler e Francisco Xavier Schuster, em 1886, a Vale Vêneto encheu de alegria os imigrantes. Segundo Bonfada: “Toda vila estava imersa em alegria. Cada família antecipava seus afazeres domésticos para poder se reunir em frente à casa paroquial [...] ao vê-los em frente à Canônica todos os cercaram, desejosos de beijar-lhes as mãos” (BONFADA, 1991, p. 47).

Para Zanini:

A religião foi um dos elementos mais importantes no processo de enraizamento do emigrado em terras brasileiras. Se os sacerdotes tiveram sua parcela de responsabilidade na emigração tiveram-na também no processo de adaptação desses sujeitos em um mundo estrangeiro e na legitimação das representações advindas desse encontro (ZANINI, 2006, p. 137).

Os imigrantes italianos eram profundamente religiosos e, mesmo vivendo com pouco, juntaram recursos e buscaram padres na Europa para atendê-los. Construíram capelas e capitéis⁷, pois tinham o hábito da oração em suas vidas. A dimensão religiosa era algo muito importante para os imigrantes. O atendimento dos padres e a possibilidade de ter um sacerdote morando junto deles no núcleo colonial eram vistos como essenciais para o desenvolvimento da comunidade.

⁷ Capitéis: “Pequenas capelinhas construídas ao longo das estradas, geralmente em uma encruzilhada, ou em terras particulares, testemunham a religiosidade dos imigrantes e a frequência dos cultos familiares. Suas formas podem variar desde uma cruz com cobertura de duas águas, uma capelinha com uma imagem e até capelas maiores com pequenos altares” (<http://jornalsemanario.com.br/capiteis-e-igrejas-1985/>).

Segundo Beneduzi:

A religião, particularmente a partir da figura do padre, procurará manter o controle sobre os diversos grupos de imigrantes, constituindo-se imagetivamente enquanto única instituição efetiva e desinteressadamente preocupada com o bem-estar da comunidade, sempre na busca de defender cada um de seus membros. O sacerdote procurará trazer para si essa função de eficaz indicador do caminho à comunidade, aquele que deseja, acima de tudo, o seu progresso humano e material, tanto diante dos italianos quanto diante das autoridades brasileiras (BENEDUZI, 2011, p. 141).

A vinda dos padres palotinos para fixar residência junto à comunidade de Vale Vêneto e para desenvolver seu trabalho missionário foi um fato marcante não somente para os colonos que residiam em Vale Vêneto, mas também para os que viviam nos demais núcleos da Quarta Colônia. Isso porque, esses sacerdotes palotinos acabarão por atender, também, os demais núcleos coloniais que estavam sendo habitados pelos imigrantes italianos.

Para Iop:

Pouco a pouco chegaram da Europa mais sacerdotes, o que permitiu a aceitação das paróquias de Arroio Grande, Silveira Martins e outras. O apostolado entre os colonos se incluía sacrifícios e provações, oferecia também muitas consolações espirituais. Era um terreno fecundo, pois os bons colonos possuíam arraigados os sentimentos da fé (IOP, 1936, p. 135).

Os imigrantes italianos desejavam ter padres italianos⁸ para prestar auxílio religioso, entretanto, os primeiros padres palotinos que chegaram a Vale Vêneto eram alemães. Estes, contudo, por terem passado pelo colégio de Másio, na Itália, conheciam a língua italiana.

O padre Jacó Pfandler era suíço de família protestante, mas, ainda jovem, se converteu ao catolicismo. Conheceu os palotinos através do colégio de Másio, na Itália, no qual se ordenou sacerdote em 1884, atendendo as capelas rurais de Roma. Em Nova Iorque, trabalhou como vigário, se dedicando ao apostolado entre os imigrantes italianos. Em 1886, veio para o Brasil, sendo, junto do padre Francisco Xavier Schuster, um dos pioneiros entre os palotinos no Brasil. Trabalhou por 10 anos atendendo os imigrantes italianos que

⁸Os dois primeiros padres que vieram trabalhar junto dos imigrantes italianos na Quarta Colônia de Imigração Italiana não eram italianos, como esperavam os imigrantes. Como os missionários italianos que estavam dispostos a vir, por motivos pessoais, acabaram mudando de idéia, diante disso, foram enviados um padre suíço e outro alemão. Ambos fizeram parte de seus estudos na Itália, sendo assim tinham familiaridade com a língua dos imigrantes (Bonfada, 1991, p.42).

estavam espalhados pela Quarta Colônia de Imigração Italiana. Em 1896, voltou para Roma, falecendo em 1898 (FACCO, 1994, p.7).

O padre Francisco Xavier Schuster nasceu na Alemanha em 1852, sendo uma das primeiras vocações palotinas na Alemanha. Depois de ingressar no colégio de Másio, na Itália, e cursar Teologia na Universidade Gregoriana em Roma, foi ordenado sacerdote em 1886. Entusiasmado pelo trabalho missionário, renunciou à possibilidade de visitar os pais e sua pátria e embarcou para Vale Vêneto logo após sua ordenação. O padre Francisco Xavier Schuster trabalhou toda a sua vida entre os colonos do Rio Grande do Sul, passando por vários núcleos coloniais. No fim da vida, residiu por alguns anos no Hospital de Caridade em Santa Maria, cidade na qual exercia o ministério de capelão. Faleceu em 1928, no Hospital de Caridade, em Santa Maria, aos 76 anos (FACCO, 1994, p. 25).

O trabalho dos padres palotinos junto aos imigrantes, lentamente, foi produzindo frutos e, a cada novo ano, mais sacerdotes missionários chegavam para trabalhar. A missão dos padres não se restringiu aos ofícios religiosos, pois estes foram organizando outros aspectos da vida dos imigrantes, tais como a construção de igrejas e salões comunitários, a abertura de escolas e seminários que pudessem garantir novas vocações e a educação dos jovens dentro da doutrina cristã, o acompanhamento das famílias no seu dia a dia e o oferecimento de momentos de formação cristã e comunitária através dos retiros populares.

A presença dos padres junto aos imigrantes italianos possibilitou que a Igreja Católica exercesse influência nos núcleos coloniais em formação. O padre, enquanto representante da Igreja nas colônias, por meio das missas, da catequese, do contato com os fiéis foi guiando o povo a seguir as orientações da Cúria Romana. De acordo com Otto, “a igreja católica possui um discurso institucionalizado e desse modo seu corpo eclesialístico, por meio de práticas discursivas, difunde verdades que exercem uma forma de poder” (OTTO, 2006, p. 21).

Padre Juliano Dutra, sacerdote palotino, aborda em seu depoimento, em entrevista realizada em outubro de 2019, o fato dos palotinos vir para Quarta Colônia de Imigração Italiana prestar auxílio religioso aos imigrantes italianos e, a partir de Vale Vêneto, iniciar um processo de inserção missionária em outros países da América Latina. No depoimento de Padre Juliano é possível observar que inserção dos palotinos foi para Igreja Católica uma oportunidade de consolidar a doutrina cristã católica:

Os missionários Palotinos vieram à América do Sul e, ao Brasil em particular, para acompanhar os imigrantes europeus. No nosso caso, os imigrantes italianos. Do ponto de vista institucional a vinda ao Brasil significou um passo bastante ousado. Apenas um ano antes (1885), a então Pia Sociedade das Missões (PSM) tinha aberto uma missão nos Estados Unidos. Vir para o Brasil (também na Argentina e no Uruguai) foi, portanto, uma consolidação neste processo de abertura. Sobre a mentalidade dos missionários. Os Palotinos nasceram no século XIX, um século muito tumultuado para a Igreja. A revolução francesa marcou um caminho sem retorno: a Igreja foi sempre mais afastada do âmbito das decisões sociais e políticas e relegada à “sacristia”. Como reação diante de uma sociedade que a considerava hostil e que a combatia fortemente, dois aspectos foram acentuados: a missão e a formação. A missão foi vista como espaço de ampliação da influência em novos territórios e povos. Perdendo espaço na Europa, a Igreja buscou outros espaços. O papa Gregório XVI (1831-1846), por exemplo, foi um grande promotor da dimensão missionária (entendida como anúncio do evangelho ao “infieis”, aos “cismáticos” e aos “heréticos”, na linguagem da época) da Igreja. No seu pontificado mais de 100 novas congregações surgiram, entre elas, a fundação de Pallotti em 1835. Um outro aspecto ao qual a Igreja valorizou foi a formação. Formar bem os novos membros foi uma preocupação; para isso, se multiplicaram as criações de novos colégios em Roma. Estes colégios, que normalmente tinham e tem ainda hoje um caráter nacional, nasceram da necessidade de formar bem o clero para ser capaz de dar respostas em um mundo hostil à fé e a Igreja. Assim que, quando chegaram no Brasil os Palotinos trouxeram toda esta ‘carga’ romana. Afinal, esta era uma fundação de um padre romano alinhado a impoção do papado. Esta impoção é um dos elementos a se ter presente para explicar o sucesso imediato obtido na Quarta Colônia e as dificuldades em Santa Maria. A primeira era uma colônia de europeus, a segunda, uma realidade múltipla seja do ponto de vista religioso institucional (com a presença de luteranos e outras crenças), seja do ponto de vista do próprio catolicismo (veja-se as lutas dos missionários com as irmandades presentes na cidade). Santa Maria é, pois, um caso emblemático do confronto de duas maneiras de pensar. Temos, pois, um catolicismo romano que interage com a sociedade brasileira em geral e com as manifestações de um catolicismo popular alheio a nova mentalidade centralizadora, institucional, sacramental; os Palotinos são parte de uma congregação romana. Assim que, de maneira geral, enquanto os missionários eram esperados, festejados e requisitados na Quarta Colônia, em Santa Maria, eram ameaçados de morte e ridicularizados. Somente atuação do Pe. Caetano Pagliuca com sua habilidade e diplomacia foi capaz de abrir novas possibilidades na Santa Maria anticlerical

O modelo de Igreja exercido pelos padres palotinos veio ao encontro do que desejavam os colonos: uma Igreja fiel aos rituais, aos dogmas católicos e às orientações da Cúria Romana. Nesse sentido, os imigrantes viam os padres como modelo e inspiração para suas vidas. A inspiração dos membros da Sociedade Pia das Missões vinha de seu fundador Vicente Pallotti, que foi um modelo de vida a ser seguido pelos fiéis, proclamado, ainda vivo, “Santo de Roma”. Pallotti foi um sacerdote “fiel” à Cúria Romana e atento aos problemas da sociedade de sua época, que procurou evangelizar as pessoas que encontrava pelo caminho, sem se descuidar dos problemas sociais com que se deparava. Pallotti era um padre ultramontano que defendia a Igreja romanizada, centrada na figura do papa,

modelo de religiosidade que os padres palotinos trouxeram para seu trabalho missionário (PIZZOLATTO, 2003, p.198).

Historicamente, a Pia Sociedade das Missões foi uma congregação de padres e irmãos⁹ criada na Itália com o objetivo de reavivar a fé e reascender a caridade. Padre Vicente Pallotti acreditava numa nova organização da Igreja, em que os leigos também eram chamados a evangelizar, cada um na sua função, no seu trabalho, no seu ofício. Contudo, Hettenkofer ressalta que:

No decorrer do tempo, porém Pallotti deu-se conta da necessidade de uma parte central e motora mais consistente. E aos poucos foi projetando a Congregação dos Padres e Irmãos Coadjuutores da Sociedade do Apostolado Católico (mais tarde PSM e finalmente SAC) como parte e motora da Pia Sociedade (HETTENKOFER, 2003, p.247).

A novidade trazida por Pallotti era a perspectiva de que o leigo pudesse ser protagonista da ação apostólica, dentro de uma Igreja até então dominada pela hierarquia, na qual os leigos não tinham espaço para uma participação ativa. Pallotti defendia que todos deveriam ter espaço e participar ativamente na ação católica, devido ao fato de serem criados à imagem de Deus (FIGUEIRA, 2007, p.14).

Segundo Lôndero:

Novidade em Vicente Pallotti está no modo como ele concebia a natureza da ação apostólica dentro de uma Igreja dominada pela hierarquia. Nesse contexto, ele sustentava que todos, independente da sua função na Igreja, têm o direito de participar ativamente na ação apostólica (LONDERO, 2017, p. 320).

A ação apostólica proposta por Pallotti transcendia a estrutura tradicional vigente até então na Igreja Católica, na qual os membros da Igreja, como bispos, padres e religiosos, eram responsáveis pela evangelização, ficando os leigos à margem desse processo. Pallotti trouxe o leigo para o centro, para junto do clero, difundindo que cada um, na sua função, no seu ofício, tinha como meta, no seu dia a dia, o trabalho para “promover o ser humano”, ajudar os necessitados, os pobres, os abandonados, os jovens ou todos que

⁹ A sociedade do Apostolado Católico é composta de Padres e Irmãos, todos responsáveis pela mesma missão apostólica. Ambos, Sacerdotes e Irmãos, participam do fim e da natureza da Sociedade do Apostolado Católico. Os Sacerdotes têm, antes de tudo, a tarefa de anunciar a palavra de Deus, administrar os sacramentos, educar e guiar o povo de Deus. Aos irmãos está aberto todo campo de apostolado, excetuando-se apenas as atividades pastorais que supõem o sacramento da ordem (como por exemplo: presidir a Eucaristia, ouvir Confissões, administrar a Unção dos Enfermos). SOCIEDADE DO APOSTOLADO CATÓLICO. **Lei da Sociedade do Apostolado Católico**. Roma, 2018, p.106.

necessitavam de auxílio. Na União do Apostolado Católico, todos podiam se dedicar às obras, fossem de caridade ou de evangelização.

No *Apelo ao Povo* de Roma, em 1835, podemos ver como Pallotti entendia a ação católica:

Todos, grandes e pequenos, formandos e estudantes, operários, ricos e pobres, padres, religiosos e religiosas, comerciantes e empresários, funcionários e artistas, comunidades e indivíduos, cada qual em seu estado e profissão, em sua condição social, de acordo com sua capacidade e seus dons, em todos os lugares, pode dar testemunho e se dedicar-se ao serviço de evangelização para reavivar a fé e reascender a caridade em todas as pessoas (LONDERO, 1917, p. 485).

O *Apelo ao Povo* é um modelo de Igreja no qual os leigos são chamados a participar do processo de evangelização. Nessa nova concepção, todos têm lugar, podem, de acordo com suas possibilidades e dons, pôr-se a serviço.

Vicente Pallotti nasceu em Roma no dia 21 de abril 1795. Seus pais eram pessoas que, em seu dia a dia, expressavam sua religiosidade no trato com as pessoas, nos momentos de oração em família e nas celebrações religiosas que juntos frequentavam (TODISCO, 2007).

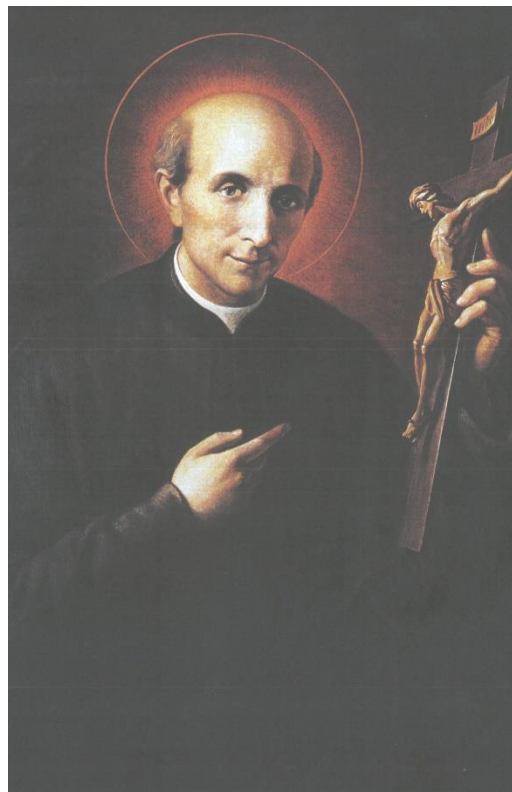
Vicente Pallotti foi ordenado sacerdote no dia 16 de maio de 1816, “na Basílica de São João do Latrão em Roma, e, no dia seguinte, celebrou a sua primeira missa na pequena cidade de Frascati” (GAYNOR, 2003, p. 46). Pallotti foi muito atuante em todas as frentes que necessitavam de ajuda, espiritual ou de outro tipo, foi um sacerdote inquieto, que buscou evangelizar, atender as pessoas nas suas mais diversas necessidades. Em 1837, quando um surto de cólera atingiu Roma, Pallotti dedicou seu tempo para atender os doentes, ele “administrava os sacramentos, ministrava os remédios, arrumava as camas, servia comida na boca dos doentes, acomodava-os nas almofadas” (AMOROSO, 2005, p.117).

Segundo Lôndero:

Para entender o modo como Vicente Pallotti viveu e o que realizou através de sua ação pastoral, é necessário levar em conta a situação histórica de seu tempo. Sua época foi de enormes desafios, e com grande sensibilidade, ele percebeu as necessidades tanto do mundo como da Igreja. Viveu numa situação profundamente conturbada pelas consequências da Revolução Francesa (1789) e da Revolução Romana (1848-1849) (LÔNDERO, 2017, p. 349).

Padre Vicente Pallotti foi declarado santo na Basílica de São Pedro pelo papa João XXIII, em 20 de janeiro de 1963, em pleno Concílio Vaticano II. De acordo com Todisco, “o Papa pronunciou a fórmula da Canonização: Decretamos que é santo Vicente Pallotti e o escrevemos no catálogo de santos, estabelecendo que sua memória se celebre com religiosa devoção entre os santos confessores” (TODISCO, 2007, p.812).

Figura 5 - Imagem de São Vicente Pallotti.



Fonte: Zaro (2015, p.6).

O espírito missionário de Vicente Pallotti foi decisivo para que os padres da Pia Sociedade das Missões aceitassem o convite de um grupo de colonos recém-instalados no Rio Grande do Sul para prestar-lhes auxílio espiritual. Os colonos, que começavam a reconstruir suas vidas nos lotes coloniais de Vale Vêneto, ao baterem à porta dos palotinos, receberam um “sim” como resposta ao seu objetivo de ter um sacerdote residindo no núcleo colonial.

Conforme Pizzolatto:

Pallotti por missão sem fronteiras, entende um acontecimento universal. Levado pelo fascínio evangelizador, deseja a salvação do mundo. A todos os povos se deve anunciar a Boa Nova de Jesus Cristo. Por toda terra a missão deve fazer ressoar a voz, até os confins do mundo (PIZZOLATTO, 2003, p.356).

O projeto missionário de Pallotti não se restringia à Europa, era seu desejo que sua obra chegasse a todo o mundo. A Pia Sociedade das Missões, quando se fixou em Vale Vêneto, iniciou uma nova etapa na sua missão. A partir do Vale, os palotinos vão se espalhando por todo o Rio Grande do Sul e, depois, para outros estados brasileiros, como Paraná, Mato Grosso, Amazonas, Rondônia e Acre. Tratava-se de um projeto expansionista.

Padre Guilherme Whitimee, quando enviado pelo conselho geral a Vale Vêneto, com o objetivo de averiguar a possibilidade da Pia Sociedade das Missões designar sacerdotes para o Brasil, visitou também outros núcleos coloniais no Rio Grande do Sul, na Argentina e no Uruguai (BONFADA, 1991).

A vinda dos padres palotinos para a Quarta Colônia de Imigração Italiana com o objetivo de prestar auxílio religioso aos imigrantes dá início a uma nova etapa de seu trabalho missionário e de expansão de sua visão de mundo e de Igreja.

2.2 OS DESAFIOS DE EXPANDIR O ULTRAMONTANISMO PELOS NÚCLEOS COLONIAIS

Ao se expandir pelos demais núcleos coloniais, os palotinos vão encontrando desafios e resistências, à medida que seu modelo de Igreja entra em conflito com alguns grupos e personalidades que não aceitavam suas orientações. Os padres palotinos eram defensores do catolicismo ultramontano, uma tendência teológica e política dentro da Cúria Romana, que buscava uma Igreja mais hierarquizada, centrada na figura do papa. Esse modelo de Igreja era o desejo do bispo de Porto Alegre dom Cláudio Ponce de Leão, que era um religioso ultramontano, sintonizado com a Cúria Romana (BIASOLI, p.15).

Segundo Otto:

Esse Catolicismo criou uma teia de centralização hierárquica em que o papa, o bispo, o padre, no exercício de seu múnus eclesiástico, exigia obediência dos fiéis. Em nível universal, o pontífice era o símbolo máximo, infalível e santo. Entrementes, ao mesmo tempo em que centraliza as decisões na figura do papa, reforçava a autoridade do bispo sobre sua diocese e a autoridade do padre em sua paróquia (OTTO, 2006, p. 35).

A implantação do modelo ultramontano pelos padres palotinos foi um processo árduo e gradual, que contou com o apoio dos imigrantes, que desejavam uma Igreja como a que eles tinham em sua terra natal, e de dom Cláudio, que, gradativamente, foi oferecendo mais espaço para a Pia Sociedade das Missões desenvolver seu projeto missionário.

O modelo de Igreja que havia na região e, de modo geral, no Brasil, era de uma Igreja liberal, que não comungava com os ideais ultramontanos, sendo que, em alguns casos, os padres desenvolviam seu trabalho sem levar em conta as orientações da Cúria Romana. Frequentemente, os padres liberais se envolviam em disputas políticas, eram contrários ao poder absoluto do papa e, em algumas colônias de imigração, eram favoráveis ao Estado italiano, contrariando, assim, a Cúria Romana, que via nele um inimigo.

O modelo ultramontano de Igreja vislumbrado pelos padres palotinos vai ser um de seus maiores desafios nos primeiros anos de trabalho no Brasil. À medida que vão expandindo suas atividades pelos núcleos coloniais, encontram resistência de alguns colonos e de alguns padres de cunho liberal que não comungam com esse modelo de Igreja que centraliza tudo nas figuras do padre, do bispo e do papa (BIASOLI, 2010).

Em alguns núcleos coloniais, tais como o de Dona Francisca, Arroio Grande, Novo Treviso e Silveira Martins, a inserção dos padres palotinos se deu com atritos significativos, o que exigiu dos religiosos paciência, coragem, bom senso e, em alguns casos, transferência de sacerdotes. Vale Vêneto se apresentou como uma comunidade que abraçou e acolheu o modelo ultramontano. Entretanto, em alguns locais, esse modelo de Igreja não era aceito de forma pacífica, tornando a inserção pela Quarta Colônia e outras localidades no estado do Rio Grande do Sul bastante trabalhosa.

Ao se inserirem nos demais núcleos coloniais da Quarta Colônia, a falta de estradas e as longas distâncias percorridas no lombo dos cavalos ou charretes foram situações que os palotinos precisavam enfrentar nos primeiros anos da missão. Os rios Melo e Soturno eram barreiras que, em tempos normais, se transpunham facilmente, entretanto, tornavam-

se violentos e perigosos nos dias de enchente, sendo dessa forma um desafio a mais que precisava ser contornado para chegar até o povo (BONFADA, 1991).

Um fato marcante que demonstra as dificuldades de inserção dos padres palotinos em alguns núcleos coloniais ocorreu na colônia de Caxias. Ao visitar a colônia, o superior geral, padre José Faà di Bruno, sofreu um atentado: quando o sacerdote estava se despedindo da população, um gaúcho¹⁰ tentou lançá-lo, sendo o padre salvo pelo guarda-chuva que usava para se proteger do calor.

Bonfada (1991) relata as dificuldades enfrentadas pelos palotinos ao propor seu modelo de Igreja em Caxias do Sul. O padre Henrique Weiter teve vários embates com a população. Este exigia um comportamento mais adequado nos dias que visitava as comunidades. Os colonos, quando recebiam a visita do padre, aproveitavam a noite, após as confissões, para organizar um baile na comunidade, algo que deixava o padre Weiter furioso. Em uma ocasião, ao perceber que seus fiéis não estavam participando das celebrações noturnas devido ao baile, foi até o local e disse que enquanto estivesse fazendo seu trabalho não eram toleráveis atividades profanas. Diante da insistência do povo em continuar o baile, padre Weiter tomou a gaita do gaiteiro e a atirou ao chão, causando a revolta de algumas pessoas. A visita do padre se dava poucas vezes ao ano, de modo que padre Henrique Weiter queria que os colonos não se distraíssem com bailes e aproveitassem sua presença para receber os sacramentos (BONFADA, 1991).

Para Biasoli:

O episódio de Caxias é exemplar às dificuldades que a atuação dos palotinos, muitas vezes, encontrava na área de colonização italiana. A historiografia eclesial costumava explicar esses casos enfatizando a hostilidade da maçonaria. Entendemos que, apesar de haver uma oposição anticlerical forte, ela não era necessariamente maçônica. Era, muitas vezes, dos próprios católicos que não aceitavam as posturas autoritárias da Igreja romanizada (BIASOLI, 2010, p. 102).

As hostilidades e conflitos ocorridos em Caxias, mesmo que estejam fora de nosso foco de pesquisa que é a Quarta Colônia, ajudam a compreender que, em certos locais, o modelo de Igreja dos palotinos enfrentava resistência. O modelo ultramontano, centrado na figura do padre, como uma autoridade que ditava as regras e exigia um comportamento adequado de seus fiéis, em alguns casos, era algo que desagradava imigrantes, que viam as

¹⁰. Habitante do interior do Rio Grande do Sul, dedicado à vida pastoril e perfeito conhecedor das lidas campeiras (Neto, 1998, p.158).

exigências e determinações do padre como uma afronta a sua liberdade, como um demasiado controle sobre suas vidas e da comunidade. Dessa forma, em algumas comunidades, um modelo de Igreja mais liberal, na qual o sacerdote não era fiel às determinações da Cúria Romana, agradava mais.

Segundo Possamai:

Se os primeiros padres, em sua maioria liberais, não se preocuparam em controlar o lazer dos fiéis, mesmo porque muitos deles participavam ativamente das festividades, a situação mudou radicalmente com a chegada dos missionários. Durante sua permanência em Caxias do Sul, os palotinos destacaram-se pelo combate às festas patrocinadas pela sociedade italiana local, assim como na imposição de uma moral puritana que condenava o baile (POSSAMAI, 2003, p. 257).

A disputa pelo poder vai acompanhar o trabalho missionário dos padres palotinos. Os imigrantes, por meio de suas lideranças, não mediam esforços para que os padres ficassem residindo em seu núcleo colonial, ganhando, com isso, destaque em relação aos demais núcleos e criando, assim, conflitos com aqueles que também tinham interesse de que o padre residisse em sua comunidade. Em alguns locais nos quais foram trabalhar, os padres enfrentaram a resistência de alguns colonos, que não queriam aceitar suas ordens e direcionamentos de como agir em seu dia a dia.

Dumont (1993) aborda essa questão, dizendo que, para a Igreja Católica, o indivíduo e a sociedade como um todo estão subordinados à autoridade suprema, que vem do alto, de Deus. Nessa concepção, o indivíduo precisa viver de acordo com as determinações da Igreja para alcançar a salvação, e a ação individual é orientada pelos ensinamentos transmitidos pelos representantes da Igreja. A vida mundana, as relações sociais, tudo fica em segundo plano, pois o indivíduo vive em função de estar preparando-se para o grande momento, que é sua relação com o transcendente.

De acordo com Dumont:

A atitude dos primeiros cristãos não sofre dúvidas, porquanto as coisas apenas constituem meios ou estorvos na busca do Reino de Deus, ao passo que as relações entre homens baseiam-se em indivíduos feitos à imagem de Deus e destinados à união com ele. Talvez seja neste ponto que o contraste com os modernos esteja mais marcado (Dumont, 1993, p. 50).

A proibição dos bailes que os colonos realizavam é um exemplo de como a Igreja orientava e determinava as ações na comunidade, de uma visão de indivíduo e de coletivo.

Os padres palotinos exigiam que, em suas visitas pastorais, toda a comunidade participasse ativamente dos sacramentos e não se dividisse entre elas e as coisas mundanas, como os bailes. Não permitir que a comunidade se distraísse com atividades recreativas, era uma ação dos sacerdotes a fim de educar o povo dentro da doutrina ultramontana, onde os representantes da Igreja são expressão de autoridade e o caminho para que os indivíduos encontrem a salvação.

Esses conflitos de interesses e a busca pelo poder vão acompanhar o trabalho missionário dos padres palotinos desde os primeiros núcleos coloniais até o seu maior desafio, a paróquia do município de Santa Maria, na qual a Igreja Católica estava reduzida há um número pequeno de fiéis e os padres desmoralizados diante da população (BONFADA, 1991).

Bourdieu (2009) trabalha o conceito de campo político, como um espaço no qual as relações sociais vão acontecendo e os grupos vão se posicionando, procurando impor sua forma de pensar, suas verdades e/ou seus interesses. O campo político é um espaço de ação, de negociação, de atores que se posicionam, que se enfrentam, a fim de que suas verdades consigam se impor e determinar as ações dos demais grupos. A Igreja detém um poder religioso junto de seus fiéis, capaz de mobilizar as pessoas ao seu redor e orientar e determinar o comportamento daqueles que estão em seu raio de ação.

Segundo Bourdieu:

El capital religioso que, en función de su posición en la estructura de la distribución del capital de autoridad propiamente religiosa, las diferentes instancias religiosas, individuos o instituciones, puede comprometer en la concurrencia por el monopolio de los bienes de salvación y del ejercicio legítimo del poder religioso como poder de modificar durablemente las representaciones y las prácticas de los laicos inculcando un habitus religioso, principio generador de todos los pensamientos, percepciones y acciones conformes a las normas de una representación religiosa del mundo natural y sobrenatural, i.e. objetivamente ajustados a los principios de una visión política del mundo social -y de aquellos solamente-, de una parte depende del Estado, en un momento dado del tiempo, de la estructura de las relaciones objetivas entre la demanda religiosa (BOURDIEU, 2009, p. 70).

Nos núcleos coloniais, havia vários interesses em jogo. Os colonos queriam ter um sacerdote em seu meio, pois algumas lideranças acreditavam que isso fosse fazer com que seu núcleo colonial obtivesse destaque em relação aos demais. Os sacerdotes palotinos, a pedido do bispo, foram expandindo seu trabalho por vários núcleos coloniais e medindo forças com o clero liberal, que não via o avanço dos palotinos com bons olhos. Havia,

ainda, em alguns núcleos, lideranças que não aceitavam que os sacerdotes palotinos determinassem o comportamento social dos indivíduos.

Ao assumirem a paróquia de Santa Maria, os padres palotinos se depararam com forças e movimentos contrários à Igreja Católica. A ação dos sacerdotes vai bater de frente com pessoas que não comungam das mesmas ideias. Os padres precisaram ter sensibilidade para observar o jogo de forças políticas na cidade e, estrategicamente, conseguir apoio de pessoas influentes para que seu projeto tivesse êxito.

Esses fatos são exemplos de campos políticos existentes junto dos ambientes sociais, seja nos núcleos coloniais, com membros do clero, ou no município de Santa Maria. Os padres palotinos se depararam com forças capazes de movimentar pessoas, promover ações, com o objetivo de medir forças e, em alguns casos, se posicionar contra as determinações da Igreja Católica.

Um dos primeiros desafios dos padres palotinos para implementar seu projeto evangelizador foi resolver os atritos que surgiram no seio da Pia Sociedade das Missões. Conforme Vendrame (2007), os padres palotinos residentes em Vale Vêneto, nos primeiros anos de sua missão, tiveram algumas divergências envolvendo lideranças, pois cada padre tinha colonos que apoiavam suas decisões. Algumas lideranças de Vale Vêneto enviaram carta ao padre Guilherme Wthimee, relatando atritos entre os padres Jacó Pfandler e Francisco Schuster, que causavam divisão na comunidade.

Diante das dificuldades de convivência, o padre Francisco Schuster foi transferido de Vale Vêneto para a paróquia de Caxias do Sul. Por ser considerado autoritário e de difícil convivência, logo entrou em atrito com os demais padres que trabalhavam na missão e com os colonos, tendo que se retirar para Porto Alegre poucos anos depois (QUAINI, 2016).

As dificuldades encontradas nos primeiros anos da missão fez com que os palotinos pensassem em transferir a missão para outro local do Brasil. Entretanto, os moradores de Vale Vêneto se comprometeram a não medir esforços para que o trabalho dos padres tivesse sucesso. Havia, na comunidade de Vale Vêneto, a perspectiva de que a permanência dos sacerdotes palotinos era essencial para o sucesso de seu núcleo colonial. Os conflitos existentes entre os colonos representavam pouco diante da possibilidade de ficarem sem os padres em sua comunidade (VENDRAME, 2007).

Segundo Vandrame (2007), os colonos, em Vale Vêneto, tinham investido muitos recursos para ter um padre morando na comunidade: enviaram um representante à Itália para conseguir sacerdotes, pagaram as despesas para que os padres viessem, comprometeram-se em construir uma nova igreja e não mediram esforços, novamente, para que a Pia Sociedade das Missões não os abandonasse. As divergências entre os colonos foram acomodadas em prol de um bem maior que era ter junto de si os padres palotinos e com eles fazer o núcleo colonial prosperar (VENDRAME, 2007).

Ao expandir seu trabalho pela Quarta Colônia, a Pia Sociedade das Missões chegou à comunidade denominada Geringonça, que logo mudou o nome para Novo Treviso. Os colonos queriam ter a presença de um sacerdote junto da comunidade, e a partir de 1887 começaram a receber a assistência regular dos padres de Vale Vêneto (QUAINI, 2016).

No ano de 1893, o padre palotino Cornélio O' Connor foi designado para atender a comunidade de Novo Treviso. De acordo com Vendrame (2007), os moradores no início, acharam o padre Cornélio “bom e afável”, de modo que, em pouco tempo, este conquistou a todos. Porém, ao tomar as primeiras medidas com o objetivo de construir a capela em Novo Treviso, a comunidade percebeu suas ideias extravagantes, o que, passou a ser uma dor de cabeça para a comunidade e para os superiores da Pia Sociedade das Missões (VENDRAME, 2007).

Padre Frederico Schwinn descreve em seus manuscritos um incidente que ocorreu em Novo Treviso por conta de sua visita, deixando escandalizados os demais sacerdotes da Pia Sociedade das Missões. Padre Schwinn relata que padre Cornélio não aceitava as recomendações dos superiores da Pia Sociedade das Missões e nem as orientações do bispo. Segundo Schwinn, depois de se instalar na casa paroquial foi surpreendido pelo padre Cornélio:

Padre O' Connor chegou na canônica, escancarou a janela e a porta de meu quarto, pôs fora meus baús, seu dileto sacristão se apresentou com um Chicote, Santo Piccinin com a pistola e Luiz Baldassere com um machado, quando entrei na casa com Paulo Bortoluzzi e Luiz Rosso, atiram-se todos contra mim indefeso (...) finalmente avisado que meus baús estavam na rua, eu me dispensei e fui dormir na casa do fabricante com Paulo Bortoluzzi (SCHWINN, Trecho de Carta enviada a Roma em 1894).

Em meio a esse clima de atrito com os colegas palotinos, padre O' Connor se instalou no núcleo colonial de Dona Francisca, declarando que se encontrava em perigo de morte. Seus colegas palotinos pediram que a Pia Sociedade das Missões expulsasse o padre

O' Connor da congregação. Mesmo residindo em Dona Francisca, o sacerdote tinha influência sobre os moradores de Novo Treviso que, sob sua orientação, procuravam atrapalhar o trabalho dos padres que vinham de Vale Vêneto para atender a comunidade. Em Novo Treviso, um grupo de moradores que era contrário ao padre O' Connor passou a apoiar o padre João Vogel, superior da Missão Palotina no Rio Grande do Sul (VENDRAME, 2007).

O trabalho missionário dos padres palotinos em Novo Treviso teve alguns obstáculos. Pode-se dizer que o padre O' Connor contribuiu para que o projeto evangelizador encontrasse dificuldades de desenvolvimento. Por trás das ideias e dos problemas criados pelo padre O' Connor, havia um grupo de moradores que o apoiava dando suporte a suas decisões. Com a saída de O' Connor, outro grupo de colonos vai se unir aos demais padres palotinos com a intenção de ter um padre fixo em seu núcleo.

Esse fato ocorrido em Novo Treviso demonstra que, mesmo dentro da Pia Sociedade das Missões, havia desentendimentos e até rebeldia em relação aos superiores. É possível observar que os colonos também faziam suas alianças com determinados padres, a fim de receber apoio. Com uma igreja e residência fixa do sacerdote no núcleo colonial, teriam êxito em seus interesses pessoais, econômicos ou comunitários.

Depois de alguns anos de conflitos, os moradores de Novo Treviso puderam contar com a presença permanente dos sacerdotes palotinos e em “1897, o superior da Missão, padre Carlos Gissler, instalou em Novo Treviso o Pe. Francisco Schuster que ali ficou até 1918” (QUAINI, 2016).

Se os problemas de Novo Treviso acabaram com a saída do Padre O' Connor e, mais tarde, com a presença permanente de um sacerdote na comunidade, no núcleo colonial de Dona Francisca a missão palotina iria enfrentar outros problemas. A comunidade de Dona Francisca não fazia parte da colônia de Silveira Martins, era uma propriedade particular. Alguns imigrantes, com recursos próprios, foram adquirindo terras e formando uma pequena comunidade.

O trabalho missionário palotino ali foi bastante desafiador. Segundo Bonfada:

Não foi fácil a pastoração deste lugar – observa Burmann, que por longos anos trabalhou em Dona Francisca e isto por mistura de diversas nações que formam a população de Dona Francisca. Existem brasileiros, italianos, austríacos e alemães, entre os últimos muitos protestantes. Mais de uma vez nascem resingas entre o sacerdote e o povo (BONFADA, 1991, p.193).

O núcleo colonial de Dona Francisca não tinha um padre residindo junto dos colonos, e estes eram atendidos pelos padres da paróquia de Vale Vêneto. O padre Cornélio O' Connor, com apoio de um grupo de colonos, passou a morar em Dona Francisca e a atuar na comunidade, mesmo sem ter autorização de seus superiores. O bispo dom Cláudio Ponce de Leão aconselhou o padre O' Connor a obedecer a seus superiores e, diante da negativa do padre, suspendeu suas atividades eclesiais, ficando este proibido de trabalhar junto dos moradores de Dona Francisca. Devido ao fato de muitos moradores apoiarem o padre O' Connor, a comunidade de Dona Francisca foi interditada pelo bispo até que a situação fosse resolvida (VENDRAME, 2007).

Em suas memórias, padre Burmann relata o que ouviu das pessoas sobre o padre O' Connor:

Quando mais tarde, como sacerdote, vim à colônia onde Pe. d' O' Conner tinha trabalhado alguns anos, ouvi dele muitas coisas interessantes, mas também outras coisas, que colocavam o padre numa má situação. É fato que o bispo de P. Alegre, por causa de alguns fatos, interditou por um ano a igreja de Dona Francisca (BURMANN, 1910, p.35).

Diante dessa situação, coube aos moradores de Dona Francisca aceitar as determinações do bispo e serem atendidos pelos padres de Vale Vêneto. Em 1912, Dona Francisca passou a pertencer ao curato de Nova Palma e, no ano de 1929, o padre Rafael Iop foi residir na comunidade, como coadjutor da paróquia de Novo Treviso. Sob a liderança do padre Rafael Iop, foram feitas melhorias na igreja e construídos a canônica e o salão paroquial. No ano de 1934, dom Antônio Reis criou a paróquia de Dona Francisca (BONFADA, 1991).

A comunidade de Dona Francisca, ao buscar um sacerdote que morasse junto da comunidade, apoiou o famoso padre O' Connor, que tinha se refugiado ali por desavenças em Novo Treviso e por desobediência a seus superiores. O fato de a missão palotina condenar as atitudes do padre O' Connor fez com que condenasse, também, a atitude dos colonos em dar apoio a ele, fazendo com que a comunidade passasse vários anos sem um sacerdote residindo no local e carregasse a fama de possuir maus cristãos. Foi necessário que os moradores aceitassem os padres palotinos como responsáveis pelo atendimento à comunidade, para, após longos anos de submissão a outras capelas, ganhar a tão sonhada emancipação religiosa, com a elevação a paróquia.

Em suas memórias, padre Burmann recorda as primeiras missas após assumir os serviços religiosos do núcleo, constata indisciplina e atitudes de descaso com o trabalho que vinha realizando, nota que poucos fiéis apareciam para se confessar e que, na hora da missa, o comportamento de alguns jovens deixava o padre desconcertado (BURMANN, 1918).

De acordo com Burmann:

Quando eu na segunda missa estava junto ao altar, lembrei-me das travessuras dos rapazes e moças durante a missa. E de fato parecia que rir e conversar faziam parte da missa (...) me voltei para o povo, vi com meus próprios olhos como os rapazes e moças se atiravam grãos de milho. Incharam-se-me as vias da frente, quando durante o sermão continuaram a jogar-se milho (BURMANN, 1918, p. 58).

A inserção dos padres palotinos no núcleo colonial de Dona Francisca foi um processo que exigiu dos sacerdotes um longo período de trabalho, com paciência e determinação, para que a comunidade recebesse todas as orientações e formações necessárias e respondessem ao que se propunham os palotinos: instalar na Quarta Colônia uma Igreja centrada nas determinações da Cúria Romana. Os relatos de padre Burmann nos permitem observar o tamanho do desafio que os missionários palotinos enfrentaram a fim de evangelizar alguns núcleos coloniais, onde sua presença e os sacramentos não exerciam autoridade nem obtinham o respeito por parte de algumas pessoas, principalmente dos jovens.

Ao se instalarem em Vale Vêneto, os padres palotinos passaram a atuar dentro do território que era atendido por padre Sório, o qual não viu com bons olhos a inserção dos palotinos em núcleos coloniais que eram de seu domínio. Em carta enviada ao bispo, Sório reclama da presença dos palotinos, que estavam aumentando seus domínios e, com isso, lhe prejudicando e causando problemas nos núcleos coloniais, aproveitando-se do fato de que alguns núcleos coloniais queriam ser independentes do padre da sede (VENDRAME, p. 114).

Nas palavras de Vendrame:

Expandindo a Missão pela ex-Colônia de Silveira Martins, os padres palotinos entraram na jurisdição do vigário Antônio Sório, que era o pároco de toda a região e não queria ter seus direitos administrativos ameaçados. A Pia Sociedade tinha por propósito organizar a vivência religiosa dos imigrantes segundo as normas da igreja ultramontana (VENDRAME, 2007, p. 166).

Para Biasoli (2010), algumas comunidades que eram atendidas pelo padre Sório passaram a solicitar aos palotinos atendimento espiritual, revelando descontentamento com a forma como Sório administrava seus trabalhos.

O bispo acolheu o pedido desses zeladores e as capelas do núcleo Norte, Geringonça, Soturno e Dona Francisca, pertencentes a paróquia de Silveira passaram à jurisdição dos padres de Vale Vêneto. Isso delineou o conflito que desenvolveu na região da igreja tradicional ou liberal, representada neste caso pelo padre Sório, e a igreja romanizada, representada pela Pia Sociedade das Missões (BIASOLI, 2010, p. 96).

No final do século XIX, passaram a existir dois modelos de evangelização na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Padre Sório apresentava uma Igreja liberal, em que o padre participava de atividades políticas, sociais e movimentos festivos que comemoravam a unificação da Itália. Os padres palotinos, por sua vez, trabalhavam com o objetivo de implementar um projeto identificado com o catolicismo ultramontano, centrado na figura do padre, na hierarquia da Igreja, sob orientação do papa. Os dois modelos de Igreja apresentados pelos sacerdotes vão encontrar eco nos núcleos coloniais. Padre Sório, em Silveira Martins e outras comunidades, vai encontrar pessoas e grupos que comungam de suas ideias. O mesmo acontece com os padres da Pia Sociedade das Missões, que encontram em alguns núcleos coloniais pessoas que apoiam seu modelo de Igreja.

Padre Sório tinha uma vida social ampla, pois além de seus ofícios de sacerdote era bastante atuante na vida política e social da comunidade de Silveira Martins, sede da Quarta Colônia.

Segundo Véscio:

Sório mantinha um relacionamento harmonioso com o ideário liberal da Maçonaria e, pelo que se pode apurar, preferia muito mais estar na companhia dos que bailavam, bebiam e criticavam a Igreja Ultramontana, do que entre os piedosos devotos, que nas orações e práticas devocionais se reuniam na igreja. Era favorável à unificação italiana e contrário à reforma ultramontana (VÉSCIO, 2001, p.249).

Os sacerdotes palotinos, desde os primeiros contatos com os imigrantes, foram bem claros em relação ao modelo de Igreja que visavam construir na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Na conversa com os imigrantes e nos acordos firmados, ficou esclarecido o projeto de Igreja e os compromissos que ambos (sacerdotes e comunidade)

iriam assumir para que o trabalho missionário fosse possível. O padre Guilherme Whitmée, superior dos padres palotinos, ao visitar os moradores de Vale Vêneto e acertar a vinda de padres para atender os colonos, firmou um acordo que previa a formação de uma comissão para construir uma nova igreja, na qual os padres escolheriam o local em que devia ser edificada, a quem seria consagrada, o estilo da construção, além de estabelecer que todas as dúvidas deveriam ser tiradas com os padres e que ao povo caberia a tarefa de construir a igreja. Os colonos de Vale Vêneto aceitaram o acordo e não mediram esforços para que o projeto missionário pudesse se desenvolver (BIASOLI, 2010, p. 99).

Os palotinos estavam empenhados em atender os fiéis espalhados pela região, entretanto, evangelizavam de acordo com as normas da Cúria Romana. O trabalho missionário exercia influência não só no aspecto religioso, mas em todas as atividades desenvolvidas nas colônias. Para Marin (1999), os palotinos:

Imbuídos ao ideal ultramontano desenvolveram seu projeto disciplinar intencional que deveria desenvolver toda a tessitura social, normatizando e regulando as relações individuais, seja na família, na escola, nas associações devocionais, na imprensa, na agricultura, no trabalho, no lazer, na política, nas relações sociais e até mesmo na intimidade. A romanização deveria atingir os níveis da sociedade, numa relação de interdependência e continuidade. Objetivava-se redefinir os valores, a maneira de pensar e de agir e corrigir práticas e hábitos contrários à ortodoxia católica (MARIN, 1999, p.75).

Segundo Biasoli (2010), a inserção dos padres palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana enfrentou a resistência do padre Sório por vários anos, que temia o avanço da Pia Sociedade das Missões por seus domínios. Após a morte de padre Sório, em 1900, o bispo dom Cláudio Ponce de Leão entregou aos palotinos o controle da paróquia de Silveira Martins, encerrando, com isso, a disputa pelos projetos de evangelização. Entretanto, isso não encerrou os desafios dos padres palotinos para implementar seu modelo de Igreja ultramontana.

Bonfada argumenta que:

Com a morte de Sório, Silveira Martins ficou sem padre. E sem padres se encontrava o bispo do Rio Grande do Sul, Dom Cláudio José. A solução foi apelar para os Palotinos que ainda em Janeiro de 1900 enviaram para lá Mathias Schoenauer (BONFADA, 1991, p.129).

O comerciante Andrea Pozzobon entendia que o padre Sório “era o símbolo da resistência que impedia a expansão dos sacerdotes palotinos por toda a ex-Colônia de Silveira Martins” (VENDRAME, p. 125). Andrea Pozzobon passou a ser um dos maiores

críticos e opositores ao trabalho dos padres palotinos na comunidade de São Marcos, que era antes atendida por padre Sório.

Depois da morte de padre Sório, os palotinos tiveram a possibilidade de impor seu projeto romanizado de evangelização por toda a Quarta Colônia, mas não sem desafios e atritos com pessoas e grupos que não comungavam de suas propostas de Igreja. Ao relatar o ataque sofrido por padre Sório, Andrea Pozzobon faz críticas aos sacerdotes palotinos que não prestaram auxílio a este, acusando-os de estarem solicitando, junto ao bispo, a paróquia de Silveira Martins. Segundo Pozzobon:

A meia noite, morre de golpe sofrido no dia 29 de dezembro passado, após intensas dores suportadas com heroica resignação, o vigário Sório, sem que seus colegas Palotinos lhe prestassem qualquer assistência. É sepultado no dia 3 e, no funeral, comparece enorme população vinda de todas as partes da colônia, sinal de estima pelo ilibado procedimento do extinto. (...) Enquanto isso, em Porto Alegre, os Palotinos cientes do falecimento, alegam-se, porque ninguém mais meterá o bastão da resistência na roda de sua expansão colonial religiosa (POZZOBON, 1997, p.178).

Andrea Pozzobon, residente na comunidade de São Marcos, na qual foi comerciante e professor, era amigo e apoiador do padre Sório, ambos integrantes da Sociedade Italiana Degli Abruzzi, que ressaltava o sentimento de italianidade e defendia o processo de unificação da Itália. Com a morte de Sório, a comunidade de São Marcos ficou sem apoio religioso e, liderada por Pozzobon, se negou a receber atendimento religioso dos padres palotinos. Os moradores de São Marcos apelaram para o bispo, entretanto, dom Cláudio Ponce de Leão deixou-os descontentes ao exigir que se submetessem à Cúria de São Pedro, caso contrário, só poderiam ter missa uma vez por mês. Os colonos realizaram uma votação e concordaram com as normas impostas pelo bispo, fato que causou a revolta de Andrea Pozzobon (VENDRAME, 2007).

Mesmo tendo a comunidade de São Marcos aceitado as determinações do bispo, alguns moradores continuaram sua luta para travar a inserção dos padres palotinos na região. Andrea Pozzobon, através de seus escritos, narra esses acontecimentos, demonstrando sua contrariedade ao projeto ultramontano dos palotinos.

Andrea Pozzobon cita, em suas memórias, o fato de os sacerdotes palotinos apoiarem a construção da igreja de Arroio Grande e, com isso, desmerecer a igreja construída pela comunidade de São Marcos. Conforme Pozzobon:

Com muita festa, realiza-se a benção da igreja de São Marcos. Não faltam fogos de artifícios, música instrumental e coral, feira beneficente, mas... os opositores protestam e enviam comissão a Porto Alegre, a fim de obterem do bispo diocesano autorização para construir igreja do outro lado do Arroio Grande, sob a invocação de São Pedro Apóstolo. Não faltou quem favorecesse os descontentes, no caso o velhaco suíço, o padre Giacomo, da Congregação dos Palotinos (POZZOBON, 1997, p. 177).

Andrea Pozzobon não era contra a Igreja Católica. Ele buscou, com a ajuda de padre Sório, desenvolver o catolicismo em sua comunidade, porém, não comungava com os direcionamentos da Igreja ultramontana, centrada na figura dos padres, bispos e papa. Nessa concepção de Igreja, eram as autoridades eclesiais quem tinham a última palavra e o poder de decidir os assuntos relacionados à Igreja e às comunidades.

O imigrante Andrea Pozzobon pensava que a Igreja devia ter um caráter mais liberal, ao contrário do que pregavam as autoridades religiosas que passaram a atender a comunidade de São Marcos. Os palotinos viam todas as manifestações de apoio à pátria italiana como um desrespeito à Cúria Romana, devido à unificação ter tomado territórios que pertenciam à Igreja Católica.

O projeto evangelizador dos palotinos era centralizado na figura do padre, que era quem deveria decidir os rumos que a comunidade deveria seguir. O padre estava atento a qualquer assunto ou atividade, mesmo que fosse algo fora do espaço sagrado. A religião estava presente em todos os momentos da vida social; era ao redor da capela da comunidade que a vida social se desenvolvia. O sacerdote acreditava que deveria zelar pelo seu rebanho, qualquer ameaça aos fiéis ou qualquer postura que fosse considerada uma afronta à Cúria Romana era rechaçada.

Segundo Beneduzi:

Essa religião é personificada na figura do sacerdote, o qual se apresenta enquanto mensageiro de Deus para os homens. Será vivida, para além do espaço doméstico, na experiência comunitária da capela. Nela tem-se o espaço por excelência do controle da vida da coletividade, tanto por parte dos clérigos quanto por parte do próprio grupo (BENEDUZI, 2011, p. 145).

Em relação aos imigrantes italianos que se opuseram ao catolicismo ultramontano proposto pela Pia Sociedade da Missões, Biasoli destaca:

Outros colonos tiveram a mesma compreensão quanto aos Palotinos, como foi o caso de Andrea Pozzobon (católico liberal, professor e comerciante no núcleo de Arroio Grande, entre 1885 e 1942) que entendeu a Pia Sociedade das Missões como uma “roda da expansão colonial religiosa” (BIASOLI, 2010, p. 96).

Outro episódio registrado na comunidade de São Marcos ocorre quando, em 1913, algumas lideranças propõem a construção de um monumento em homenagem aos heróis italianos mortos na guerra da Líbia. O bispo dom Miguel de Lima Valverde, recém empossado como bispo de Santa Maria, reagiu para que a obra não fosse realizada, causando indignação e revolta dos mentores da homenagem. Andrea Pozzobon, um dos organizadores da construção do monumento, não poupou críticas ao bispo e aos padres palotinos (VENDRAME, p. 148).

Pozzobon se refere ao bispo e aos padres, em relação ao episódio acima citado, da seguinte maneira:

Quando com volpina astúcia, o regente da diocese, instigado pelos menos execráveis palotinos, tentaram obstaculizar a ereção do monumento aos que tombaram na Tripolitânia, o autor destas linhas, não habituado a baixar a cabeça à prepotência, em esplendida posição e acreditava já haver cortado a cabeça da Hidra lerna: nada mais falso! (POZZOBON, 1997. p. 202).

Andrea Pozzobon é um emigrante que tem uma boa bagagem cultural. Ao escrever suas versões dos fatos, apresenta seus argumentos com clareza e profundidade, demonstrando ter consciência do avanço da Igreja ultramontana e da sua força junto dos colonos italianos. Quando seus projetos e ambições são impedidos pela reação contrária da Igreja Católica através do bispo ou dos palotinos, o imigrante não poupa críticas às autoridades religiosas e não aceita submeter-se aos ditames dos representantes da Cúria Romana.

Apesar dos atritos e atitudes contrárias, os padres palotinos foram implementando seu trabalho por toda a região que compreendia a Quarta Colônia de Imigração Italiana. Algumas dificuldades foram provocadas por sacerdotes palotinos que se envolveram em intrigas, tensões e confusões com os demais padres palotinos que atuavam na região. Esses atritos, aos poucos, foram sendo superados, e o projeto maior, que era prestar auxílio religioso aos imigrantes italianos, superou os problemas que surgiram entre os membros da Pia Sociedade das Missões.

As dificuldades encontradas com lideranças que não queriam os palotinos trabalhando em seus núcleos foram vencidas, principalmente, pelo apoio que os sacerdotes tinham dos bispos. Estes não aceitavam as solicitações de alguns grupos e lideranças

descontentes e reforçavam seu apoio ao projeto ultramontano dirigido pelos padres palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Segundo Biasoli:

A religião não apenas possibilitava “consolo espiritual”, mas construía núcleos de vida social, em torno dos quais gravitavam atividades econômicas, sociais e culturais. Havia os batismos, os casamentos, os enterros – todos esses passos da vida e da morte devidamente sacralizados –, como também acontecia o comércio e a difusão de valores, que possibilitavam a disciplina e o trabalho na lavoura, a constituição das famílias e das gentes ordeiras, capazes de suportar a rotina da roça e as tantas privações da vida (BIASOLI, 2010, p. 129).

Ao aceitar o convite dos imigrantes de Vale Vêneto, a Pia Sociedade das Missões começou um grande projeto missionário que vai se expandir para várias cidades do Rio Grande do Sul e, posteriormente, para outros estados brasileiros. Paralelamente ao trabalho realizado no Brasil, os padres palotinos começam o trabalho missionário em outros países da América Latina.

Padre Ladio Luiz Girardi, sacerdote palotino, em seu depoimento, em entrevista realizada em dezembro de 2019, ressalta o espírito missionário dos palotinos que ao aceitar o convite dos imigrantes italianos, iniciando um grande projeto missionário que se estendeu pelo Rio Grande do Sul e posteriormente por vários estados Brasileiros.

Segundo Padre Ladio:

A vinda dos palotinos para América e para o mundo começou com a unificação da Itália, quanto foi feita a unificação de todos os estados, de todos os pequenos impérios, pequenos reinos, aí começou ter uma necessidade dos italianos assim como os alemães ou os poloneses, os europeus de saírem pelo mundo para encontrarem mais terra, mais vida, mais jeitos de viver, desta forma iniciou a vinda dos imigrantes italianos para o Brasil. Tinha um interesse muito grande do governo brasileiro, pois com a abolição da escravidão, precisaram de gente para trabalhar e desta forma começaram vir migrantes italianos, alemães, poloneses e outros. Os imigrantes que moravam em Vale Vêneto foram até Itália na busca de padres, os primeiros foram os padres Sório e Arnoffi, porém com a morte do Padre Arnoffi e com o padre Sório ficando residindo em Silveira Martins sede da colonização, os colonos de Vale Vêneto foram novamente até a Itália na busca de padres porque o povo sonhava em ter um padre que presidisse os casamentos, que batizasse seus filhos, que fizesse a missa dominical, tantas coisas importantes para sua vida de cristãos católicos. Em 1886 vieram os primeiros missionários palotinos ao Brasil, em 1892 teve a benção do primeiro seminário, pois, os padres queriam ter uma casa de formação para preparar novos sacerdotes. Os primeiros padres viram da Europa, mas os padres italianos pensaram em preparar gente do Brasil para serem padres. O primeiro seminário foi em Vale Vêneto nos fundos da casa paroquial e mais tarde começaram a fazer outros, interessante observar, que no primeiro grupo entraram uns 20 seminaristas e destes 8 ficaram padres e posteriormente trabalharam na missão. Em São João do Polesine foi construído um seminário que tinha cursos de Filosofia e de Teologia, mais tarde foi construído o colégio Máximo Palotino em

Santa Maria onde foi transferido os cursos de Filosofia e Teologia, que recebia além de brasileiros alunos argentinos, chilenos, uruguaios e paraguaios. Os palotinos ainda construíram a casa de retiros, para que fosse possível dar formação religiosa ao povo através dos retiros. A partir de Vale Vêneto os palotinos passaram a atender toda a Quarta Colônia de Imigração Italiana, São João do Polêsine, Novo Treviso, Faxinal do Soturno, Nova Palma, Ivorá e também Silveira Martins. A missão Palotina foi crescendo de tal forma que que assumiram posteriormente as paróquias de: Passo fundo, Cruz Alta, Júlio de Castilho, São Luiz das Missões, Cerro Largo e São Pedro. Com o surgimento de novas dioceses no Rio Grande do Sul, os palotinos precisaram entregar várias paróquias para o clero diocesano, parecia que ia ser o fim de nossa vida palotina, mas na verdade foi um começo que foi uma graça, porque assim os palotinos começaram a pregar missões pelo Paraná e Santa Catarina e isso foi expandindo o trabalho em novas colonizações do Paraná e Mato Grosso, mais tarde foram até a Rondônia, Amazonas, todos esses espaços passaram a ser atendidos por palotinos. A última grande missão palotina foi a ida para África em 1999, nós que fomos tão ajudados por padres que vinham da Europa, da Itália, da Alemanha, agora tivemos a graça de ajudar na missão em Moçambique, já faz 20 anos que estamos lá e está se desenvolvendo bastante, lugar de gente bonita, amável, querida, onde o coração deles é todo de Jesus. Assim nós, que fomos ajudados pelos padres europeus, os imigrantes pediam padres, choravam para ter padres nas colônias, foram socorridos pelos primeiros padres vindo da Europa, agora ajudamos com a missão no continente africano. Assim, estamos vendo que aquilo que as vezes parece para nós impossível se torna para nós possível, aquilo que parece que uma coisa que perdeu o sentido fica um grande dom nas mãos de Deus

Um dos seus maiores desafios aconteceu quando assumiram a paróquia de Silveira Martins, que era a sede da colônia. Por ser um centro maior, os padres vão encontrar um ambiente com uma maior divergência de ideias.

Para De Boni:

Nas cidades e vilas maiores, podiam surgir alguns problemas, pois havia carbonários, socialistas mazzinianos, agnósticos, maçons luso-brasileiros etc... mas nas colônias era diferente: lá o catolicismo rural do clero europeu entendia-se perfeitamente com a mentalidade rural dos colonos (DE BONI, IN DACANAL, 1996, p. 242).

Os padres da Pia Sociedade das Missões, ao assumirem a paróquia de Silveira Martins, passaram a atuar em um meio bem diferente do qual estavam acostumados até então, desde sua chegada a Vale Vêneto, em 1886. Os sacerdotes palotinos tinham trabalhado em pequenos núcleos coloniais que estavam se estruturando, sempre a convite dos colonos que estavam povoando os núcleos e necessitavam de auxílio religioso. Em Silveira Martins, sede da colonização, havia uma maior diversidade de pensamentos e convicções político-religiosas, sem contar que a inserção dos palotinos se deu por convite do bispo dom Cláudio Ponce de Leão e não dos colonos (VÉSCIO, 2001).

3. OS SACERDOTES PALOTINOS ENCONTRAM RESISTÊNCIA AO SEU TRABALHO NA SEDE DA COLÔNIA

Na Quarta Colônia de Imigração Italiana, é possível verificar uma diferença na aceitação do trabalho dos padres da Pia Sociedade das Missões ao compararmos o núcleo colonial de Vale Vêneto, no qual o trabalho missionário dos padres é aceito e apoiado pelos imigrantes com o de Silveira Martins, onde surgem divergência e conflitos com pessoas que não seguem as orientações dos sacerdotes.

Os padres palotinos vão procurar usar de todos os meios possíveis para educar seus fiéis dentro das orientações da Cúria Romana: visita às famílias, retiros populares, criação de uma revista, escolas e seminários. Isso, para alguns, representava controle e, por esse motivo, essas ações não eram, muitas vezes, bem aceitas.

A comunidade de Vale Vêneto foi, para os palotinos, a porta de entrada no Brasil, a oportunidade de expandir seu trabalho missionário. A vinda para uma região de imigração italiana que estava se estruturando, com novos lotes coloniais ainda sendo distribuídos, possibilitou que a Pia Sociedades das Missões atendesse um número grande de fiéis. Era uma Igreja que migrara junto com os migrantes. O anseio dos moradores de Vale Vêneto de ter junto à comunidade sacerdotes que pudessem atendê-los no campo espiritual, desencadeou um processo ambicioso de evangelização, devido à falta de sacerdotes, principalmente, no interior do Rio Grande de Sul, e devido ao empenho dos palotinos em assumir mais paróquias. O fato dos imigrantes terem trazido para o Brasil sua cultura e sua religiosidade contribuiu para que a expansão da missão palotina tivesse sucesso. O cultivo da fé oriunda de sua terra natal foi como um fermento para a aceitação do trabalho dos sacerdotes nas comunidades.

Para Quaini:

A vinda dos missionários Palotinos ao Rio Grande do Sul é devida a duas razões fundamentais: o espírito missionário da Pia Sociedade das Missões/hoje Sociedade do Apostolado Católico, e ao insistente pedido de imigrantes católicos italianos que, ao sentirem muito a falta de sacerdotes de língua italiana, bateram à porta da Congregação da Propagação da Fé e também daquelas Congregações Religiosas europeias, especialmente dos Palotinos (QUAINI, 2016, p. 9).

A atitude dos moradores de Vale Vêneto de buscar apoio espiritual, como tinham em sua terra natal, e o espírito missionário dos palotinos contribuíram de forma

significativa para que o catolicismo ultramontano se instalasse na Quarta Colônia de Imigração Italiana. A iniciativa dos imigrantes de buscar sacerdotes foi decisiva para que outras comunidades do Rio Grande do Sul, em poucos anos, também tivessem sacerdotes palotinos desenvolvendo seus trabalhos de evangelização.

Segundo Merlotti:

O padre era um elemento de união entre Deus e a comunidade italiana, marcando uma cultura que se inicia com destaque de elementos essenciais: a necessidade de manter acesa a fé cristã e o desenvolvimento das terras em busca do bem-estar, através do trabalho. Esse elemento, fator de integração e reconstrução sócio-cultural, através de seu prestígio, foi transformando a comunidade em que atuava, dando-lhe assistência em todos os seus aspectos (MERLOTTI, 1979, p.58).

Para Biasoli, “O Vale Vêneto, por exemplo, tinha as características de uma paróquia italiana: área pequena e uma população diminuta, cercada por montanhas” (p.119). Ou seja, o ambiente geográfico e o estilo de vida que os colonos levavam foram propícios para que o projeto evangelizador se realizasse e, dessa base social da serra, se espalhasse por outros campos do solo sul-rio-grandense (BIASOLI, p.120).

Possamai (1999) faz referência ao prestígio que o sacerdote tinha junto dos imigrantes italianos: ser religioso era o sonho de muitos filhos e filhas dos colonos. Ter um filho padre ou religioso era motivo de alegria e prestígio, assim como para um jovem entrar para uma congregação religiosa era uma das poucas oportunidades de ascensão social e de entrar no mundo intelectual, oportunizado pelos conventos e seminários. Dessa forma, a região serviu, também, por muitos anos, como formadora de “vocações” religiosas.

Figura 6 - Vale Vêneto em 1932, vendo-se do alto, à esquerda, o seminário Rainha dos Apóstolos, e à direita em baixo, o Colégio das Irmãs.



Fonte: Bonfada (1991, p. 59).

Vale Vêneto, gradativamente, foi se constituindo como um espaço que aderiu e contribuiu para que a religiosidade católica se desenvolvesse entre os imigrantes e seus descendentes. A igreja matriz, no centro da comunidade, e o seminário Rainha dos Apóstolos, que formou muitos sacerdotes, contribuíram para que Vale Vêneto se tornasse o berço e o jardim dos padres palotinos no Brasil (BONFADA, p.48).

3.1 A INSERÇÃO NA SEDE DA QUARTA COLÔNIA

Em Silveira Martins, sede da Quarta Colônia, os palotinos encontraram um ambiente um pouco hostil. Nesse ambiente, nem todos os colonos comungavam com o ideário ultramontano, pois havia uma diversidade maior de pessoas e de concepções políticas e religiosas. Em julho de 1900, após a morte do padre Sório, o bispo de Porto Alegre, Ponce de Leão, entregou aos padres palotinos a paróquia de Silveira Martins.

Padre Sório ficou como pároco em Silveira Martins por 16 anos, período em que desenvolveu simpatia de uns e desconfianças de outros (Vescio, 2001). Por ser um padre de cunho liberal, escandalizava seus paroquianos com seu estilo de vida, estando frequentemente ao lado de pessoas que falavam mal do modelo ultramontano de Igreja que estava sendo implantado na região.

Há várias versões sobre a morte do padre Sório. Conta-se que, num final de tarde, quando fazia uma visita pastoral, ele foi atacado por algumas pessoas que lhe bateram violentamente, causando sérios ferimentos. “A violência do ataque foi tão brutal que o padre ficou em estado lastimável, não podendo erguer-se do chão” (Vescio, 2001, p. 31). Padre Sório ficou três dias agonizando na casa paroquial, vindo a falecer em 2 de janeiro de 1900, sem revelar o nome dos seus agressores. O crime do padre Sório, ainda hoje, faz parte do imaginário popular e, ao longo dos anos, tem sido citado por vários estudiosos e historiadores que estudam o tema da imigração italiana.

Nesse clima turbulento pelo qual estava passando Silveira Martins, os palotinos assumiram a paróquia, em junho de 1900, enfrentando, por parte de um grupo de moradores, certa resistência. Alguns moradores de Silveira Martins tinham ideias liberais e não comungavam com a orientação da Igreja ultramontana, causando um mal-estar com os padres palotinos. Outros moradores eram maçons, também (Vescio, 2001). Em 1906, assumeiua paróquia o padre palotino Francisco Schwinn, que encontrou resistência por parte de um grupo de pessoas em relação ao trabalho da Igreja. Por sua vez, os sacerdotes da missão palotina não vão apoiar manifestações que homenageiam os heróis da unificação da Itália.

O sacerdote palotino Frederico Schwinn trabalhou como pároco de Silveira Martins de 1906 a 1918. Anteriormente, ele tinha trabalhado em Porto Alegre por 13 anos como metre de noviços e professor de Teologia no colégio palotino de Tristeza (QUAINI, 2016, p.34).

Padre Schwinn, num primeiro momento, procurou atender a todos os paroquianos: visitava as famílias, benzendo suas casas, algo que era bem solicitado devido ao costume dos imigrantes italianos. Com a ajuda de outros padres palotinos, teve progresso nas atividades, fazendo pregações intensas e visitas mais frequentes às capelas. Nesse período, chegaram a Silveira Martins as irmãs do Imaculado Coração de Maria e foram construídas as capelas de Nossa Senhora de Pompéia, de Val Veronês e de Santos Anjos, além da torre de estilo bizantino (BONFADA, p. 131). A Igreja Católica ia, assim, assumindo espaços geográficos, políticos e simbólicos.

Segundo Biasoli:

O padre Frederico Schwinn foi responsável pela consolidação da Igreja romanizada neste local, e para isso reformou a igreja matriz (ergueu suas paredes e construiu a torre do sino) e aumentou o número de capelas na zona rural. O registro dessas realizações materiais, tanto nos Livros Tombo das paróquias, nos escritos do padre Frederico, quanto na historiografia eclesiástica são apontados como manifestações concretas dos progressos espirituais (BIASOLI, 2010).

Ao assumir a paróquia de Silveira Martins, o Padre Frederico Schwinn procurou mobilizar seus paroquianos para a restauração e construção de capelas. Em relação à igreja matriz, propôs “levantar suas paredes” e, ao receber uma negativa de seus paroquianos, informou-os de que iriam receber a visita do bispo e lhes perguntou: “O que [ele] dirá achando em toda a colônia igrejas melhores que da sede? Schwinn tocou no orgulho e identidade dos silveirenses – Igreja como expressão de força da comunidade – e conseguiu que os mesmos apoiassem sua proposta” (BIASOLI, 2010, p.105).

A Pia Sociedade das Missões, por mais que tenha conseguido avançar seus domínios na paróquia, passou por situações de resistência de grupos favoráveis ao processo de unificação da Itália e de membros da maçonaria. Padre Schwinn relata em suas memórias o fato de um grupo de moradores promoverem a construção de um busto de Garibaldi, com o objetivo de homenagear um dos líderes da unificação da Itália. O monumento foi construído na praça, em frente à igreja, sendo inaugurado em um domingo festivo, mesmo faltando o busto de Garibaldi, que, segundo o pároco, foi substituído por uma estampa de papel (SCHWINN, 1918, arquivo palotino).

A inauguração do monumento a Garibaldi serviu como evidência de que movimentos anticlericais estavam presentes em Silveira Martins e de que eles, de certa forma, exerciam influência sobre um grupo considerável de moradores, o que comprova

que nem todos os paroquianos eram adeptos ao modelo de Igreja pregado pelos padres palotinos. Os padres e os colonos mais fervorosos também se sentiam incomodados com a construção do monumento em frente à igreja, pois o busto recordava a destruição dos estados papais.

O busto de Garibaldi, no decorrer dos anos, sofreu alguns ataques, gerando acusações por parte dos garibaldinos de que as agressões eram motivadas pelo padre. Por outro lado, o padre também se sentia ofendido pelas acusações (VÉSCIO, p.67).

Padre Schwinn, recorda o fato de o busto ter sido pintado:

Eis que uma bela manhã, o herói aparece preto, sendo pintado de alcatrão. A raiva na confraria garibaldina não tinha limites. Um grupo dos mais exaltados percorreu as ruas em demanda de indícios de criminoso (...) blasfemavam, ameaçavam, prometeram um conto de réis a quem descobrisse o pintor do herói e iam deliberando se convinha mandar vir um cão policial para o descobrimento (SCHWINN, 1918, AHPNSC, p.60).

O caso do busto de Garibaldi é um evento que demonstra que a comunidade de Silveira Martins era um espaço de ideias e convicções diferenciadas, na qual surgiam manifestações consideradas uma afronta pelo sacerdote palotino. O busto em frente à igreja é sinal de força dos garibaldinos, italianos que se sentiam vinculados a sua terra Natal. Entretanto, padre Schwinn viu nesse episódio uma manifestação de forças que se posicionavam contra a Igreja.

Vendrame (2010) comenta que o fato de os imigrantes participarem de comemorações, como a da inauguração do busto de Garibaldi, era uma forma de saudar um dos símbolos da unificação italiana. Se os responsáveis pelo evento eram garibaldinos, maçons e anticlericais que se manifestavam contra a Igreja ultramontana, os colonos que dele participavam eram apenas simpáticos às atividades que lembravam sua terra natal, o que não significava que ser deixassem de ser católicos, pois “para muitos imigrantes e descendentes, ser católico e italiano tinha o mesmo significado” (VENDRAME, 2010, p. 135).

Lonrenzoni (1975) faz referência, em suas memórias, a festividades ocorridas em Bento Gonçalves, que mostravam uma forte ligação dos imigrantes com sua terra natal. De acordo com Lorenzoni:

A administração da Sociedade Italiana de Mútuo Socorro Rainha Margarita quis naquele ano comemorar solenemente a fastuosa data de 20 de setembro, que lembrava a gloriosa entrada das tropas italianas em Roma e a definitiva

instituição do Reino da Itália, tendo Roma como Capital (LORENZONI, 1975, p.158).

Os imigrantes italianos tinham uma ligação forte com sua terra natal, e alguns eventos e comemorações faziam com que se aproximassem ainda mais de suas origens, fatos que deixavam os padres ultramontanos desgostosos, pois, para eles, celebrar os heróis do processo de unificação da Itália era saudar aqueles que, de alguma forma, impuseram o fim dos estados papais.

Quando os palotinos começaram seu trabalho missionário em Silveira Martins, encontraram um clima diferente do que estavam acostumados em Vale Vêneto, onde não havia disputa de poder com os padres e onde os colonos entendiam que a presença dos sacerdotes era algo importante para que o povoado se desenvolvesse.

Já em Silveira Martins, havia uma variedade de pessoas com outros interesses políticos-religiosos, o que causava tensão e atritos com os padres, sendo sua autoridade constantemente contestada por alguns grupos. A criação do monumento a Garibaldi, herói da unificação italiana e contrário à autoridade do papa, é um exemplo da contrariedade de alguns imigrantes ao modelo de Igreja imposto pelos padres da Pia Sociedade das Missões.

3.2 O TRABALHO EDUCACIONAL DOS PALOTINOS NA QUARTA COLÔNIA DE IMIGRAÇÃO ITALIANA

Ao se inserir pela Quarta Colônia de Imigração Italiana, os sacerdotes palotinos se preocuparam em oferecer espaços, momentos e ações que tinham como objetivo a educação dos imigrantes dentro da fé católica. Suas atividades eram direcionadas a crianças, jovens e adultos das comunidades. As missas, os retiros¹¹, os internatos, a revista *Rainha*¹² e as visitas que faziam às famílias foram ferramentas que os padres palotinos utilizaram para

¹¹ Retiros: “Com origem católica, retiro é um termo muito usado por cristãos para designar uma atividade da igreja em que geralmente são levados para lugares ao ar livre onde possam usufruir ao máximo do encontro com Deus” (https://pt.wikipedia.org/wiki/Retiro_espiritual).

¹² Revista *Rainha*: Revista católica fundada pelo Padre Rafael Iop, em Vale Vêneto no ano de 1923. Com tiragem modesta no seu início, aos poucos, foi aumentando-a e, a partir do ano de 1934, já em Santa Maria, RS, passou ser distribuída mensalmente, alcançando os demais estados brasileiros. Tem como objetivo ser um espaço de evangelização por meio da imprensa. (<http://revistarainha.com.br/quem-somos>).

instruir o povo dentro da sua percepção de mundo, seguindo as orientações da Cúria Romana.

Os sacerdotes criaram várias casas de formação na Quarta Colônia de Imigração Italiana, visando receber jovens que pretendiam ser padres ou irmãos palotinos. Em Vale Vêneto, foi aberto, em 1922, o seminário Rainha dos Apóstolos, para receber jovens que pretendiam seguir a vida religiosa.

De acordo com Quaini:

O desejo de ter em Vale Vêneto um seminário, ainda que pequeno, nasceu com as visitas dos padres Guilherme Whitmee (1885, 1886, 1891) e José Faà de Bruno (1888). Iniciou em 1892 e durou na casa paroquial até 1896. Recomeçou no mesmo lugar, em 1915, onde esteve até final de 1922, quando passou para o seminário construído e inaugurado naquele mesmo ano (QUAINI, 2016, p.59).

Figura 7 - Inauguração do seminário de Vale Vêneto, em 1922. À esquerda, a frente, Paulo Bortoluzzi e esposa; no centro, padre Caetano; sentado, padre Scwinn.



Fonte: Biasoli (2010, p.221).

O seminário Rainha dos Apóstolos, inaugurado em 1922, começou pequeno, mas, com o surgimento de inúmeras vocações, precisou, várias vezes, ser aumentado, a fim de conseguir acolher os jovens que tinham o interesse de se tornar padres ou irmãos palotinos. Os pequenos núcleos coloniais foram importantes aliados dos sacerdotes palotinos na construção de suas casas de formação, pois não mediam esforços para doar o que tinham e, com isso, ajudar as obras dirigidas pelos palotinos. Padre Rafael Iop (1936) ressalta o esforço e apoio da comunidade de Vale Vêneto para que o seminário Rainha dos Apóstolos fosse construído.

Segundo Iop:

Aos 2 de Fevereiro de 1922 houve em Vale Vêneto a tocante festa do lançamento e benção da primeira pedra do edifício que ia denominar-se Collegio Regina Apostulorum, sendo a cerimônia presidida pelo padre Caetano Pagliuca, superior dos Palotinos, assistido pelos padres e alunos. O ato se revestiu de toda a solenidade sendo paraninfo o senhor Paulo Bortoluzzi, venerado ancião e fundador de Vale Vêneto e a excelentíssima senhora Thereza Busanello. O Povo do lugar, que há tantos anos esperava esta obra, compareceram em massa, manifestando seu entusiasmo [...] o número de alunos crescia todos os anos, de modo que a primeira parte do edifício se tornou pequena, e assim, depois de 8 anos, começou-se a construção de uma nova ala que se terminou em 1932 (IOP, 1936, p. 185).

O seminário de Vale Vêneto passou a ser um espaço educacional que atraía jovens de várias regiões do estado. Muitos dos jovens que passaram pelo seminário seguiram vida religiosa e, décadas mais tarde, foram os braços da Pia Sociedade das Missões pelo país, a qual conseguiu, assim, ampliar seu projeto de evangelização para várias cidades do Rio Grande do Sul e, posteriormente, para outros estados brasileiros. Muitas famílias de descendentes de imigrantes italianos viram nos seminários uma forma de proporcionar educação aos filhos. Esses filhos, é importante frisar, não entravam na partilha da terra, o que facilitava a reprodução da condição camponesa também.

Figura 8 - Seminaristas no Vale Vêneto, na década de 1940.



Fonte: Biasoli (2010, p.221).

Passou pelo seminário, também, um número considerável de jovens que não seguiram vida religiosa, mas que levou para suas comunidades de origem ou para outros locais a educação cristã recebida dos sacerdotes palotinos. Sendo assim, o seminário Rainha dos Apóstolos foi um espaço educativo que colaborou com a formação de padres, irmãos e leigos que passaram pelos seus espaços em algum momento de sua formação.

Durante cinco anos de minha juventude, tive a oportunidade de estudar no seminário Rainha dos Apóstolos, em Vale Vêneto. Em seguida, estudei dois anos no colégio Máximo Palotino. No decorrer da caminhada, fui percebendo que minha vocação não era religiosa e, antes de ir para o noviciado, uma etapa de formação, optei por sair do seminário. Esse período que vivi dentro do seminário, junto dos padres e irmãos palotinos, foram marcantes e edificantes em minha formação. A vivência diária, os momentos de formação, oração e

espiritualidade deixaram em mim conhecimentos e aprendizados que trago ao longo de minha vida. A vida dentro do seminário, longe dos familiares e junto de outros jovens, a convivência com os sacerdotes e irmãos, e a formação humana cristã que ali se desenvolvem vão moldar a vida de todos, dos futuros sacerdotes e irmãos, e dos futuros leigos cristãos.

As famílias de imigrantes italianos foram importantes aliadas dos sacerdotes palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana, inclusive, em alguns momentos, contribuindo financeiramente para que a obra missionária dos palotinos prosperasse. Foi, também, nos núcleos familiares dos imigrantes, que surgiram inúmeras vocações sacerdotais, as quais, décadas mais tarde, foram determinantes para o crescimento da Pia Sociedade das Missões no Rio Grande do Sul.

Ao se referir ao trabalho missionário dos sacerdotes palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana, Quaini (2016) afirma que:

Podemos dizer que estiveram muito centrados em dois pontos fundamentais: o bom atendimento pastoral em todas as paróquias e a busca de novas vocações e a sua boa formação como garantia do crescimento do trabalho apostólico em paróquias, capelas, escolas e famílias. O interesse por novas e boas vocações, como também sua alimentação e formação conveniente, estava presente e ativo em todos os membros [...] que souberam também valer-se da colaboração espiritual e material de todos os fiéis. Podemos dizer que surgiu um bom clima vocacional e também um bom clima educacional, regado por muita oração e também sacrifícios concretamente expressos (QUAINI, 2016, p. 71).

Dentre as inúmeras vocações que surgiram das colônias em formação, destacamos o padre João Iop, que era filho de imigrantes italianos, nascido em 1878 no Barracão de Val de Buia, local no qual os imigrantes esperavam pela demarcação dos seus lotes. Padre João Iop foi um dos primeiros alunos do seminário de Vale Vêneto, em 1892. Esse seminário estava junto da casa paroquial. Iop foi ordenado sacerdote em 1902 e eleito superior da região brasileira várias vezes (QUAINI, 2016).

Conforme Facco, o Padre João Iop:

Foi Superior distrital, a princípio, e depois, Regional, por bem 14 anos, isto é, de 1922 a 1936, ano de sua morte. Deu grande impulso aos palotinos no Rio Grande do Sul. Sob seu governo foi construído o Seminário de Vale Vêneto e foram lançados os alicerces do Seminário de São João do Polêsine. Fundou também o pensionato São Luiz em Vale Vêneto, destinado a adolescentes e jovens que estudavam no Colégio Nossa Senhora de Lurdez, da mesma localidade, dirigido pelas Irmãs do Imaculado Coração de Maria. O Pensionato estava sob a direção dos palotinos (Facco, 1994, p. 47).

Figura 9 - Padre João Iop, primeiro palotino brasileiro e primeiro superior regional.



Fonte: Bonfada (1991, Capa).

Ao assumirem a paróquia de Santa Maria, os sacerdotes palotinos se preocuparam em fazer ações que pudessem contribuir com a educação das futuras gerações. O padre Caetano Pagliuca assumiu a paróquia em 1900, e uma de suas obras no comando da paróquia foi o colégio São Luiz, inaugurado em 1904. No ano seguinte, padre Caetano convidou os irmãos maristas para assumirem a direção do colégio, como também oportunizou a vinda das irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã que, em 1905, abriram o colégio Sant'Anna com internato e externato (RIGO, 2010, p. 191).

O patronato agrícola Antônio Alves Ramos foi outra obra educacional que teve o empenho do padre Caetano Pagliuca desde o lançamento da pedra fundamental. Depois de inaugurado, em 1929, passou a ser uma instituição que se dedicava à formação e acolhimento de crianças carentes da sociedade santa-mariense. Tinha como lema “servir, amar, educar para a formação integral”. Os estudantes eram todos carentes ou órfãos, sendo

atendidos em um regime de internato, com aulas de formação moral, religiosa e educacional. O senhor Antônio Alves Ramos colaborou com os sacerdotes palotinos na construção do patronato. Comerciante, católico, amigo de padre Caetano, ele não mediu esforços para que as obras dos sacerdotes palotinos tivessem êxito.

Em 1961, o patronato passou a atuar como escola, oferecendo, também, formação escolar e técnica por meio de oficinas de marcenaria, tipografia, eletricidade e mecânica geral. O patronato continua, hoje, sendo uma das instituições educacionais mais tradicionais de Santa Maria, atendendo estudantes das séries iniciais ao ensino médio.

Segundo Miola:

O colégio Antônio Alves Ramos faz parte da herança apostólica e carismática de São Vicente Pallotti. Basta recordarmos o zelo e a dedicação de Pallotti ao fundar escolas noturnas, abrigos para jovens e adolescentes e tantos outros trabalhos de acompanhamento, orientação educacional e espiritual. Não nos faltam exemplos de que ele fazia da educação uma possibilidade de evangelização (MIOLA, Pe. Alessandro, Informativo Palotino, Santa Maria, 2011, p. 5).

Lôndero (2017), ao abordar a educação palotina, retoma Pallotti que, mesmo sem ter escrito algo sobre filosofia da educação, tem uma incidência direta na educação. Pallotti não fugiu dos desafios de seu tempo, procurou incentivar e construir casas e instituições para atender crianças e adultos, a fim de lhes garantir uma vida melhor através da educação. Assim, a prática pedagógica é marcada “pela caridade, pelo amor ao educando, amor pela educação, sendo presença amiga e acolhedora”, contribuindo para que o educando construa seu próprio caminho, encontrando, dessa forma, sentido para sua vida.

Nas palavras de Lôndero:

A escola Cristã é portadora de algumas características fundamentais, que podem ser consideradas importantes pela eficácia da sua obra educativa na igreja e na sociedade: a escola católica como lugar de educação integral da pessoa humana através dum projeto educativo claro que tem o seu fundamento em Cristo, a sua identidade eclesial e cultural; a sua missão de caridade educativa (LÔNDERO, Padre Ângelo, 2017, p.238).

Brandão (2012), ao se referir à educação, reflete que esta não deve ser pensada como uma simples etapa que vai preparar a pessoa para uma fase seguinte da vida. A educação deve ser pensada como algo que, ao longo da vivência, vai orientando na busca de um sentido para nossa existência e permitindo que a pessoa crie, conscientemente, condições de transformar sua vida e o mundo no qual está inserida.

Segundo Brandão (2012):

Ela não deve mais ser pensada como uma “etapa de preparação para a vida”. Deve ser pensada como uma vivência solidária de criação de sentidos ao longo de toda a vida e em cada um dos momentos da vida de cada ser humano. E não apenas porque ela é a “educação de um mundo em contínua mudança”. Mas porque a educação deve se constituir como um lugar essencial e não substituível na busca e criação de sentidos pessoais e partilhados de vida, que participem de maneira crítica e consciente da orientação das próprias transformações do Mundo e da Vida (BRANDÃO, 2012, p. 1).

O trabalho educacional feito pelos Palotinos esteve pautado, primeiro, nos ensinamentos e dogmas da Cúria Romana e, em segundo lugar, alicerçado nas atitudes e carisma de Pallotti, que via na prática do bem uma forma de educar conforme os ensinamentos de Cristo.

Outro elemento utilizado pelos sacerdotes palotinos para divulgar sua mensagem evangelizadora foi a revista *Rainha dos Apóstolos*. Em 1923, o Padre Rafael Iop, no seminário de Vale Vêneto, fundou a revista *Rainha dos Apóstolos*, tendo como objetivo divulgar a vida e obra de São Vicente Pallotti, fundador dos padres palotinos e comunicar ao povo em geral o trabalho missionário que estava sendo realizado nas colônias. Conforme Quaini, “desde o segundo número da Revista *Rainha dos Apóstolos* até abril de 1925, Pe. Rafael Iop foi publicando capítulos da vida e obra do Venerável Vicente Pallotti” (QUAINI, p. 52).

De acordo com Quaini (2016), padre Rafael Iop se inspirou nas revistas missionárias que existiam na Europa e nos Estados Unidos. Por meio da revista, queria levar aos leitores assuntos que pudessem contribuir na formação missionária dos cristãos espalhados pelos núcleos coloniais. A partir de 1924, a revista *Rainha* passou a ser mensal e, aos poucos, foi se constituindo num importante canal de comunicação e evangelização utilizado pelos sacerdotes palotinos. Gradativamente, a revista foi aumentando sua tiragem, passando a ser um importante veículo de comunicação e formação.

Os padres palotinos se comunicavam de várias formas. A revista *Rainha*, as homilias, os textos bíblicos e o diálogo que tinham com os colonos foram oportunidades de transmitir suas doutrinas, seus dogmas de fé ou as orientações necessárias para que as pessoas vivessem sob os dogmas da Cúria Romana. Os colonos, por meio das reuniões, das cartas e através do contato que mantinham com os sacerdotes, comunicavam suas

expectativas, dificuldades, seus interesses de construir na nova terra que estavam vivendo um ambiente religioso semelhante ao que tinham em sua terra natal.

Padre Rafael Iop, assim como muitos sacerdotes palotinos do início do século XX, era filho de imigrantes italianos que vieram para o Brasil em busca do sonho de, na América, construir uma vida digna. Ordenado sacerdote em 1906, aos 24 anos de idade, trabalhou em Passo Fundo, onde construiu o Hospital São Vicente de Paulo. Em 1921, foi transferido para Vale Vêneto, onde, com a construção do seminário, foi o primeiro diretor. Em 1923, lançou a revista *Rainha dos Apóstolos*, sendo desta diretor por 24 anos. Em 1934, deixou Vale Vêneto para dirigir o patronato Antônio Alves Ramos, em Santa Maria. Padre Rafael Iop, em 1936, tornou-se superior regional da missão palotina e, em 1940, com a criação da província brasileira, foi o primeiro provincial, cargo que ocupou até dois meses antes de sua morte, em 1947 (FACCO, 1994).

A necessidade de construir um seminário maior, que substituísse o antigo seminário de São João do Polêsine, fez os Palotinos assumirem um empreendimento grandioso: a construção do seminário Máximo Palotino, em Santa Maria, no qual pudessem atender os estudantes de Filosofia e Teologia. A construção do seminário Máximo exigiu muito esforço e dedicação dos membros da província palotina, que conseguiram construir uma casa de formação que, a partir de sua inauguração em 1958, colaborou na formação dos sacerdotes palotinos (ERTL; MACHADO; HAHN, 2009).

Segundo Dutra:

Num clima de igreja pré-conciliar, a inauguração do Colégio Máximo Palotino (CMP) coincidiu com a eleição do Papa João XXIII. Pode se dizer que analogamente, assim como na igreja uma nova 'primavera do Espírito' se anunciava com o Concílio, coisa semelhante aconteceria em nível de Província, com a inauguração do CMP em 1 de maio de 1958 (DUTRA In: ERTL; MACHADO; HAHN, 2009, p. 87).

O colégio Máximo Palotino, ao longo dos anos, vem sendo uma importante instituição de formação religiosa e acadêmica. Por várias décadas, dentro do colégio, funcionaram os cursos de Filosofia e Teologia, nos quais estudaram os seminaristas palotinos, seminaristas de outras denominações religiosas e seminaristas diocesanos. No ano de 2005, foi criada a Faculdade Palotina (FAPAS) para a qual foram transferidos os cursos de Filosofia e Teologia e na qual foram criados os cursos de Administração e Direito.

Influenciados pelo trabalho dos palotinos que atuavam na Europa, principalmente na Alemanha, os padres palotinos no Brasil passaram a divulgar e realizar retiros espirituais e missões populares nas paróquias em que atuavam. Os retiros foram, por muitos anos, um grande espaço de formação e espiritualidade, oportunizando aos sacerdotes palotinos um ambiente rico para educar o povo dentro da percepção ultramontana de mundo.

De acordo com Quaini:

Esses retiros eram abertos, os participantes não eram obrigados ao silêncio rigoroso, como no retiro fechado, e participavam nas conferências e meditações, na missa, na via-sacra, no terço, nas confissões. De setembro de 1936 a 18 de janeiro de 1937, Pe. Celestino Trevisan pregou diversos cursos de retiros abertos nas capelas de Três Vendas, Santa Terezinha e Santa Lúcia, na Paróquia de Vale Vêneto. Pregou também na capela de Vale Veronês, da Paróquia de Santo Antônio de Silveira Martins, e também na Paróquia de São Marcos, de Novo Treviso, e na capela de São Roque em Faxinal do Soturno. Em todos os lugares eram pregados quatro cursos de retiros sucessivos e cada curso era de três dias: um para homens, outro para senhoras, outro para moços e outro para moças (QUAINI, 2016, p. 96).

Os sacerdotes palotinos utilizaram os retiros para educar o povo dentro da doutrina católica. Sua didática procurava atender a todos os membros da comunidade, adultos, jovens, homens e mulheres, a fim de ter fiéis motivados sob o ponto de vista da fé e pessoas instruídas dentro dos temas que os sacerdotes acreditavam ser importantes para sua obra missionária nos núcleos coloniais.

A presença do sacerdote nos núcleos coloniais, vivendo no meio dos imigrantes, foi para a Pia Sociedade das Missões uma oportunidade de, através das missas, homilias, confissões, celebrações e visitas às famílias educar os fiéis de acordo com a visão de mundo palotina. Todas as ações dos sacerdotes palotinos estavam voltadas para educar seus fiéis a seguir as orientações da Cúria Romana, em alguns casos, aproveitando da religiosidade popular que os imigrantes trouxeram consigo, para educar e fidelizar sua comunidade.

Brandão (2002), ao falar de educação, a relaciona com a religião, que possui um território de troca de bens, serviços e significados entre as pessoas que estão envolvidas nesse processo. A religião, assim como a educação, possui hierarquia, divisão de trabalho, distribuição desigual do poder, inclusão e exclusão.

A atuação dos padres palotinos vai se dar por meio de seu ofício de sacerdotes. Seu trabalho tem como finalidade educar os imigrantes dentro dos dogmas da Igreja Católica, exercendo, quando necessário, sua autoridade de sacerdote representante da Cúria Romana.

A educação transmitida pelos sacerdotes palotinos se dava no dia a dia, na vivência na comunidade, atendendo às solicitações dos imigrantes para confessar, batizar os filhos, abençoar os casamentos, benzer os animais e as plantações.

Nos primeiros anos de missão pela Quarta Colônia de Imigração Italiana, os sacerdotes palotinos se depararam com o fato de que os imigrantes acreditavam em benzedoras, curandeiros, em pessoas que possuíam o dom de curar algumas enfermidades e de expulsar espíritos maus, benzendo as colheitas e controlando qualquer intempérie que pudesse causar dano a suas casas e plantações. Ao se inserir na Quarta Colônia, os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões foram, frequentemente, chamados para exercer o ofício de benzedor e curador, em situações que os imigrantes identificavam a presença de algo negativo ou ruim na sua propriedade, na plantação ou em familiares. Os sacerdotes, para serem aceitos, entraram no jogo, na imaginação, na crença dos imigrantes e fizeram alguns rituais na intenção de atendê-los e com o intuito de serem eles, os sacerdotes, aqueles que detinham o controle espiritual da região, mesmo que essas práticas e crenças fugissem da visão de mundo dos representantes da Igreja ultramontana (VENDRAME, 2007).

Padre Clésio Facco, sacerdote palotino, em seu depoimento realizado durante entrevista em novembro de 2019, observa que a inserção dos palotinos se deu pelo “testemunho” dos pioneiros sacerdotes que trabalharam na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Observa também que o surgimento de vocações sacerdotais e o trabalho educacional realizado nos seminários, escolas e pensionatos foi decisivo para a expansão da missão Palotina.

Segundo o Padre Clésio Facco:

Assim, como a Igreja se edificou sobre o sangue dos primeiros mártires, nossa família Palotina no Brasil se edificou sobre a coragem e o testemunho de nossos antepassados que nos legaram nosso carisma e nossa fundação. A chegada dos Palotinos para residirem no Brasil ocorreu em 1886 e foi motivo de festa para os imigrantes italianos de Vale Vêneto. Toda a vila ficou imersa em alegria. Cada família antecipou seus afazeres domésticos para poder reunir-se na frente da casa paroquial. Todos aguardavam ansiosos a feliz chegada dos Padres. A partir da coragem e do testemunho dos padres Pe. Jacó Pfändler (1856-1898) e Pe. Francisco Xavier Schuster (1852-1928) Vale Vêneto tornava-se assim o berço e o jardim dos Palotinos no Brasil. Berço, por ter sido o começo, e jardim porque aqui surgiram as primeiras vocações. A presença dos missionários trouxe ao povo a certeza de que a Igreja o acompanhava em todos os seus desafios. Já nos primeiros anos passaram a atender toda a Quarta Colônia de Imigração Italiana. Com a vinda de novos missionários e o surgimento de vocações puderam expandir o atendimento e criar novas iniciativas especialmente no campo da educação e da imprensa escrita. No setor educacional fundaram vários seminários, escolas e pensionatos, favorecendo muito o desenvolvimento intelectual e cultural da região. No setor da imprensa criaram a Revista Rainha

dos Apóstolos e a Gráfica Editora Pallotti. Nestes dois campos a Quarta Colônia foi muito privilegiada, porém com o decorrer da história a cidade que mais proporcionou estes investimentos foi Santa Maria

Os imigrantes trouxeram da Itália a crença, a tradição de benzer plantações, colheitas, animais e plantações. Ao se inserir junto dos núcleos coloniais, os sacerdotes assumiram essas tarefas com o objetivo de se aproximar dos colonos e de não deixar espaço para outras figuras que exerciam essas práticas.

Segundo Vendrame:

Os Sacerdotes da Pia Sociedade das Missões tiveram que exercer tarefas semelhantes (...) pois, os imigrantes desejavam ter seus campos protegidos contra as intempéries. A população procurava fazer com que as forças sagradas agissem no sentido de atender suas necessidades cotidianas, estabelecendo uma relação de troca com o sagrado, ao solicitarem proteção às lavouras, aos bens materiais e à saúde das pessoas (VENDRAME, 2007, p.243).

Beneduzi (2011) aborda esse tema quando se refere ao mundo pastoril dos italianos camponeses, às crenças, superstições e contos fabulosos que permeavam o imaginário do mundo cotidiano do Vêneto. A Igreja romanizada, inserida nesses locais, precisa conviver com práticas que vão contra sua doutrina. O mundo dos pequenos colonos é povoado por crenças, que estão impregnadas na sua forma de compreender o mundo rural que os cerca. As crenças fazem parte de todo um contexto, um estilo de viver no campo, que orienta vários aspectos da vida do camponês: uma vida simples, marcada pela pureza, honestidade, apego à família, aos filhos, à terra. Em meio a esse cenário, se encontra o sacerdote, que é aceito como alguém que representa algo sagrado, benze, exorciza e incentiva a devoção aos santos da Igreja, que são expressão da proteção divina.

Para Beneduzi:

Os Santos, no mundo cotidiano, adquiriram um papel de divindade, assumindo para si poderes exclusivos de Deus. Com isso embora haja o contexto da cristianização, percebe-se a permanência de múltiplas divindades da natureza do período pagão, sincretizado nas nomenclaturas e nos personagens católicos (BENEDUZI, 2011, p.101).

Os camponeses do Vêneto viam no padre a possibilidade de obter proteção contra as doenças, proteção para suas lavouras, afastar as pragas, tempestades, benzer as crianças. Em alguns momentos, o padre ou o curandeiro se confundiam no exercício de seus ofícios, e os sacerdotes, mesmo contrariando a Cúria Romana, aceitavam fazer essas práticas

religiosas para ganhar a confiança do homem do campo. Os sacerdotes evitavam combater as crenças pouco cristãs e o faziam somente quando havia um exagero por parte dos camponeses em exigir do padre uma função de feitiçaria (FRANZINA, 2006, p.333).

De acordo com Costa:

Com a ausência de médicos, no início da colonização, criaram-se formas mágicas de cura. Há os famosos curandeiros que receitam remédios vegetais. [...] A credence nas benzeduras pertence a uma forma de comportamento religioso, razão porque se mantém este fato em certo sigilo. Os sacerdotes sempre combateram os benzedores e as benzeduras (COSTA, 1986, p.38).

Menezes (2005) aborda a questão do catolicismo brasileiro ao analisar as festas de Santo Antônio em um mosteiro beneditino do Rio de Janeiro. Ao participar das celebrações religiosas, a autora observa como se dá a devoção dos fiéis a Santo Antônio e, principalmente, o momento da benção, no qual o sacerdote abençoa a multidão jogando sobre os fiéis água benta. Os fiéis, nos dias de benção, chegam cedo ao convento e participam das celebrações, das quais o ponto culminante é o momento da benção, quando, depois da missa, se aproximem da imagem do santo e façam seu ritual pessoal, tocando-o, rezando ou trazendo objetos para serem benzidos.

Segundo Menezes:

A benção que combina palavra, gesto, água, balde, brocha, movimentos de caminhada pela igreja, sinais -da- Cruz, imposição das mãos, tudo isso na interação entre Sacerdote e audiência. Entretanto, há que se lembrar que, subjacente a essa combinação, está o santo, que de alguma maneira se faz presente através desse ritual de consagração e abençoa seres e coisas estendendo-lhes sua proteção (MENEZES, 2005, p.28).

A benção de Santo Antônio é um ritual que mexe com o imaginário das pessoas. Os fiéis, acreditam na intervenção do santo nas suas vidas. Sendo assim, como destaca Menezes (2005), o fiel procura, na hora que o sacerdote joga água, ficar próximo deste para que mais água benta caia sobre si e os objetos que ele carrega. A devoção a Santo Antônio e a busca por sua proteção através da prática da benção são sinais de uma retomada da Igreja primitiva que, por muitos séculos, movimentou a religiosidade dos cristãos católicos (Menezes, 2005). A água benta é, ainda hoje, um elemento importante nos rituais católicos.

Na Quarta Colônia de Imigração Italiana, a cultura de homem simples do campo, com suas crenças particulares, veio junto com o imigrante italiano, ao atravessar o oceano

e se instalar no interior do Brasil. Padre Burmam (1910), em suas memórias, relata algumas situações em que é chamado a atender os colonos em momentos em que estes estão assustados com a presença de “forças malignas” e creem que, só com a presença e oração dos sacerdotes, os maus espíritos vão abandonar as casas, os animais ou as pessoas.

Conforme padre Burmam:

É costume entre os italianos que o padre a cada ano visite cada família e benza todas as suas posses. Eu acho muito louvável este costume, pois em primeiro lugar o padre nessa oportunidade aprende a conhecer melhor suas ovelhinhas. Onde se for necessário pode dar um bom conselho e dizer uma palavra dura, quando numa ou noutra família nem tudo está em ordem, como deve ser nas famílias cristãs (BURMANN 1910, p. 50).

O sacerdote palotino tinha a sensibilidade para perceber que, ao visitar as famílias e atender suas reivindicações de benzer suas posses, o padre se aproximava das pessoas, criava vínculos com elas e, assim, tinha a oportunidade de aconselhá-las e repreendê-las se fosse necessário, tendo como objetivo que as famílias seguissem as orientações da Igreja na condução de suas vidas.

Em algumas visitas que padre Burmann fazia nas comunidades, era surpreendido com pedidos dos colonos para o exercício de alguma prática ou ritual que o deixavam apreensivo. Procurando esclarecer, explicava que certas crenças não existiam, exemplo disso, é o caso da ideia de que algumas mulheres velhas que residiam nas colônias eram bruxas.

Para Padre Burmann:

Infelizmente havia a crença entre os colonos que certas mulheres velhas eram bruxas, as quais podiam causar grandes males numa família. Mais tarde com todos os modos possíveis procurei esclarecer o povo que não há bruxas, mas é muito difícil extirpar este mal entre o povo (BURMANN, 1910 p. 49).

Padre Burmann relata que muitos imigrantes tinham como hábito recorrer a curandeiros ou exorcistas, participando, muitas vezes, de reuniões secretas com o objetivo de se curar e ser abençoado por essas divindades. Com o intuito de educar o povo para que deixassem de recorrer a esses curandeiros espirituais, em seus sermões, procurava ensinar o povo sobre essas práticas.

O sacerdote palotino afirmava, em seus sermões, que era:

[...] pecado grave consultar os espíritas, que nenhum católico, nem se quer por curiosidade, pode participar das sessões noturnas dos espíritas, sem incorrer nas penas da igreja. A cada frequentador das sessões espíritas será negada a absolvição nas confissões. Estas determinações tiveram aos menos o resultado que os colonos ficaram longe das sessões espíritas (BURMANN, 1910, p. 54).

Padre Burmann utilizou sua autoridade de sacerdote e os momentos de pregação ao povo para alertar sobre a prática dos espiritualistas, deixando claro que os católicos que participavam desses rituais seriam penalizados pela Igreja, na tentativa de fazer com que seus paroquianos não ficassem, nem por curiosidade, participando desses rituais. A atuação dos sacerdotes palotinos junto dos núcleos coloniais vai introduzindo, assim, um modelo de Igreja vinculado à Cúria Romana, utilizando as pregações, as homilias, as conversas e formações para educar os colonos a serem fiéis às doutrinas a Igreja Católica.

Pierrot (2015), ao falar de aprendizagem, aborda a escrita como um ensinamento que impõe uma submissão, uma lei, um saber dominante, que se coloca do alto. Essa revelação divina é conhecida como um conhecimento sobrenatural, imposta de cima, entretanto, essa manifestação necessita de um profeta que vai traduzir a revelação divina aos homens. Pierrot se refere às religiões monoteístas, como o judaísmo, o cristianismo e o islamismo, que conduzem suas aprendizagens através da introdução de textos sagrados, que são interpretados por pessoas autorizadas, isto é com autoridade para executar essa tarefa, impondo, com ela, sua visão de mundo.

Segundo Pierrot:

Se há, de fato, no ato da palavra, primordialmente, a intenção de influenciar, a intenção de mostrar algo sob certo ponto de vista, ele participa dessa função instrumental da palavra; de modo muito geral, podemos dizer que temos a necessidade de ensinar no sentido elementar de dizer, o que não pode ser aprendido pela observação dos outros ou pela experiência pessoal; uma função elementar que a linguagem corrente divide com a teoria como “visão” a ser compartilhada (PIERROT, 2015, p.62).

Lorenzoni (1975) relata, em suas memórias, que, na colônia de Silveira Martins, não havia médicos ou farmácias, então surgiam charlatões que, com ervas medicinais, xaropes e rituais com gestos e sinais diziam curar os doentes. Encontravam-se alguns curandeiros vivendo ao pé da montanha, onde, na solidão, produziam diversas ervas usadas como medicamentos e explicavam para os colonos para que servia cada uma: “serve para

dores de cabeça, aquela outra, para os resfriados e assim, continuando, nos indicava umas vinte, cada uma infalível para os diversos incômodos” (LORENZONI, 1975, p.75).

Em certas ocasiões, padre Burmann realizou rituais religiosos de cura, pois, em as pessoas acreditavam estar possuídas por espíritos malignos que lhes causavam algum mal. Em suas memórias, padre Burmann relata um caso em que foi procurado para atender uma mulher na localidade de Dona Francisca, a qual, diziam, tinha sido enfeitiçada. Ao chegar ao local, encontrou um grupo de pessoas junto da casa, curiosos para ver o padre resolver aquele problema. A mulher estava num quarto onde precisava ser contida por dois homens, demonstrando fúria e não respondendo às indagações do padre.

De acordo com padre Burmann:

Mandei que trouxessem água e sal e fiz água benta. Depois de ter benzido o quarto e a casa, dei à doente a benção conforme o ritual romano. Quando coloquei minha mão direita sobre a cabeça, olhou-me com grandes olhos. Então fiz várias perguntas às quais respondeu clara e distintamente. Os homens e as mulheres presentes admiraram-se e exclamaram cheios admiração: sucedeu um milagre com a doente (BURMANN, 1910, p.50).

Padre Burmann comenta, também, a fama de outro sacerdote palotino junto aos colonos, o padre Jacó Pfändler. Ele praticava exorcismo e se arriscava no campo da medicina. Várias vezes, padre Pfändler era solicitado pelos imigrantes para prestar auxílio religioso, abençoar as casas, plantações e atender pessoas que acreditavam estar possuídas por alguma possessão diabólica. Muitas vezes, segundo o padre, não eram reais e sim fictícias (BURMANN, AHPNSC, 1910, p. 54).

Padre Burmann relata um episódio ocorrido em São João do Polêsine, quando foi atender um homem que se dizia perseguido por três demônios. Ao chegar à casa, o padre percebeu uma pequena multidão que se fazia presente. Ao se aproximar, Luiz, o homem que estava sendo perseguido pelos demônios, veio receber o padre e lhe deu um forte abraço.

De acordo com Padre Burmann:

Junto com o Luiz entrei na casa, num quarto a fim de saber algo mais dele. Perguntei-lhe o que estava acontecendo com ele e para que me tinham buscado. Ele respondeu que três demônios, pretos como carvão, sempre o perseguiam para arrastá-lo e levá-lo embora. Informe-me a respeito dos seus deveres de cristão e perguntei se ele fazia a Páscoa todos os anos. Deu-me a desconcertante resposta que fazia mais de 30 anos que não confessava. Sim meu caro Luiz, se é assim, eu não admiro que os demônios te querem levar vivo ao inferno. [...] Após a confissão, que tinha durado bastante, levantou-se cheio de alegria, abraçou-me

como quando cheguei. Agora vamos expulsar de ti o demônio. [...] Enquanto rezava a oração para a bênção, Luiz deu um grito e com a mão me indicou a porta e disse: lá senhor padre, estão os três demônios pretos de novo, que me querem buscar. Espera disse-lhe eu, vou enxotá-los. Mando os três para o inferno, do qual vieram. Tomei a água benta e aspergi a porta, mas não vi nenhum demônio. Estão ali os três demônios perguntei eu. Não, eles fugiram. [...] Fiquei de pé, olhando para o monte alto, que se elevava atrás da casa. Graças a Deus, disse eu, agora os três demônios estão acima dos montes se dirigindo para Silveira Martins (BURMANN, 1910, p.47).

Alguns padres, de acordo com Burmann, foram adquirindo fama e sucesso junto dos imigrantes, de modo que a população, quando surgia alguma manifestação estranha, corria até o padre para que este a protegesse e a libertasse do mal. Os padres, por sua vez, aproveitavam desses rituais de cura para se aproximar das pessoas, evangelizá-las, educá-las na doutrina católica, mesmo que, em algumas situações, suas práticas fugissem ao que determinava idealmente a Cúria Romana.

Segundo Vendrame:

Os padres vistos como médicos, benzedores, exorcistas, curandeiros ou mágicos foram adquirindo popularidade no decorrer de suas andanças pela região colonial, e os imigrantes por eles atendidos encarregavam-se de comunicar aos vizinhos, parentes e conhecidos sobre a eficácia de seus exorcismos e bênçãos (VENDRAME, 2007, p. 277).

Roy Wagner (2017), em seu livro *A Invenção da Cultura*, reflete sobre as construções que as sociedades fazem acerca da perspectiva religiosa, nas quais se manifesta o fenômeno religioso, atuando no convívio social. A religiosidade traz para a sociedade a crença em divindades, forças sobre-humanas, capazes de atuar na vida do indivíduo dentro do meio em que ele está inserido. Assim, é necessário dominar essas forças, apoderar-se delas através de cerimônias, cultos, rituais. As pessoas que conseguem conduzir esses rituais, naturalmente vão possuir um poder em relação aos demais membros do grupo.

Para Wagner:

O fantasma é um ser espiritual individualizado e particular, uma parte do inato, cuja relação com os vivos é controlada e preparada por atos coletivos de luto e ritual. [...] Nas sociedades, fazer o inato e o coletivo, traçar a crucial distinção que é a essência do convencional, é um ato de desesperado e atemorizante, quer a pessoa represente um fantasma ou um espírito para outros, quer diga a Deus, de mãos juntas, que Ele é grandioso e ela é indigna. Isso invoca os poderes assombrosos da criatividade universal no contexto da vida ordinária do homem e coloca o problema de contê-los e controlá-los: o problema da alma em perigo (WAGNER, 2017, p. 139).

No processo de inserção e evangelização na Quarta Colônia, os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões precisaram estar inseridos nas comunidades e prestar os auxílios que elas precisavam, mesmo que, para isso, precisassem expulsar demônios, benzer plantações, fazer rituais de cura. Ao atuarem dessa forma, os sacerdotes afastavam seus fiéis dos curandeiros populares e, assim, obtinham um maior controle sobre os núcleos coloniais.

Viveiro de Castro (2018), ao estudar a cosmologia ameríndia, destaca as múltiplas relações, percepções, noções de vida e de sociedade nessa cosmologia, as quais estão para além do que nós “ocidentais” somos capazes de compreender: “há, pois, mais pessoas no céu e na terra dos índios do que sonham nossas antropologias” (VIVEIRO DE CASTRO, p. 54). Ao iniciar seu projeto evangelizador nas colônias, os sacerdotes palotinos precisaram inserir-se na visão e compreensão que as pessoas tinham de espiritualidade, para que sua ação tivesse resultado positivo. Foi necessário aos sacerdotes compreender a visão cosmológica (ou a religiosidade) do mundo dos colonos para melhor orientar seus fiéis dentro da visão de mundo romanizada.

Os sacerdotes palotinos, ao realizarem sua missão evangelizadora na Quarta Colônia de Imigração Italiana, foram criando mecanismos e aproveitando oportunidades para educar seus fiéis dentro da doutrina católica. Ao realizarem seu trabalho, motivaram a criação de espaços educacionais, como colégios e seminários, de onde surgiram inúmeras vocações sacerdotais e um número ainda maior de jovens que não seguiram vida religiosa, mas levaram para suas vidas a educação que receberam dentro dessas instituições de ensino.

A formação também chegava aos adultos. Isso acontecia, num primeiro momento, nas celebrações religiosas, quando os sacerdotes, por meio das homilias e reflexões, procuravam educar o povo para que vivessem de acordo com as determinações da Cúria Romana. Criaram-se os retiros populares, espaços destinados à formação, com vários padres palestrando durante alguns dias sobre temas que eram de interesse das pequenas comunidades cristãs que estavam se instalando nos núcleos colônias.

A revista *Rainha* passou, desde o ano de sua fundação, 1923, a ser uma ferramenta que levava informação sobre as atividades dos padres palotinos, assim como uma oportunidade de educar as famílias dentro da doutrina católica, através de seu conteúdo.

A missão dos padres palotinos, em muitos momentos, se deu no contato diário com os imigrantes, mediante visitas às famílias, o diálogo, as bênçãos que davam nas casas,

lavouras e animais ou, ainda, através dos rituais que faziam para expulsar espíritos malignos que atormentavam os seus fiéis. O padre, por ser o representante da Igreja nos núcleos coloniais, exercia liderança sobre as comunidades e, com a autoridade de sacerdote, procurava educar seus fiéis na doutrina católica por todos os meios possíveis.

O trabalho educacional dos padres da Pia Sociedade das Missões ultrapassou as paredes de suas instituições de ensino, entrando na vida cotidiana dos imigrantes de várias formas: com visitas dos sacerdotes, retiros, revista *Rainha*, homilias, bênçãos e, principalmente, com o contato e diálogo do sacerdote com seus fiéis.

Capítulo 4. A INSERÇÃO DOS PALOTINOS SE SOLIDIFICA NA PARÓQUIA DE SANTA MARIA

Neste quarto capítulo, vamos trabalhar a inserção dos Palotinos na cidade de Santa Maria, na qual a Igreja Católica passava por dificuldades, com poucos fiéis, com sacerdotes sendo desrespeitados e até agredidos. É nesse ambiente que os sacerdotes da Pia Sociedade das Missões vão realizar sua missão, tendo o padre Caetano Pagliuca como personagem central dessa inserção na cidade (KARSBURG, 2007). Abordaremos também a proximidade dos sacerdotes palotinos com os bispos, o que foi importante para que o projeto missionário palotino pudesse se expandir pela Quarta Colônia de Imigração Italiana.

Figura 10 - Mapa de Santa Maria, RS.



Fonte: pt.wikipedia.org

Os sacerdotes palotinos chegaram a Vale Vêneto em 1886 e, em poucos anos, vieram mais sacerdotes, de modo que o trabalho missionário junto dos imigrantes italianos foi se expandindo pelos núcleos coloniais que estavam se formando na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Em alguns núcleos, os sacerdotes tiveram apoio dos colonos, e sua missão teve êxito rapidamente; em outros locais, devido a atritos entre os próprios

sacerdotes e à resistência de algumas lideranças e grupos que não viam com bons olhos seu projeto ultramontano de Igreja, demorou mais tempo para que seu projeto se solidificasse.

Mesmo com dificuldades e resistência, os padres palotinos ampliaram seu projeto de evangelização nos núcleos coloniais e, em 1896, receberam do bispo dom Cláudio José Ponce de Leão o convite para assumir a paróquia de Santa Maria.

Santa Maria, nessa época, era uma cidade em pleno desenvolvimento. A chegada da linha férrea em 1885, a instalação do telégrafo, a construção do Teatro Treze de Maio, da nova igreja matriz e do Hospital de Caridade, assim como a vinda de congregações religiosas para trabalhar no campo educacional são sinais de uma cidade que está se desenvolvendo.

O final do século XIX e início do século XX foi um momento de expansão da cidade. Em 1910, Santa Maria contava com uma população de 15 mil pessoas, surgindo construções mais sólidas, substituindo as casas mais modestas (BELTRÃO, p. 213).

Segundo Beltrão:

O progresso já estava batendo à porta da cidade, com suas promessas de conforto físico, de melhores dias, de coisas novas, entre olhares desconfiados de alguns velhos caturras que juravam não ser ele capaz de trazer maior tranquilidade ao espírito (BELTRÃO, 2018, p. 213).

Karsburg (2007) aborda essa questão de que as forças políticas não vão medir esforços para que a cidade aproveite as novidades e inovações que estão surgindo e se transforme em um local que lembre o progresso e a modernidade, visível nas modificações urbanas que a cidade estava vivenciando.

Para Karsburg:

A nova Santa Maria que se construía, detentora da estrada de ferro e entroncamento mais importante da província, deveria ostentar avenidas largas, prédios vistosos, residências modernas, praças com ambientes saudáveis para o lazer das pessoas. Isso passou a ocorrer de forma acelerada, a partir de 1885 (KARSBURG, 2007, p. 84).

A paróquia de Santa Maria estava, nesse período, passando por um momento bastante turbulento, pois havia na cidade um descrédito em relação aos padres e seus serviços. Segundo Biasoli (2010), a igreja estava em ruínas, havia poucos fiéis, a Igreja Católica via crescer o número de fiéis luteranos, além da maçonaria que se configurava em

uma força significativa entre algumas lideranças da cidade. Padre José Marcelino Bittencourt, que respondia pela freguesia de Santa Maria, ao sair da igreja e atravessar a praça Saldanha Marinho, foi cercado e atacado por três homens a cavalo, que lhe bateram com cabos de relhos; as agressões foram sérias, um padre que lhe acompanhava quase perdeu o olho direito (BIASOLI, 2010, p. 126).

Conforme Biasoli, o “desacato e agressão física ao padre Marcelino são considerados por todos os que enfocam a Igreja Católica local como um episódio significativo do descrédito que a religião vivia” (BIASOLI, 2010, p.126). Padre Marcelino era um padre de cunho liberal, que estava envolvido na vida política de Santa Maria e que, frequentemente, entrava em atrito com os representantes locais do partido conservador, os quais não mediam esforços para afastá-lo da cidade.

O bispo dom Claudio Ponce de Leão nomeia, então, para ser pároco de Santa Maria, o padre Catalano, que, aos poucos, foi desagradando os paroquianos devido ao seu trabalho pastoral não ser eficiente. Em várias ocasiões, não celebrava missas, não organizava a prática dos sacramentos, fazendo com que os fiéis reclamassem de seu comportamento. Ao visitar a cidade, em janeiro de 1895, dom Cláudio repreendeu publicamente padre Catalano durante a festa do Campestre. Devido a esse fato, pessoas simpatizantes do padre ameaçaram o bispo de morte. Cansado dessa situação, dom Cláudio nomeou como pároco o padre Carlos Becher que, pouco tempo depois, devido a atritos com lideranças contrárias à sua atuação, recebeu um abaixo-assinado com 80 nomes solicitando que ele se retirasse da paróquia (BIASOLI, p.132).

Padre Carlos Becher registra no livro tombo, esse fato:

Em 15 de novembro do ano supra (1895) tive que me retirar dessa paróquia tendo sido antes intimado pela força bruta de um grupo de cerca de 30 homens inimigos da religião e, por conseguinte, de todo sacerdote cumpridor dos seus deveres. Que venham melhores tempos para esse povo infeliz cujos destinos imorais são dirigidos por homens sem leis (Livro Tombo, n.3, p. 86).

O bispo, indignado com essa situação, interditou a paróquia, proibindo que se realizasse no perímetro da cidade qualquer ato religioso. Diante desse clima tenso que a cidade vivia, o bispo entregou a paróquia de Santa Maria aos palotinos, que nomearam o padre Pedro Wimmer como pároco (BONFADA, 1991). Segundo Quaini: “Dom Cláudio com muita insistência quis que os Palotinos assumissem a paróquia de Santa Maria” (QUAINI, 2016, p. 31).

4.1 A DIFÍCIL TAREFA DE EVANGELIZAR NA PARÓQUIA DE SANTA MARIA

Ao assumir a paróquia de Santa Maria em 1896, o padre Pedro Wimmer enfrentou resistência a seu trabalho e precisou ser firme para não abandonar a missão que lhe foi entregue, pois foi, muitas vezes, desacatado e ameaçado. Na primeira semana em que estava trabalhando em Santa Maria, a maçonaria pediu que tirasse a batina. Entretanto, sua recusa em aceitar o pedido mostrou que realmente não estava disposto a aceitar ordens de como deveria se comportar no ofício de sua função (BONFADA, 1991, p.106).

Segundo Probst (1989), a maçonaria exigiu que padre Pedro Wimmer “tirasse a batina”¹³, que entrasse na loja maçônica e que se casasse em cartório. O padre foi firme em sua resposta, dizendo que cada soldado tinha seu uniforme, sendo ele um soldado de Cristo, seu uniforme era a batina e está ninguém o faria tirar. Conforme Probst (1989, p. 54), “o vigário não cedeu nenhum passo. Ele sabia que não se tratava propriamente de sua pessoa, e sim dos princípios da fé cristã”.

A ação pastoral na paróquia de Santa Maria teve suas dificuldades. Padre Pedro Wimmer não conseguiu muitos progressos no período em que esteve atendendo como pároco, e as visitas às capelas mais distantes lhe serviam de consolação, já que na cidade seu trabalho se restringia a um pequeno grupo de fiéis (BONFADA, 1991, 107). Para Probst (1989, p. 55), “o simples permanecer na cidade nestas condições já era um ato heroico, só possível a um homem de vontade de ferro, de coragem destemida, de confiança inabalável em Deus”.

De acordo com Karsburg:

No Catolicismo luso-brasileiro, não havia problemas se um padre mantivesse concubina e filhos ou participasse da Maçonaria e, desde que cumprisse suas obrigações religiosas a contento de todos, seria bem visto por muitos (KARSBURG, 2007, p. 251).

O catolicismo ultramontano não comungava com essas orientações da Igreja luso-brasileira. Os padres palotinos eram fiéis às determinações da Cúria Romana, segundo as quais o sacerdote precisava ser um exemplo de cristão junto de seus fiéis. Exigir do padre algo que fosse contra as orientações da Cúria Romana, era uma forma de moldar os

¹³ Os padres não deveriam usar a vestimenta eclesiástica que os identificassem como sacerdotes. (PROBST, 1989, p.54).

sacerdotes de acordo com as ideias liberais de alguns grupos que exerciam liderança na cidade. As forças contrárias à Igreja ultramontana, em Santa Maria, queriam que o padre assumisse uma posição liberal, algo não aceito pelos sacerdotes palotinos.

Para Geertz (1989), a religião ultrapassa a condição de metafísica, uma vez que os cultos, os rituais trazem uma concepção moral, que rege a vida do indivíduo, por meio da observância dos preceitos religiosos, além de orientar a vida social das pessoas dentro de suas sociedades.

Para Geertz:

Um conjunto de símbolos sagrados [...] é o que forma um sistema religioso. Para aqueles comprometidos com ele, tal sistema religioso parece mediar um conhecimento genuíno, o conhecimento das condições essenciais nos termos que a vida tem que ser necessariamente vivida (Geertz, 1989, p.146).

Os sacerdotes, em si, eram um símbolo religioso que, mediante sua presença na comunidade, constituíam sinal da presença do cristianismo no meio dos imigrantes, pelos seus sermões, suas visitas às famílias, rituais de batismo, casamento ou extrema unção. A batina preta usada pelos sacerdotes era um símbolo religioso marcante no meio da comunidade, era uma forma de se destacar entre as pessoas, um sinal de que faziam parte da Igreja Católica.

Bonfada (1991) relata o fato de padre Pedro Wimmer ser ameaçado de morte, por não aceitar as exigências da maçonaria:

Dias depois, veio mais um recado: ‘diga ao padre que logo será enforcado!’ Wimmer falou ao colega: ‘quero conhecer a cara desse valente’. Com o semblante tranquilo e jovial, dirigiu-se a casa do topetudo. Tendo-se apresentado, disse-lhe a queima-roupa: ‘onde está a forca? quero benze-la antes de ser pendurado nela’. O Valentão perdeu o rebolado. O mais importante, porém, foi que desse encontro nasceu uma bela amizade. ‘sabe da última? – escreveu mais tarde Wimmer ao Superior Geral. Aquele que queria me enforcar tomou a primeira comunhão. Faz parte da Comissão da igreja. É um dos meus braços direitos (BONFADA, 1991, p, 106).

Registros eclesiásticos sobre esse momento histórico de Santa Maria sempre dão a versão de que, na cidade, a maçonaria era poderosa e de que havia muitas manifestações contrárias ao trabalho da Igreja, como a destruição da igreja em ruínas. A agressão ao padre Marcelino Bittencourt, a expulsão do padre Becher e as ameaças feitas ao padre Pedro Wimmer eram atribuídas à maçonaria, que tinha o interesse de destruir ou subjugar a Igreja e seus representantes.

Karsburg (2007) aborda esse tema mostrando que a maçonaria tinha força na cidade, mas não era tão coesa e poderosa como foi apresentada pelos escritos eclesiásticos. Em Santa Maria, havia uma elite liberal que se preocupava com que a cidade se desenvolvesse, por isso, com a velha matriz em ruínas no centro da cidade, a ação da Igreja era vista como um entrave para o desenvolvimento.

Nas palavras de Karsburg:

Havia um anticlericalismo radical presente na Maçonaria, mas também fora dela. Esses concebiam o ultramontanismo como um grave erro, uma deturpação do cristianismo, uma vez que seus representantes alimentavam o “obscurantismo” entre o povo. Criticavam o papa, sua infalibilidade, o culto aos santos, e à Virgem Maria, o confessionário, as missas rezadas em latim, o catecismo ensinado às crianças, o autoritarismo dos bispos e o celibato. Não almejavam somente o afastamento da Igreja da vida pública e social, mas o banimento desta instituição moral e espiritual dos indivíduos (KARSBURG, 2007, p. 210).

Segundo Karsburg (2007), os escritos eclesiásticos identificaram a maçonaria como inimiga da Igreja, agindo diretamente para que seus representantes não tivessem êxito em seu trabalho. O catolicismo era combatido por um grupo que estava também fora da maçonaria e que via nesse modelo de Igreja um entrave para o desenvolvimento da cidade. Porém, esse grupo não representava todos os moradores de Santa Maria. Quando Caetano Pagliuca assumiu como pároco, conseguiu reunir o grupo de cristãos que estava disperso. Isso se deu em 1900 e fez com que aumentasse significativamente o número de fiéis.

O padre Caetano Pagliuca era de origem humilde, seus pais eram pequenos camponeses que tiravam da terra seu sustento. Nasceu na Itália, em 1874, e com 10 anos de idade ingressou na congregação dos padres palotinos, em Roma. Estudou em Mézio, onde realizou o noviciado, e embarcou para o Brasil em 1892. Em Porto Alegre, realizou os estudos de Filosofia e Teologia, sendo ordenado sacerdote em 1897. No ano de 1900, assumiu a paróquia de Santa Maria, com 26 anos de idade. Em Santa Maria, lançou a pedra fundamental e inaugurou a igreja matriz em 1907. Alguns anos antes, em 1903, inaugurou o Hospital de Caridade e, em 1904, fundou o colégio São Luiz que, no ano seguinte, foi entregue aos irmãos maristas. Contribuiu para que as irmãs franciscanas abrissem o colégio Santana. No ano de 1928, inaugurou o atronato agrícola Antônio Alves Ramos, instituição que contribui para a formação de crianças e jovens por várias décadas. Em 1937, padre Caetano Pagliuca lançou a pedra fundamental da igreja das Dores, onde foi pároco até 1944. Depois, até 1948, trabalhou como vigário cooperador. Em 1948, foi morar no Hospital de

Caridade, onde atuou como capelão e provedor até sua morte em 1957, aos 83 anos (FACCO, 1994, p. 80).

Segundo Facco (1994), Pagliuca:

Delineou capelas e igrejas. Edificou templos e colégios, mas as obras de maiores proporções foi a que edificou no coração de sua gente. Transformou a mentalidade religiosa do povo. Traçou rumos clareou consciências [...] Sua vida desdobrou-se sobre a sapata eterna de alta espiritualidade. Viveu a igreja – eis a mola de seus frutos! Manejava o coração do povo como queria, porque, além de tudo, era de uma maciez evangélica, que cativava. Mais de que em praça pública, ele já está erguido sobre os corações das turbas e sobre a base de cimento e ferro da história (FACCO, 1994, p. 81).

Figura 11 - Padre Caetano Pagliuca.



Fonte: Biasoli (2010, p.226).

Rigo (2010) faz referência ao trabalho do padre Caetano Pagliuca em Santa Maria, elencando diversas obras erguidas pelo sacerdote, assim como seu trabalho apostólico atendendo capelas que faziam parte da paróquia, naquele tempo, como as de Júlio de Castilhos, São Martinho e Arroio Grande. Em momentos de crise, como em 1924, quando, em Santa Maria, explodiu a terrível peste bubônica, padre Caetano Pagliuca não fugiu de seu posto, contraiu também a epidemia, salvou-se, não se ausentando de seu ofício: “o padre Caetano Pagliuca foi o maior palotino da Província Sul Brasileira. Trabalhador austero e infatigável, empreendedor, generoso e franco, marcou a população de Santa Maria em todos os aspectos” (RIGO, 2010, p. 56).

Padre Caetano Pagliuca, no desenvolvimento de seu trabalho, percebeu um movimento contrário à Igreja, o qual ele identifica com o movimento maçônico, que era bastante influente na cidade. Entretanto, ele não partiu para o ataque, mas usou de uma estratégia muito eficiente para combater seus adversários: identificou lideranças da cidade que não eram contrárias à Igreja e as convidou para ajudar na construção de vários empreendimentos que vão modificar a cidade e aumentar o número de féis.

Para Bonfada:

Para trabalhar naquele ambiente, precisava-se muito de jogo de cintura. Padre Caetano entrou em campo com uma ideia formada: evitar o confronto. E, quando possível, conseguir a colaboração de todos, imitando um pouco os toureiros espanhóis, que sabem quebrar o corpo, cair fora no momento em que o touro investe. A construção da igreja oferecia ótima oportunidade para angariar a simpatia e também a ajuda de pessoas de boa vontade (BONFADA, 1991, p. 108).

Ao buscar parcerias para construir uma nova igreja, padre Caetano procurou o senhor Gustavo Vauthier, que trabalhava como engenheiro na construção da estrada de ferro. Segundo Bonfada:

Sua esposa era católica praticante, e os padres resolveram atacar por ali. Foram fazer-lhe uma visita, expondo-lhes seus propósitos. ‘Mas ele é maçom – objetou ela. - Não tem importância – a tranquilizaram,’. Nós precisamos de homens influentes na comissão, se quisermos que a igreja se torne realidade. Entre eles se encontra seu marido (BONFADA, 1991, p.108).

Usando dessa estratégia, padre Caetano, paulatinamente, vai conseguindo pessoas influentes para tocar seus projetos religiosos, sociais e educacionais. Visando a seu propósito evangelizador, padre Caetano convidou congregações religiosas para trabalhar

na educação e, com isso, aos poucos, foi educando as futuras gerações, os filhos das elites santa-marienses, dentro da visão católica do mundo. Em 1905, chegaram à Santa Maria para trabalhar na área da educação, as irmãs franciscanas e os irmãos maristas.

Figura 12 - Alunos do Colégio São Luiz, fundado em 1904 pelo padre Caetano Pagliuca, que aparece ao centro.



Fonte: Bonfada (1991, p.105).

Dacanal (1996) estuda a abertura de inúmeras escolas confessionais no Rio Grande do Sul, no final do século XIX e início do século XX. Diversas congregações religiosas abriram educandários em várias cidades do estado, contribuindo, dessa forma, para que o Rio Grande do Sul se tornasse um estado católico. Intelectuais renomados e líderes políticos foram, por décadas, sendo educados dentro dos colégios confessionais e mantendo com a Igreja uma relação de proximidade, fato que contribui para que os jovens e, mais tarde, a sociedade fosse influenciada pela visão de mundo apresentada nas escolas confessionais.

Segundo Dacanal:

Parece-nos evidente a contribuição da igreja, através dos colégios católicos da imigração, na implantação de uma ética, de uma maneira de viver, onde passaram a brilhar virtudes como a pontualidade, a moderação, o controle, o apreço ao trabalho, o cálculo exato, a persistência, o método etc. (DACANAL, 1996, p.250).

Vécio (2005) aborda essa estratégia do catolicismo romanizado, no início do século XX, de se aproximar das elites, objetivando o poder que circulava nesse meio. A educação passou a ser uma ferramenta importante para que novas gerações da elite fossem educadas dentro da visão de mundo ultramontana, garantindo, com isso, uma geração capaz de assumir a causa da Igreja Católica na sociedade. Para Vécio (2005, p.189), “No meio urbano a ampliação da rede católica de ensino colaborava para formar uma geração de leigos capaz de se antepor tanto ao positivismo e à Maçonaria como às demais correntes filosóficas”.

Decker (2019) faz referência ao fato de que a Igreja Católica, a partir do final do século XIX, entrou de forma estratégica no campo educacional. Assim, criou as escolas, os internatos e os orfanatos locais de acolhimento de jovens, de formação profissional, além de espaços nos quais os jovens eram educados dentro a perspectiva da visão de mundo da Igreja Católica.

Para Decker:

A Igreja Católica ocupa um lugar privilegiado no Brasil: as escolas, a catequese, a comemoração dos feriados religiosos e a exposição de sinais de religiosidade católica nas repartições públicas são exemplos que demonstram o poder da instituição no que tange à formação das consciências das pessoas desde tenra idade. No fim do Império e no início da República, parte da Igreja engajou-se em aumentar seu poder através da atuação estratégica de alguns agentes (DECKER, 2019, p.101).

Ao incentivar que congregações religiosas viessem para Santa Maria e abrissem instituições de ensino, o padre Caetano Pagliuca usou de uma estratégia interessante, pois as escolas confessionais, em poucos anos, foram se tornando instituições de ensino reconhecidas e respeitadas, que recebiam, principalmente, os filhos das famílias mais abastadas da cidade e da região. As escolas confessionais foram se tornando fortes aliadas do projeto ultramontano dos padres palotinos, pois, por elas, passaram, ao longo dos anos, milhares de crianças e jovens, que foram sendo educadas dentro da visão de mundo ultramontana.

Segundo Biasoli:

Inserida na vida social santa-mariense, intervindo no processo de educação, tornando-se o centro mais qualificado da educação informal, intervindo na área da saúde, colaborando no dia -a-dia do hospital, a Igreja disseminava seus valores e expandia o “espírito cristão”. Barrava a “efervescência revolucionária”, criada pelos liberais e maçons, impedia manifestações anticlericais e fazia de Santa Maria uma cidade católica não apenas nominalmente como fora no período imperial (BIASOLI, 2010, p. 151).

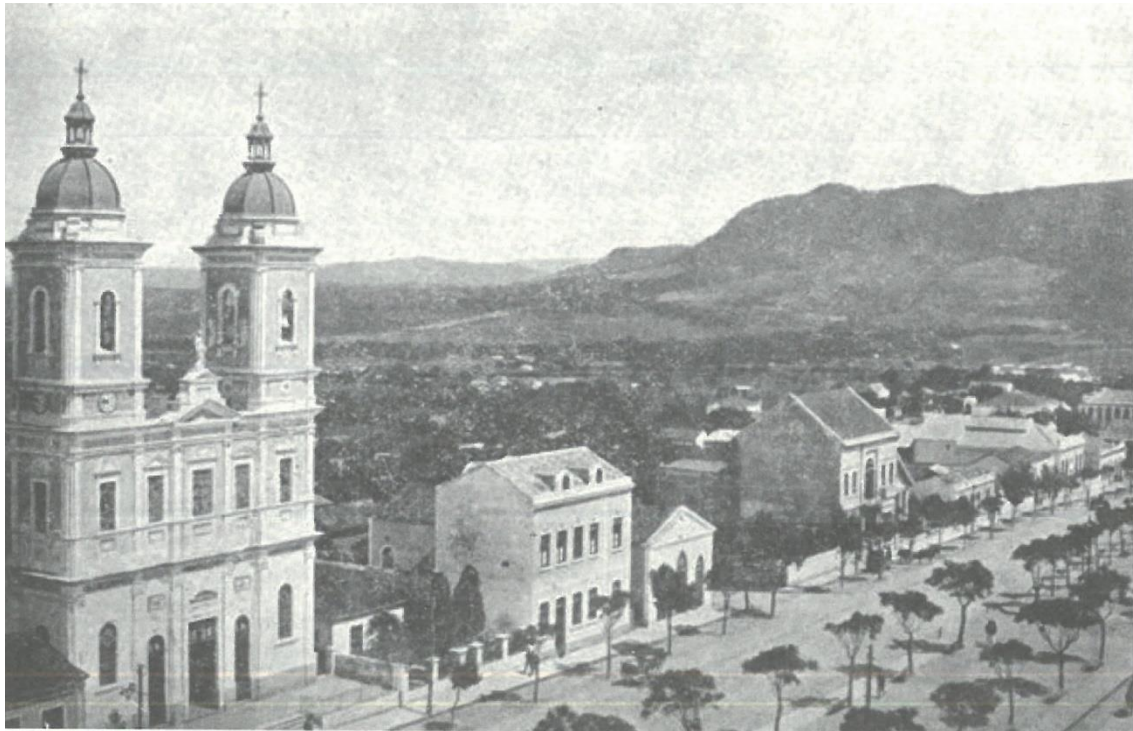
Em poucos anos como pároco, padre Caetano não só construiu obras significativas em Santa Maria, como transformou o clima hostil do lugar em um ambiente favorável para a Igreja Católica. Podemos ver isso, claramente, no episódio da visita do bispo dom Cláudio, em 1909, para a inauguração da nova igreja matriz. Alguns anos antes, o bispo tinha sido ameaçado de morte na cidade, entretanto, nessa ocasião, houve uma preparação para a visita do bispo, para a qual criou-se um ambiente festivo e acolhedor.

Vieram representantes de várias cidades do Rio Grande do Sul para o evento. A direção da estrada de ferro concedeu um desconto de 50% no valor da passagem, incentivando romeiros de outras cidades a acompanhar as solenidades (BIASOLI, 2010 p.114). Na estação férrea um grande número de fiéis compareceu para dar as boas-vindas ao bispo.

Toda a população, colégios, Apostolado, Filhas de Maria, autoridades civis e militares apareceram na estação de ferro. Parecia que Santa Maria em peso [...] queria desagravar a afronta sofrida pelo Ex. Sr. Bispo na última vez que tinha estado na cidade. [...] Não obstante a chuva, muita gente assistia à sagração que começou as oito horas da manhã e conclui-se as onze. [...] estava assim inaugurada a nova matriz depois de muitos anos de serviços, gastando-se a quantia de cento e cinquenta contos de reis (LIVRO TOMBO, Paróquia, nº 3, p. 88).

A inauguração da nova igreja matriz em substituição à antiga igreja em ruínas, assim como a calorosa recepção da maior autoridade católica do estado, são sinais de que o projeto ultramontano dos padres palotinos estava vencendo a batalha contra as pessoas que eram contrárias a Igreja Católica, em Santa Maria.

Figura 13 - Trecho da Avenida Progresso (atual Rio Branco), com a Igreja Matriz, inaugurada em 1909.



Fonte: Biasoli (2010, p. 222).

Probst (1989) escreve sobre o dia da inauguração da igreja matriz e sobre a amigável recepção ao bispo dom Cláudio:

As autoridades civis e militares, amigavelmente unidas, as associações religiosas e uma multidão incalculável de fiéis homenagearam-no com uma recepção soleníssima, nunca vista na cidade, e acompanharam-no até a matriz, que brilhava no esplendor do estilo uma basílica e na sua novidade ainda imaculada (PROBST, 1989, p.60).

Para Biasoli (2010, p.142), a construção da igreja matriz demonstra o papel empreendedor exercido pelo padre Caetano Pagliuca, que conseguiu mobilizar a comunidade e não deixar que faltassem recursos para que a obra fosse concluída. Os recursos vinham de várias fontes, como doações espontâneas, festas de igreja, colaboração das irmandades e confrarias, tudo sendo administrado pelo vigário, que controlava tudo, a fim de que a construção fosse realizada. A centralidade das ações na figura do padre

demonstra a mudança na concepção de Igreja, em que o sacerdote ultramontano centraliza as decisões e canaliza os recursos com a finalidade de construir a nova matriz.

Segundo Karsburg:

A nova matriz foi obra de um padre que, ao invés do confronto, optou por diálogo; foi obra da elite católica que viu nos palotinos uma congregação que trabalharia pelo progresso da cidade; foi uma obra feita em conjunto, que simbolizava a supremacia do grupo que patrocinou a construção do templo, mas, acima de tudo, a ascensão do catolicismo romano em Santa Maria. E esse novo catolicismo, clerical, sacramental e europeu, foi construído sobre o antigo, leigo, devocional e luso-brasileiro. Um era o moderno, significava o progresso; o outro era o atraso. E, apesar do Teatro Treze de Maio ter sido edificado tendo por alicerce as pedras da antiga igreja demolida em 1888, a nova Catedral também se assentou sobre as ruínas da velha matriz! (KARSBURG, 2007, p.293).

Shalins (2006, p.123) reflete se as ações históricas foram frutos de personalidades individuais ou foram frutos da ação coletiva. Para pensar a perspectiva da coletividade de uma sociedade, ele traz como referência a sociedade grega, em que os atenienses, por meio de sua democracia, permitiam aos cidadãos decidirem juntos, nas assembleias, o que reforçava a ideia de que as ações políticas e militares estavam nas mãos de corpos coletivos.

Para Sahlins (2006, p.128), há outros momentos em que a ação individual apresentase como algo extraordinário, decisivo para a mudança de um paradigma: “os sujeitos individuais substituem os coletivos”. Nesses casos, as pessoas responsáveis por tais feitos são reconhecidas como heróis, suas ações são registradas ao longo da história como fundamentais para que tais eventos acontecessem.

Conforme Sahlins:

A inversão estrutural na história é o princípio determinante de valor e relevância histórica, um *telos* que comanda a organização do relato. O contar histórico é o recontar, desde o começo, de um resultado já conhecido, aquele conhecimento que guia a seleção (dos arquivos) dos sucessivos eventos da narrativa (SAHLINS, 2006, p. 127).

No trabalho junto aos colonos, os sacerdotes palotinos, por meio de sua ação missionária, trouxeram toda sua bagagem cultural, estrutural e teológica, que passou a atuar na vida das pessoas, provocando rupturas e mudanças. A ação do padre Caetano Pagliuca como pároco de Santa Maria fez com que ele fosse reconhecido pela literatura eclesiástica como responsável pela consolidação e ascensão da Igreja Católica nessa cidade, no início do século XX.

Padre Caetano Pagliuca encontra o mesmo cenário que os demais sacerdotes haviam encontrado em Santa Maria: descrédito pelos padres, poucos fiéis e uma igreja em ruínas.

Entretanto, para enfrentar essa situação desfavorável, procurou outros caminhos, outras possibilidades e, com isso, colocou a Igreja Católica em uma posição capaz de fazer frente a forças que eram contrárias a sua presença na cidade. Para conseguir superar as dificuldades encontradas como pároco, Pagliuca precisou buscar novas estratégias, ousar, procurar novos paradigmas, visando conquistar um espaço e uma posição social que a Igreja Católica ainda não tinha.

O trabalho missionário realizado pelos padres palotinos na paróquia de Santa Maria, aos poucos, foi dando frutos. A construção da nova matriz, a vinda de congregações religiosas, o aumento do número de fiéis participando dos eventos religiosos, a capacidade dos sacerdotes de buscar apoio junto da sociedade santa-mariense, entre outras ações modificaram o cenário encontrado pelos primeiros sacerdotes palotinos que chegaram à cidade. Gradativamente, os palotinos foram vencendo as resistências e ampliando sua atuação, dando à Igreja Católica mais força para implementar suas ações em consonância com os bispos e com a Cúria Romana.

Segundo Biasoli:

A Igreja atuava em várias frentes, e no final da década de 1910, estava consolidada em Santa Maria. A construção da matriz possibilitara a base para o estabelecimento do bispado, as escolas católicas ofereciam a resposta à disseminação dos valores liberais, forjando uma juventude e futura elite afinada com os valores da romanização, assim como a atuação no hospital e nas obras beneficentes colocava a Igreja no campo social (BIASOLI, 2010, p. 182).

O apoio que os Palotinos receberam dos bispos foi imprescindível para que suas atividades tivessem sucesso. Os bispos bebiam da mesma fonte ultramontana e estavam interessados em modificar a face da Igreja no Rio Grande do Sul, contando com sacerdotes que fossem mais dedicados à missão evangelizadora da Igreja. Com essa nova situação que a cidade estava vivenciando, “esse extraordinário crescimento religioso, aliado à posição geográfica de coração do Rio Grande, fez com que o nome de Santa Maria fosse cogitado para ser diocese” (BONFADA, 1991, p.111). Em 1910, foi criada pela Santa Sé a diocese de Santa Maria.

Figura 14 - Clero católico em Santa Maria. O padre Caetano está sentado à direita do bispo D. Miguel. Centenário de Santa Maria, 1914.



Fonte: Bonfada (1991, p.104).

4.2 OS BISPOS ULTRAMONTANOS , APOIO E PARCERIA COM OS PADRES PALOTINOS PARA INSERIR NA QUARTA COLÔNIA UMA IGREJA ROMANIZADA

Se é verdade que os padres da Pia Sociedade das Missões enfrentaram, em alguns núcleos coloniais, oposição ao seu modelo de Igreja, é verdade também que receberam, em vários momentos, apoio dos bispos que eram responsáveis pela diocese do Rio Grande do Sul e, a partir de 1910, pela diocese de Santa Maria.

A Igreja existente no Rio Grande do Sul e, de certa forma, em todo o Brasil, estava em decadência.

Segundo Rambo:

O atendimento pastoral dos fiéis estava a cargo de um tipo de clero impregnado de um espírito laico incompatível com a proposta ultramontana de Restruturação Católica. Muitos curas e muitos padres estavam filiados a maçonaria.

Orientavam sua ação pastoral, se é que se pode chamá-las assim, em sintonia com as ordens, ou, pior ainda, ao sabor das veleidades dos chefes políticos locais, dos detentores do poder econômico... O que importava eram as festas ruidosas, nas quais explodia uma manifestação religiosa eivada de comportamentos profanos a ponto de mascarar qualquer sinal de religiosidade autêntica. A conduta particular dos membros do clero não sugeria em nada o perfil do sacerdote traçado pelas normas da igreja (RAMBO IN DREHER, 1998, p. 150).

Diante do estado em que se encontrava o clero gaúcho e, de modo geral, a Igreja no Rio Grande do Sul e no Brasil, vários bispos brasileiros considerados reformadores, optaram por trazer padres e religiosos da Europa. Entre eles, dom Cláudio Ponce de Leão, que não mediu esforços para que se instalassem em sua diocese várias congregações religiosas (DE BONI, IN DECANAL, 1996).

Segundo De Boni:

Colocando-se acima de nacionalidades, e pensando apenas em termos de igreja, D. Claudio bateu às portas de todas as ordens e congregações do velho mundo, pedindo reforço, enquanto não pudesse contar com elementos nativos. Solicitava padres aos bispos seus colegas; solicitava mais religiosos a quem já havia se estabelecido no Estado; solicitava que abrissem o quanto antes uma missão os que ainda não se haviam feito presentes (DE BONI IN: DECANAL, 1996. p.240).

Dom Cláudio Ponce de Leão estava disposto a reformar a Igreja do Rio Grande do Sul. Essa reforma precisava partir da própria Igreja, de sacerdotes que fossem exemplos dessa nova Igreja, sacerdotes que bebesses da fonte do ultramontanismo, que fossem fiéis à Cúria Romana. Dentro desse contexto, os padres da Pia Sociedade das Missões foram convidados por colonos imigrantes de Vale Vêneto para atuarem em seu núcleo colonial: “é interessante assinalar a concordância do bispo de Porto Alegre, D. Sebastião Laranjeiras, com o projeto missionário dos palotinos” (VÉSCIO, 2005, p.276).

De acordo com Biasoli (2010), dom Cláudio Ponce de Leão via na Pia Sociedade das Missões “uma forte aliada para as reformas do Catolicismo, a qual implicaria na construção de um estado e uma sociedade regida por valores cristãos, e concedia-lhes o governo de curatos e paróquias” (BIASOLI, 2010, p. 114). Em poucos anos de missão no estado, a Pia Sociedade das Missões recebeu de dom Cláudio várias paróquias e, com isso, um número grande de fiéis para serem atendidos. Os palotinos receberam apoio do bispo para expandir seus domínios; eram eles sacerdotes que gozavam da confiança de dom Cláudio para modificar o cenário da Igreja em vários núcleos coloniais e cidades do Rio Grande do Sul.

Segundo Bonfada (1991), dom Cláudio, em carta ao superior palotino Pedro Wimmer, escreveu:

Entreguei a freguesia de Santa Maria a V. Revma. com o desejo de favorecer a Pia Sociedade das Missões, dando-lhe uma freguesia rendosa, reunindo todos os Revdos. Padres Palotinos ao redor de Santa Maria, o que concluí nomeando o Revdo. Padre Mathias vigário de Silveira Martins (BONFADA, 1991, p. 129).

No trecho da carta enviada por dom Cláudio ao superior da missão palotina padre Pedro Wimmer, é possível identificar que o bispo acreditava que a missão palotina vinha fazendo um bom trabalho pelas colônias do Rio Grande do Sul. Sendo assim, era oferecida aos sacerdotes da Pia Sociedade das Missões a paróquia de Santa Maria, que era a bastante rendosa e reunia em torno dela os sacerdotes palotinos que atuavam pela Quarta Colônia de Imigração Italiana.

De acordo com Bonfada (1991), dom Sebastião Laranjeiras recebeu várias solicitações dos colonos nos núcleos coloniais, pedindo que os sacerdotes palotinos lhes prestassem assistência. O bispo não hesitou diante do pedido dos colonos e autorizou que os palotinos atendessem os núcleos coloniais que estavam em formação: Dona Francisca, Geringonça (Novo Treviso), Soturno (Nova Palma) e Núcleo Norte (Ivorá). Os palotinos foram convidados, também, a atender as demais comunidades fora da Quarta Colônia de Imigração Italiana, exigindo dos sacerdotes viagens distantes para responder às solicitações dos cristãos espalhados pelo solo sul-rio-grandense.

Segundo Bonfada:

Tínhamos os Palotinos entrando firmes em ritmo de Brasil: vastas extensões e milhares de pessoas por toda parte. Como não havia capelas, os ofícios divinos realizavam-se em casas de famílias e até em ranchos de sapé ou mesmo à sombra das árvores. O que, porém, mais desafiava a sua fibra missionária eram as descomunais distâncias, as exaustivas cavalgadas de léguas e léguas pelas florestas e pelos campos infinitos (BONFADA, 1991, p. 51).

A vinda dos palotinos, como já referimos anteriormente, se deveu a um grupo de colonos de Vale Vêneto, que desejava ter um sacerdote morando em seu núcleo colonial. Ao desenvolverem seu trabalho a partir de Vale Vêneto, os sacerdotes palotinos foram sendo convidados por dom Cláudio a assumir outros núcleos e, mais tarde, a paróquia de Silveira Martins, que, por ser a sede da Quarta Colônia, era um local com muitos féis. Por ser um bispo ultramontano, dom Cláudio confiou em congregações que bebiam da mesma

fonte, que eram fiéis à Cúria Romana, e entre essas congregações estava a Pia Sociedade das Missões.

Para Vécio:

A situação que se encontrava a Igreja no Rio Grande do Sul era propícia, então, para atuação de uma ordem religiosa missionária que vinha com o aval do papa. D. Sebastião acolheu com entusiasmo os palotinos, vendo neles a possibilidade de homogeneizar a ação pastoral e colocar párcos e fiéis no mesmo universo simbólico, conforme o ideário ultramontano, e combater a opinião pública popular anti-religiosa e anti-jesuítica que predominava na província (VÉSCIO, 2005, p, 277).

A expansão pelos núcleos coloniais exigiu dos padres Palotinos superar algumas resistências de pessoas ou grupos que não concordavam e não queriam que eles fossem seus diretores espirituais. Andrea Pozzobon, uma forte liderança da comunidade de São Marcos, não mediu esforço para que a comunidade não ficasse submetida aos padres ultramontanos. Pozzobon (1987), em suas memórias faz referência a expansão dos sacerdotes Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana e o fato dos sacerdotes da Pia Sociedade das Missões serem beneficiados pelo bispo de Santa Maria.

Segundo Pozzobon:

Como era de se prever, devido à grande e escandalosa pressão exercida pelos Palotinos contra São Marcos, a suas instâncias é declarada paróquia a igreja de São Pedro, com o acordo do bispo de Santa Maria, mais palotino que os Palottinos, cabendo-lhe uma área de jurisdição extraordinária (POZZOBON, 1997, p.209).

Na sede da colonização Silveira Martins os sacerdotes palotinos enfrentaram resistência de grupos organizados que possuíam força suficiente para erguer em frente à igreja matriz uma estátua em homenagem a Garibaldi herói do processo de unificação da Itália. Padre Sório, no período em que atuou em Silveira Martins, procurou impedir a ação dos sacerdotes palotinos pelos núcleos coloniais.

Os padres da Pia Sociedade das Missões tiveram problemas internos que atrapalharam seu projeto de inserção pelos núcleos coloniais. Como vimos, padre O' Connor tinha dificuldade de relacionamento com seus confrades e não aceitava as orientações de seus superiores. Em alguns momentos, a divisão dos padres palotinos causou atritos e mal-estar dentro dos núcleos coloniais, uma vez que suas ideias eram apoiadas por grupos de imigrantes.

Mesmo com todos esses problemas, resistências, divergências e atritos, o trabalho missionário que os palotinos estavam dispostos a executar na Quarta Colônia de Imigração Italiana foi se expandindo. Para o sucesso dessa empreitada, é possível verificar que os padres palotinos sempre contaram com o apoio de algumas pessoas e instituições para solidificar seu trabalho. Em um primeiro momento, os colonos italianos deram suporte para que os padres desenvolvessem sua missão, além de algumas lideranças que se destacavam nos núcleos que não mediam esforços para que os padres ficassem em suas comunidades, como é o caso de Paulo Bortoluzzi, um dos primeiros moradores de Vale Vêneto.

A expansão do trabalho missionário dos padres palotinos pela Quarta Colônia de Imigração Italiana contou com o apoio dos bispos que, em vários momentos, estiveram ao lado dos sacerdotes, dando a eles suporte para enfrentar as resistências que surgiam ao seu trabalho. Assim como os colonos e lideranças dos núcleos coloniais, posteriormente, lideranças do município de Santa Maria foram aliadas dos sacerdotes e corresponsáveis por vários empreendimentos que permitiram que o catolicismo ultramontano se solidificasse na região.

O trabalho dos sacerdotes palotinos em Santa Maria, teve, no início, grandes dificuldades, uma vez que os padres enfrentavam movimentos que eram contrários ao projeto ultramontano que estavam implementando na Quarta Colônia de Imigração Italiana. Na tentativa de identificar quem eram seus “inimigos”, os primeiros escritos dos sacerdotes identificavam a maçonaria como a força que tentava destruir a Igreja, e esses documentos antigos acabaram influenciando os demais escritos de religiosos no decorrer dos anos.

Biasoli (2010) e Kasburger (2007) demonstram, em seus estudos, que a maçonaria tinha uma organização na cidade e tinha um discurso antirreligioso, vendo a Igreja como um atraso para a cidade. Para os autores citados, a reação contrária à Igreja Católica não era somente da maçonaria e, sim, de uma elite liberal, que via a Igreja, seus sacerdotes e a Cúria Romana como entraves para o progresso da cidade. A situação da Igreja Católica começou a mudar quando assumiu a paróquia o padre Caetano Pagliuca. Este procurou evitar o confronto com opositores da Igreja e buscou apoio das pessoas influentes da cidade para que seus projetos tivessem êxito. Ele viu nas escolas confessionais um forte aliado para educar as crianças e jovens dentro da visão cristã de mundo.

O apoio que os padres palotinos receberam dos bispos foi outro elemento de grande importância para que seu trabalho tivesse sucesso, pois os bispos bebiam da mesma fonte

ultramontana e viam no trabalho dos palotinos uma oportunidade de evangelizar regiões do Rio Grande do Sul, de acordo com as orientações da Cúria Romana.

A ampliação das atividades dos padres palotinos em Santa Maria resultou da soma de vários fatores: um pároco capaz de identificar e mobilizar os cristãos em torno dos mesmos objetivos, o apoio dos bispos para que o trabalho fosse realizado e o empenho de algumas lideranças da elite santa-mariense para que as obras da Igreja Católica tivessem sucesso.

Figura 15 - Sacerdotes Palotinos em Vale Vênto, em 2013, na comemoração dos 50 anos de canonização de São Vicente Pallotti.



Fonte: Zarro (2015, p.27).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A inserção dos Palotinos na Quarta Colônia de Imigração Italiana foi relevante para os imigrantes italianos e para os sacerdotes palotinos, pois os colonos queriam ter junto da terra na qual estavam reconstruindo suas vidas a presença de padres que lhes oportunizassem vivenciar os sacramentos, como lhes era comum em sua terra natal. Assim, a Pia Sociedade das Missões viu nesse chamado a oportunidade de ampliar seu trabalho missionário, em um continente que necessitava de sacerdotes para evangelizar por locais onde a presença da Igreja era ainda incipiente.

No primeiro capítulo de nosso trabalho, abordamos a vinda dos imigrantes italianos para o Rio Grande do Sul. Os camponeses italianos estavam cansados de trabalhar na terra dos senhores, nas quais ganhavam mal e viviam em condições precárias. A possibilidade de vir para o Brasil e ser dono de sua terra passou a ser um sonho para milhares de camponeses que viviam na Itália recém-unificada, com uma grande parcela da população empobrecida. A busca por uma vida melhor, em uma terra que seria sua, foi o que motivou camponeses italianos a deixar sua terra e vir se instalar na Quarta Colônia de Imigração Italiana. O caminho até chegar ao seu lote de terra foi marcado por vários momentos: a viagem de navio até o Rio de Janeiro, a quarentena, a viagem até Porto Alegre, o largo trecho de carreta ou a pé até o barracão local em que os imigrantes ficaram por vários meses até serem divididos os lotes de terra.

No segundo capítulo, abordamos a religiosidade dos imigrantes. Ao virem para o Brasil trouxeram junto com suas poucas bagagens sua religiosidade cristã. A religião foi um elemento fundamental para que os colonos pudessem ressignificar as dificuldades dos primeiros anos na terra por eles sonhada, mais ainda em construção. Lentamente, foram se estruturando, abrindo a mata, plantando e colhendo as primeiras safras, organizando os pequenos núcleos coloniais. Entretanto, lhes faltava algo. Sentiam a falta de sacerdotes para lhes prestar auxílio religioso, queriam celebrar a missa, batizar os filhos, casar os jovens com as normas com as quais foram socializados. Por mais que pedissem auxílio à paróquia de Santa Maria, não tinham a presença de um sacerdote vivendo junto deles. Um grupo de colonos de Vale Vêneto enviou, então, até a Itália um representante, a fim de conseguir padres. Nessa ação, bateram à porta da Pia Sociedade das Missões que, depois de visitar

Vale Vêneto, enviou dois padres para atender os colonos, iniciando, assim, o trabalho dos padres palotinos na América Latina.

No terceiro capítulo, discorremos sobre o processo de inserção dos padres palotinos pelos núcleos coloniais. Os sacerdotes iniciaram esse processo em Vale Vêneto, onde a comunidade fez de tudo para que o projeto evangelizador proposto pelos palotinos tivesse êxito. Aos poucos, os padres foram sendo solicitados para atender os demais núcleos coloniais que estavam se desenvolvendo e que, assim como Vale Vêneto, não tinham auxílio religioso. Em alguns núcleos, o trabalho se desenvolveu sem maiores problemas, a não ser as longas distâncias percorridas em lombos de cavalos ou pé por estradas rudimentares ou inexistentes. Entretanto, em alguns núcleos coloniais, o trabalho missionário sofreu muita resistência por parte de algumas lideranças que não comungavam com o modelo de Igreja pregado pelos sacerdotes palotinos.

No quarto capítulo, trabalhamos a inserção dos padres palotinos no município de Santa Maria, em que a Igreja Católica estava enfrentando, havia tempos, muita resistência, a qual culminou com a agressão física a um pároco e com ameaças ao bispo de Porto Alegre quando estava na cidade para uma visita pastoral. Nesse ambiente é que os padres palotinos iniciaram seu trabalho na cidade, num primeiro momento resistindo às ameaças e, a partir da chegada do padre Caetano Pagliuca, buscando ações que levassem a Igreja Católica a ter um papel mais atuante e consolidado na cidade de Santa Maria. Padre Caetano Pagliuca procurou o apoio de pessoas que não eram contrárias à Igreja e que, de alguma forma, possuíam influência sobre a sociedade. Dessa forma, conseguiu construir a igreja matriz, uma ala do Hospital de Caridade e, com a vinda de congregações religiosas que trabalhavam no campo educacional, oferecer à comunidade santa-mariense uma educação cristã católica de acordo com os dogmas propostos pela Cúria Romana. Assim, a Igreja Católica foi aumentando o número de fiéis e, gradativamente, se consolidando como uma forte instituição na cidade.

A inserção dos padres palotinos pela Quarta Colônia de Imigração Italiana, a partir de Vale Vêneto, assim como a consolidação de seu trabalho missionário no município de Santa Maria, são fruto do trabalho de muitos sacerdotes, que tinham o firme propósito de anunciar o evangelho de Jesus Cristo e criar, nos núcleos coloniais, a vivência dos valores cristãos, segundo as determinações da Cúria Romana.

Nossa pesquisa procurou salientar que a missão palotina enfrentou muitas turbulências para conquistar seus objetivos. Não foram poucos os problemas, alguns relatados em nosso trabalho, como o atrito existente entre alguns sacerdotes palotinos, a resistência de algumas lideranças ao modelo de Igreja exigido pelos padres, um número reduzido de sacerdotes para atender uma grande área territorial, os atritos com o clero de cunho liberal, que apresentava uma Igreja mais livre das orientações da Cúria Romana e, no município de Santa Maria, uma forte resistência de grupos que queriam que a Igreja se submetesse aos seus interesses, além do próprio descrédito dos sacerdotes junto à população da cidade.

Podemos concluir que foram vários os obstáculos e muitos os desafios, contudo, em poucos anos, o projeto missionário dos palotinos venceu as adversidades e se consolidou nos núcleos coloniais e no município de Santa Maria como uma instituição importante, de modo que sua influência se firma tanto nos núcleos coloniais como em Santa Maria, seja em assuntos políticos, educacionais, econômicos e sociais.

Vimos que, ao longo dos anos, foram surgindo alguns sacerdotes que se destacaram nesse projeto missionário, como os padres João Iop, Rafael Iop e Caetano Pagliuca. Porém, a missão palotina foi sendo conduzida por um grande número de missionários que hoje são, pela grande maioria, desconhecidos, mas que tiveram sua importância na ampliação da congregação na região.

A ampliação dos trabalhos dos padres palotinos passou também pelas relações que foram construindo com os imigrantes que, além de fiéis eram colaboradores nas mais variadas frentes, viam os sacerdotes como guias, que lhes indicavam o caminho do seguimento de Jesus e lhes oportunizavam a vivência dos sacramentos cristãos. A construção de seminários, igrejas e escolas foi possível pela contribuição dos fiéis católicos, que não mediam esforços para que a Igreja se desenvolvesse na região colonial. Em Santa Maria, padre Caetano Pagliuca buscou, além dos fiéis católicos, apoio de pessoas que tinham certa influência na cidade para que suas obras obtivessem os recursos e apoio necessários para se desenvolver.

O apoio dos bispos foi decisivo para que os sacerdotes palotinos se instalassem na região da Quarta Colônia e, posteriormente, em Santa Maria. Os bispos tinham interesse que as congregações europeias viessem para o estado e, pouco a pouco, fossem substituindo os padres de cunho liberal, que não comungavam com as orientações da Cúria Romana. Os

palotinos eram fiéis ao ideário ultramontano, fiéis ao bispo, ao papa e à Igreja romanizada.; Isso fez com que os bispos diocesanos fossem dando aos palotinos cada vez mais espaço para realizar sua missão, tanto que, em vários atritos que ocorreram, os bispos sempre apoiaram os sacerdotes da Pia Sociedade da Missões.

Em suma, este estudo procurou salientar a conjugação de formas que foram importantes para a ampliação da atuação dos palotinos na região. Num campo político e social tenso, eles souberam fazer sua perspectiva se ampliar e ganhar espaço. A inserção no mercado educacional e em atividades sociais lhes permitiu o acesso a bens e pessoas que, em muito, contribuíram para o desempenho religioso da congregação.

REFERÊNCIAS

AMOROSO, Francesco SAC. **São Vicente Pallotti: romano.** Trad: Pe. Dorvalino Rubin. Santa Maria: Biblos, 2005.

BELTRÃO, Romeu. **Santa Maria:** o passado pitoresco, em prosa fluída. Santa Maria, RS: Ed. UFSM, 2018.

BENEDUZI, Luiz Fernando. **Imigração Italiana e Catolicismo:** entrecruzando olhares, discutindo mitos. Porto Alegre: EDPUCRS, 2008.

BENEDUZI, Luís Fernando. **Os fios da nostalgia:** perdas e ruínas na construção de um Vêneto imaginário / 1. ed. Porto Alegre, RS: Ed. da UFRGS, 2011.

BIASOLI, Vitor. **O catolicismo ultramontano e a conquista de Santa Maria.** Santa Maria: UFSM, 2010.

BIASOLI, Vitor. **A matriz católica da ex-Quarta Colônia de imigração italiana.** MÉTIS: história & cultura – v. 9, n. 17, p. 117-131, jan./jun. 2010.

BONFADA, Genésio. **Os palotinos no Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Pallotti, 1991.

BOURDIEU, Pierre. **La eficacia simbólica:** religión y política.- la. ed. - Buenos Aires: Biblos, 2009.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Série Cultura e educação. 3. Humanizar é educar. O desafio de formar pessoas através da educação. Disponível em: http://www.aaparomeopolis.seed.pr.gov.br/redeescola/escolas/16/164/130/arquivos/File/4_HUMANIZAR_EH_EDUCAR.pdf. Acesso em:10/11/2019.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura.** Campinas, SP. Mercado das Letras, 2002.

BURMANN, Pe. Francisco. **Memórias.** Arquivo da Província Nossa Senhora Conquistadora. Santa Maria, 1910.

DE BONI, Luiz Alberto (org.). **La Mérica:** escrito dos primeiros imigrantes italianos. Caxias do Sul: UCS; Porto Alegre: Est, 1977.

DE BONI, Luiz Alberto (org.). **Presença italiana no Brasil.** Porto Alegre: EST, 1987.

DECKER, Norberto. **Um debate acerca da formação da secularidade católica a partir das imigrações europeias no final do século XIX.** Religião e Sociedade, Rio de Janeiro, 39(1): 101-119, 2019.

DUMONT, Luis. **O individualismo:** uma perspectiva antropológica da ideologia moderna. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

DREHER, Martin N. **Populações rio-grandenses e modelos de Igreja.** Porto Alegre: Edições EST: São Leopoldo: Sinodal, 1998.

CENNI, Franco. **Os italianos no Brasil.** São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

- COSTA, Rovílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: EST/EDUCS, 1986.
- DACANAL, José H. **RS: Imigração e colonização**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1996.
- ERTL, Edgar Xavier; MACHADO, Evandro José; HAHN, José Carlos. **Colégio Máximo Palotino, uma história de 50 anos (1958-2008)**. Santa Maria, RS: Biblos, 2009.
- FACCO, Pe. Casemiro. **Nossos antepassados palotinos**. Santa Maria, RS: Editora Pallotti, 1995.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- FRANZINA, Emilio. **A grande emigração: o êxodo dos italianos do Vêneto para o Brasil**. Campinas, São Paulo: Unicamp, 2006.
- GAYNOR, Juan Santos. **Vida e obra de São Vicente Pallotti**. Trad: João Batista Quaini SAC. Santa Maria: Biblos, 2003.
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.
- GIRON, Loraine Slomp. **História da imigração italiana no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre, RS: Ed. EST, 2007.
- GROSSELLI, Renzo M. **Vencer ou morrer: Camponeses Trentinos (Vênetos e Lombardos) nas florestas brasileiras**. Trad. Solange Ugo Lopes e Ciro Mioranza. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1987.
- HETTENKOFER, Joannes. **História da Pia Sociedade das Missões (1835-1909)**. Trad. Humberto Geller e Bernardino Trevisan. Santa Maria: Biblos, 2003.
- KARSBURG, Alexandre de Oliveira. **As ruínas da velha matriz: religião e política em tempos de ferrovia**. Santa Maria: UFSM, 2007.
- KUHN, THOMAS S. **A estrutura das revoluções científicas**. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- IOP, Pe. Rafael. **Vicente Pallotti e a sua obra**. Santa Maria, RS: Escola Tip. Santo Antônio, 1936.
- IOTTI, Luiza Horn. **Imigração e poder: a palavra oficial sobre os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul**. Caxias do Sul. RS: EDUCS, 1996.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia estrutural**. Tempo Brasileiro: Rio de Janeiro, 1970.
- LÔNDERO, Pe. Ângelo. **Por uma formação cristã e palotina**. Santa Maria: BÍBLOS, 2017.
- LORENZONI, Júlio. **Memórias de um imigrante italiano**. Trad. Armida Lorenzoni Pereira. Porto Alegre: Sulina, 1975.
- LUCAS, Fernanda dos Santos; BONELLI, Sonia Maria; CASARIN, Ir. Cleusa Maria. **Vicente Pallotti, um homem, um santo**. Porto Alegre: Editora Pallotti, 2002.
- MACHADO, Cesar Pires. **Buona Gente: marcha para o sul**. Porto Alegre, RS: EST, 2005.
- MAGRO, Claudino. **História de nossa parentela**. Santa Maria: Pallotti, 2001.

- MARIN, Jerri Roberto (org). **Quarta Colônia: novos olhares**. Porto Alegre: EST, 1999.
- MENEZES, Renata de Castro. **A bênção de Santo Antônio em um convento carioca**. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 24-35, setembro/novembro 2005.
- MIOLA, Pe. Aleksandro. **Informativo palotino**, Santa Maria, 2011, p. 5.
- MERLOTTI, Vania Beatriz Pasani. **O mito do padre entre os descendentes italianos**. Porto Alegre, Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Caxias do Sul, 1979.
- NETO, João Simões Lopes. **Contos Gauchescos**. Porto Alegre: Martins Livreiro, 1991.
- OTTO, Clarícia. **Catolicidades e italianidades: tramas e poder em Santa Catarina (1875 - 1930)**. Florianópolis: Insular, 2006.
- PIERROT, Alain. **Aprendizagem e representação**. Os antropólogos e as aprendizagens. Horizontes Antropológicos. Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 49-80, jul./dez. 2015. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-71832015000200004>
- PIZZOLATTO, Valentim. **A Igreja: na perspectiva do século XIX e no profetismo de Vicente Pallotti**. Porto Alegre: Pallotti, 2003.
- POSSAMAI, Paulo C. **Igreja e italianidade: Rio Grande do Sul (1875-1945)**. Revista de História 141 (1999), 75-90.
- POSSAMAI, Paulo C. **“O sepulcro do pudor”**: o combate aos bailes e a imposição de uma moral monacal pelos missionários imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. MÉTIS: história & cultura – v. 2, n. 4, p. 247-262, jul./dez. 2003.
- POZZOBON, Zolá. **Uma odisseia na América**. Caxias do Sul: EDUCS, 1997.
- PROBST, Carlos. **História da província da Pia Sociedade das Missões (PSM – Palotinos)**. Londrina: 1989. Texto datilografado.
- QUAINI, Iolanda Cesca. **La Stória dei nostri noni: sobre a imigração italiana ao Rio Grande do Sul**. Porto Alegre RS: Myruan, 2005. 175 p. (Livro)
- QUAINI, João Batista. **Origem histórica da província Nossa Senhora Conquistadora: Primeira Parte**. Santa Maria: Biblos, 2016.
- RABELO, Miriam. **Aprender a ver no candomblé**. Revista USP, São Paulo, n.67, p. 24-35, setembro/novembro 2005.
- RIGGO, Pe. Enio José. **A Diocese de Santa Maria RS (1910-2010): eu te agradeço, pelo teu imenso amor**. Santa Maria: Pallotti, 2010.
- RIGHI, José Vicente; BISOGNIN, Edir Lucia; TORRI, Valmor. **Os povoadores da Quarta Colônia**. Porto Alegre: EST, 2001.
- SAHLINS, Marshall David. **A história e cultura: apologia a Tucídides**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- SANTIN, Silvino. **A imigração esquecida**. Porto Alegre: EST, 1986.
- SANTIN, Silvino; ISAIÁ, Antônio. **Silveira Martins, patrimônio histórico-cultural**. Porto Alegre: EST, 1990.

SAQUET, Marcos Aurélio. **Território e identidade**. Anais do X Encontro de Geógrafos da América Latina – 20 a 26 de março de 2005 – Universidade de São Paulo.

SAYD, Abdelmalek. **O retorno: elemento constitutivo da condição do imigrante**. Travessia – Revista do Migrante: Ano XIII, 2000.

SCHWINN, Pe. Frederico. **Manuscritos**. Arquivo da Província Nossa Senhora Conquistadora. Santa Maria, 1918.

SPONCHIADO, Breno Antônio. **Imigração & 4º Colônia e Pe. Luizinho**. Santa Maria: Pallotti, 1996.

TODISCO, Pe. Francisco SAC (org). **São Vicente Pallotti**. Trad. Pe. Dorvalino Rubin. Santa Maria: Biblios, 2006.

VENDRAME, Inês Maria. **“Lá éramos servos, aqui somos senhores”**: A organização dos imigrantes italianos na organização da ex-colônia de Silveira Martins. Santa Maria: UFSM, 2007.

VÉSCIO, Luiz Eugênio. **O crime do Padre Sório**: maçonaria e Igreja Católica no Rio Grande do Sul (1893-1928). Santa Maria: UFSM, 2001.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. 13. ed. São Paulo: Pioneira, 1999.

WEBER, Max. **Conceitos sociológicos fundamentais**. Tradução Artur Mourão. Universidade da Beira Interior Covilhã, 2010.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Fé, trabalho e família**: a construção das memórias entre descendentes de imigrantes italianos. Revista USP, São Paulo, n.72, p. 161-170, dezembro/fevereiro 2006-2007.

ZANINI, Maria Catarina Chitolina. **Italianidade no Brasil meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria, RS. Santa Maria: UFSM, 2006.

ZANINI, Maria Catarina Chatolina; TEDESCO, João Carlos. **Migrantes ao sul do Brasil**. Santa Maria: UFSM, 2010.

ZARO, Pe. Jadir. **A província Nossa Senhora Conquistadora**: nossa História, nossa Trajetória. Santa Maria: Pallotti, 2016.

WAGNER, Roy. **A invenção da cultura**. São Paulo. UBU Editora, 2017.

Cinquantenario della colonizzazione italiana nel Rio Grande del Sud. Porto Alegre, RS: Posenato Arte & Cultura, 2000.

Imigração italiana no Rio Grande do Sul: vida, costumes e tradições / Porto Alegre, RS: Ed. da Universidade de Caxias do Sul, 1986.

Livro Tombo da Catedral de Santa Maria n.3 (1889-1914).